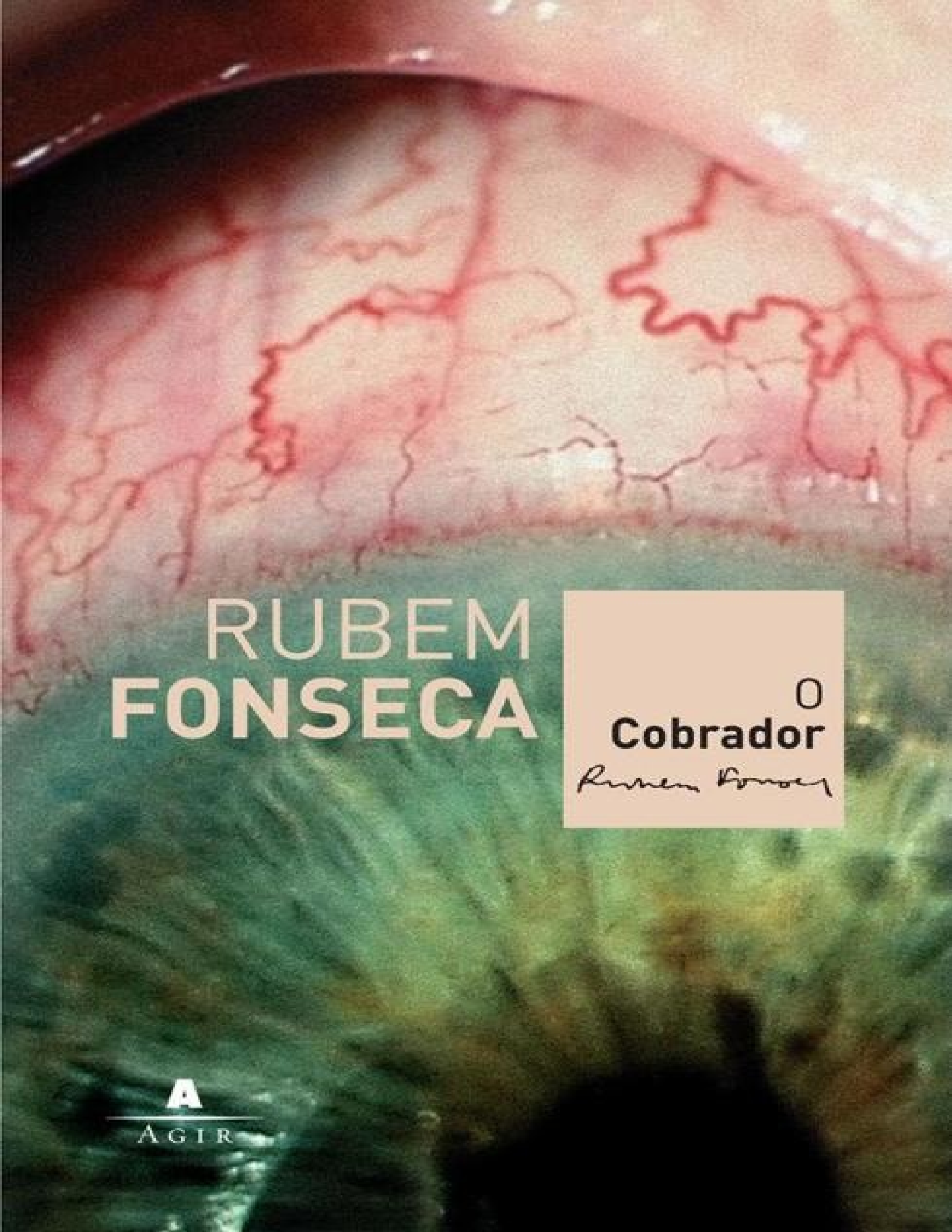

RUBEM
FONSECA
O
Cobrador
Rubem Fonseca
A
AGIR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

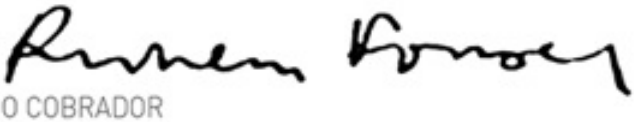
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

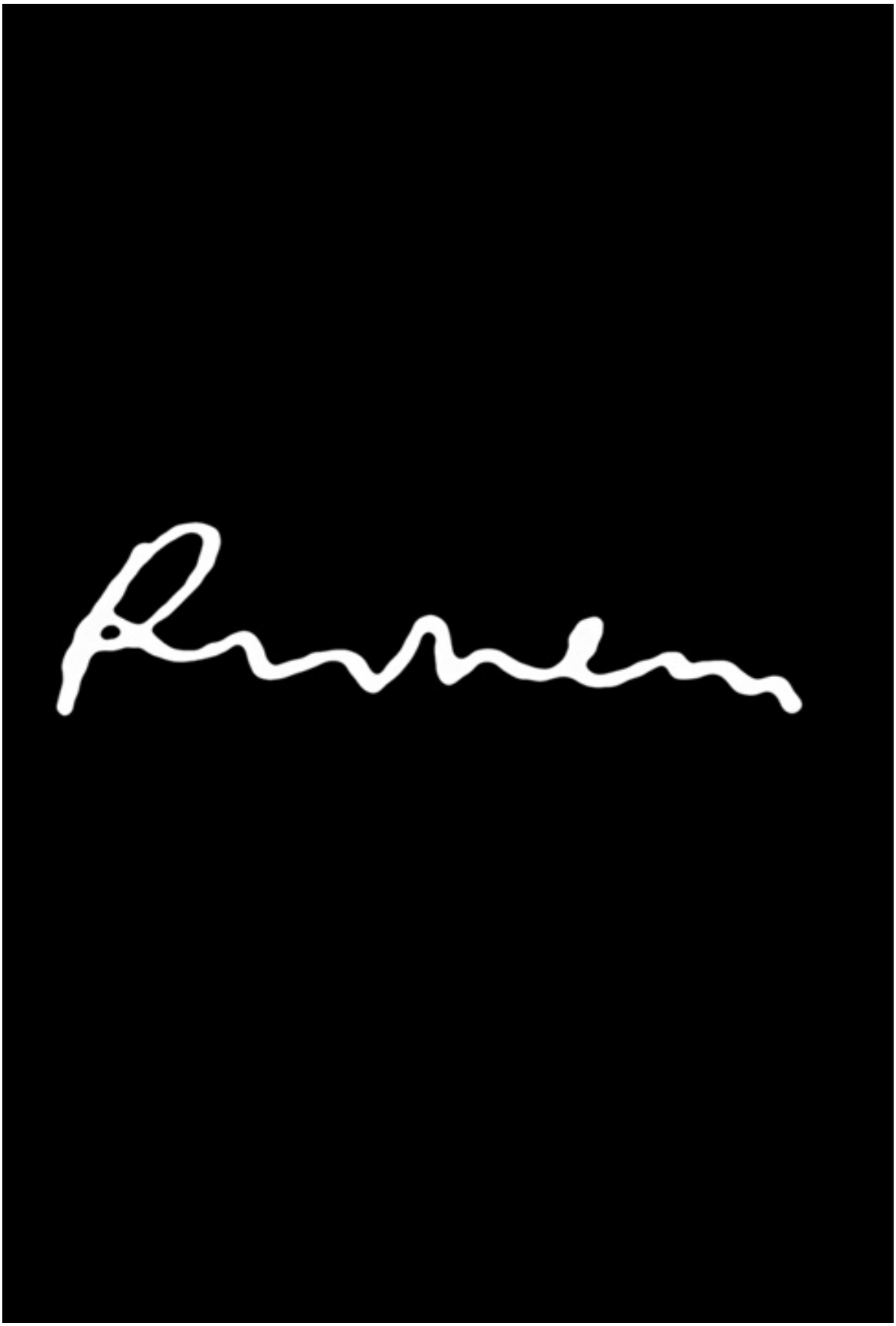
"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

RUBEM
FONSECA



1979 O COBRADOR

A
AGIR





O COBRADOR

Rubem Fonseca

“powered by www.gatosabido.com.br”
Copyright © 1979 Rubem Fonseca
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.02.1998
Coordenação da edição
Sérgio Augusto
Revisão
Maria Clara Jerônimo
Rosana Alencar
Capa
Retina 78
Texto estabelecido segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.
CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.
F747c
4.ed. Fonseca, Rubem, 1925-
O Cobrador / Rubem Fonseca. - 4.ed. - Rio de Janeiro : Agir, 2010.
ISBN 978-85-220-1187-2
1. Conto brasileiro. I. Título.
CDD 869.93
09-6378 CDU 821.134.3(81)-3
Todos os direitos reservados à Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Agir é um selo da Editora Nova Fronteira Participações
Rua Nova Jerusalém, 345 – CEP 21042-235 – Bonsucesso – Rio de Janeiro – RJ
tel.: (21) 3882-8200 fax: 3882-8212/8313

Ride, ridentes!

Derride, derridentes!

Risonhai aos risos, rimente risandai!

Derride sorrimente!

Risos sobrerrisos — risadas de sorrideiros risores!

Hílare esrir, risos de sobrerridores riseiros!

Sorrisonhos, risonhos,

Sorride, ridiculai, risando, risantes,

Hilariando, riando,

Ride, ridentes!

Derride, derridentes!

Khlébnikov-Campos, Encantação pelo Riso

O COBRADOR

Na porta da rua uma dentadura grande, embaixo escrito Dr. Carvalho, Dentista. Na sala de espera vazia uma placa, *Espere o Doutor, ele está atendendo um cliente*. Esperei meia hora, o dente doendo, a porta abriu e surgiu uma mulher acompanhada de um sujeito grande, uns quarenta anos, de jaleco branco.

Entrei no gabinete, sentei na cadeira, o dentista botou um guardanapo de papel no meu pescoço. Abri a boca e disse que o meu dente de trás estava doendo muito. Ele olhou com um espelhinho e perguntou como é que eu tinha deixado os meus dentes ficarem naquele estado.

Só rindo. Esses caras são engraçados.

Vou ter que arrancar, ele disse, o senhor já tem poucos dentes e se não fizer um tratamento rápido vai perder todos os outros, inclusive estes aqui — e deu uma pancada estridente nos meus dentes da frente.

Uma injeção de anestesia na gengiva. Mostrou o dente na ponta do boticão: A raiz está podre, vê?, disse com pouco caso. São quatrocentos cruzeiros.

Só rindo. Não tem não, meu chapa, eu disse.

Não tem não o quê?

Não tem quatrocentos cruzeiros. Fui andando em direção à porta.

Ele bloqueou a porta com o corpo. É melhor pagar, disse. Era um homem grande, mãos grandes e pulso forte de tanto arrancar os dentes dos fodidos. E meu físico franzino encoraja as pessoas. Odeio dentistas, comerciantes, advogados, industriais, funcionários, médicos, executivos, essa canalha inteira. Todos eles estão me devendo muito. Abri o blusão, tirei o 38, e perguntei com tanta raiva que uma gota de meu cuspe bateu na cara dele — que tal enfiar isso no teu cu? Ele ficou branco, recuou. Apontando o revólver para o peito dele comecei a aliviar o meu coração: tirei as gavetas dos armários, joguei tudo no chão, chutei os vidrinhos todos como se fossem bolas, eles pipocavam e explodiam na parede. Arrebentar os cuspidores e motores foi mais difícil, cheguei a machucar as mãos e os pés. O dentista me olhava, várias vezes deve ter pensado em pular em cima de mim, eu queria muito que ele fizesse isso para dar um tiro naquela barriga grande cheia de merda.

Eu não pago mais nada, cansei de pagar!, gritei para ele, agora eu só cobro!

Dei um tiro no joelho dele. Devia ter matado aquele filho da puta.

A rua cheia de gente. Digo, dentro da minha cabeça, e às vezes para fora, está todo mundo me devendo! Estão me devendo comida, buceta, cobertor, sapato, casa, automóvel, relógio, dentes, estão me devendo. Um cego pede esmolas sacudindo uma cuia de alumínio com moedas. Dou um pontapé na cuia dele, o barulhinho das moedas me irrita. Rua Marechal Floriano, casa de armas, farmácia, banco, china, retratista, Light, vacina, médico, Ducal, gente aos montes. De manhã não se consegue andar na direção da Central, a multidão vem rolando como uma enorme lagarta ocupando toda a calçada.

Me irritam esses sujeitos de Mercedes. A buzina do carro também me aporrinha. Ontem de noite eu fui ver o cara que tinha uma Magnum com silenciad or para vender na Cruzada, e quando atravessava a rua um sujeito que tinha ido jogar tênis num daqueles clubes bacanas que tem por ali tocou a buzina. Eu vinha distraído pois estava pensando na Magnum, quando a buzina tocou. Vi que o carro vinha devagar e fiquei parado na frente.

Como é?, ele gritou.

Era de noite e não tinha ninguém perto. Ele estava vestido de branco. Saquei o 38 e atirei no para-brisa, mais para estrunchar o vidro do que para pegar o sujeito. Ele arrancou com o carro, para me pegar ou fugir, ou as duas coisas. Pulei pro lado, o carro passou, os pneus sibilando no asfalto. Parou logo adiante. Fui até lá. O sujeito estava deitado com a cabeça para trás, a cara e o peito cobertos por milhares de pequeninos estilhaços de vidro. Sangrava muito de um ferimento feio no pescoço e a roupa branca dele já estava toda vermelha.

Girou a cabeça que estava encostada no banco, olhos muito arregalados, pretos, e o branco em volta era azulado leitoso, como uma jabuticaba por dentro. E porque o branco dos olhos dele era azulado eu disse — você vai morrer, ô cara, quer que eu te dê o tiro de misericórdia?

Não, não, ele disse com esforço, por favor.

Vi da janela de um edifício um sujeito me observando. Se escondeu quando olhei. Devia ter ligado para a polícia.

Saí andando calmamente, voltei para a Cruzada. Tinha sido muito bom estraçalhar o para-brisa do Mercedes. Devia ter dado um tiro na capota e um tiro em cada porta, o lanterneiro ia ter que rebolar.

O cara da Magnum já tinha voltado. Cadê as trinta milhas? Põe aqui nesta mãozinha que nunca viu palmatória, ele disse. A mão dele era branca, lisinha,

mas a minha estava cheia de cicatrizes, meu corpo todo tem cicatrizes, até meu pau está cheio de cicatrizes.

Também quero comprar um rádio, eu disse pro muambeiro.

Enquanto ele ia buscar o rádio eu examinei melhor a Magnum. Azeitadinha, e também carregada. Com o silenciador parecia um canhão.

O muambeiro voltou carregando um rádio de pilha. É japonês, ele disse.

Liga para eu ouvir o som.

Ele ligou.

Mais alto, eu pedi.

Ele aumentou o volume.

Puf. Acho que ele morreu logo no primeiro tiro. Dei mais dois tiros só para ouvir puf, puf.

Tão me devendo colégio, namorada, aparelho de som, respeito, sanduíche de mortadela no botequim da rua Vieira Fazenda, sorvete, bola de futebol.

Fico na frente da televisão para aumentar o meu ódio. Quando minha cólera está diminuindo e eu perco a vontade de cobrar o que me devem eu sento na frente da televisão e em pouco tempo meu ódio volta. Quero muito pegar um camarada que faz anúncio de uísque. Ele está vestidinho, bonitinho, todo sanforizado, abraçado com uma loura reluzente, e joga pedrinhas de gelo num copo e sorri com todos os dentes, os dentes dele são certinhos e são verdadeiros, e eu quero pegar ele com a navalha e cortar os dois lados da bochecha até as orelhas, e aqueles dentes branquinhos vão todos ficar de fora num sorriso de caveira vermelha. Agora está ali, sorrindo, e logo beija a loura na boca. Não perde por esperar.

Meu arsenal está quase completo: tenho a Magnum com silenciador, um Colt Cobra 38, duas navalhas, uma carabina 12, um Taurus 38 capenga, um punhal e um facão. Com o facão vou cortar a cabeça de alguém num golpe só. Vi no cinema, num desses países asiáticos, ainda no tempo dos ingleses, um ritual que consistia em cortar a cabeça de um animal, creio que um búfalo, num golpe único. Os oficiais ingleses presidiam a cerimônia com um ar de enfado, mas os decapitadores eram verdadeiros artistas. Um golpe seco e a cabeça do animal rolava, o sangue esguichando.

Na casa de uma mulher que me apanhou na rua. Coroa, diz que estuda no colégio noturno. Já passei por isso, meu colégio foi o mais noturno de todos os

colégios noturnos do mundo, tão ruim que já não existe mais, foi demolido. Até a rua onde ele ficava foi demolida. Ela pergunta o que eu faço e digo que sou poeta, o que é rigorosamente verdade. Ela me pede que recite um poema meu. Eis: Os ricos gostam de dormir tarde/ apenas porque sabem que a corja/ tem que dormir cedo para trabalhar de manhã/ Essa é mais uma chance que eles/ têm de ser diferentes:/ parasitar,/ desprezar os que suam para ganhar a comida,/ dormir até tarde,/ tarde/ um dia/ ainda bem,/ demais./

Ela corta perguntando se gosto de cinema. E o poema? Ela não entende. Continuo: Sabia sambar e cair na paixão/ e rolar pelo chão/ apenas por pouco tempo./ Do suor do seu rosto nada fora construído./ Queria morrer com ela,/ mas isso foi outro dia,/ ainda outro dia./ No cinema Íris, na rua da Carioca/ o Fantasma da Ópera/ Um sujeito de preto,/ pasta preta, o rosto escondido,/ na mão um lenço branco imaculado,/ tocava punheta nos espectadores;/ na mesma época, em Copacabana,/ um outro/ que nem apelido tinha,/ bebia o mijo dos mictórios dos cinemas/ e o rosto dele era verde e inesquecível./ A História é feita de gente morta/ e o futuro de gente que vai morrer./ Você pensa que ela vai sofrer?/ Ela é forte, resistirá./ Resistiria também, se fosse fraca./ Agora você, não sei./ Você fingiu tanto tempo, deu socos e gritos, embusteou/ Você está cansado,/ você acabou,/ não sei o que te mantém vivo./

Ela não entendia de poesia. Estava solo comigo e queria fingir indiferença, dava bocejos exasperados. A farsanteza das mulheres.

Tenho medo de você, ela acabou confessando.

Essa fodida não me deve nada, pensei, mora com sacrifício num quarto e sala, os olhos dela já estão empapuçados de beber porcarias e ler a vida das grã-finas na revista *Vogue*.

Quer que te mate?, perguntei enquanto bebíamos uísque ordinário.

Quero que você me foda, ela riu ansiosa, na dúvida.

Acabar com ela? Eu nunca havia esganado ninguém com as próprias mãos. Não tem muito estilo, nem drama, esganar-se alguém, parece briga de rua. Mesmo assim eu tinha vontade de esganar alguém, mas não uma infeliz daquelas. Para um zé-ninguém, só tiro na nuca?

Tenho pensado nisso, ultimamente. Ela tinha tirado a roupa: peitos murchos e chatos, os bicos passas gigantes que alguém tinha pisado; coxas flácidas com nódulos de celulite, gelatina estragada com pedaços de fruta podre.

Estou toda arrepiada, ela disse.

Deitei sobre ela. Me agarrou pelo pescoço, sua boca e língua na minha boca, uma vagina viscosa, quente e olorosa.

Fodemos.

Ela agora está dormindo.

Sou justo.

Leio os jornais. A morte do muambeiro da Cruzada nem foi noticiada. O bacana do Mercedes com roupa de tenista morreu no Miguel Couto e os jornais dizem que foi assaltado pelo bandido Boca Larga. Só rindo.

Faço um poema denominado Infância ou Novos Cheiros de Buceta com U: Eis-me de novo/ ouvindo os Beatles/ na Rádio Mundial/ às nove horas da noite/ num quarto/ que poderia ser/ e era/ de um santo mortificado/ Não havia pecado/ e não sei por que me lepravam/ por ser inocente/ ou burro/ De qualquer forma/ o chão estava sempre ali/ para fazer mergulhos./ Quando não se tem dinheiro/ é bom ter músculos/ e ódio./

Leio os jornais para saber o que eles estão comendo, bebendo e fazendo. Quero viver muito para ter tempo de matar todos eles.

Da rua vejo a festa na Vieira Souto, as mulheres de vestido longo, os homens de roupas negras. Ando lentamente, de um lado para o outro na calçada, não quero despertar suspeitas e o facão por dentro da calça, amarrado na perna, não me deixa andar direito. Pareço um aleijado, me sinto um aleijado. Um casal de meia-idade passa por mim e me olha com pena; eu também sinto pena de mim, manco e sinto dor na perna.

Da calçada vejo os garçons servindo champanha francesa. Essa gente gosta de champanha francesa, vestidos franceses, língua francesa.

Estava ali desde as nove horas, quando passara em frente, todo municiado, entregue à sorte e ao azar, e a festa surgira.

As vagas em frente ao apartamento foram logo ocupadas e os carros dos visitantes passaram a estacionar nas escuras ruas laterais. Um deles me interessou muito, um carro vermelho e nele um homem e uma mulher, jovens e elegantes. Caminharam para o edifício sem trocar uma palavra, ele ajeitando a gravata-borboleta e ela, o vestido e o cabelo. Prepararam-se para uma entrada triunfal mas da calçada vejo que a chegada deles foi, como a dos outros, recebida com desinteresse. As pessoas se enfeitam no cabeleireiro, no costureiro, no massagista e só o espelho lhes dá, nas festas, a atenção que esperam. Vi a mulher no seu vestido azul esvoaçante e murmurei — vou te dar a atenção que você

merece, não foi à toa que você vestiu a sua melhor calcinha e foi tantas vezes à costureira e passou tantos cremes na pele e botou perfume tão caro.

Foram os últimos a sair. Não andavam com a mesma firmeza e discutiam irritados, vozes pastosas, enroladas.

Cheguei perto deles na hora em que o homem abria a porta do carro. Eu vinha mancando e ele apenas me deu um olhar de avaliação rápido e viu um aleijado inofensivo de baixo preço.

Encostei o revólver nas costas dele.

Faça o que mando senão mato os dois, eu disse.

Para entrar de perna dura no estreito banquinho de trás não foi fácil. Fiquei meio deitado, o revólver apontado para a cabeça dele. Mandei que seguisse para a Barra da Tijuca. Tirava o facão de dentro da perna quando ele disse, leva o dinheiro e o carro e deixa a gente aqui. Estávamos na frente do Hotel Nacional. Só rindo. Ele já estava sóbrio e queria tomar um último uisquinho enquanto dava queixa à polícia pelo telefone. Ah, certas pessoas pensam que a vida é uma festa. Seguimos pelo Recreio dos Bandeirantes até chegar a uma praia deserta. Saltamos. Deixei acesos os faróis.

Nós não lhe fizemos nada, ele disse.

Não fizeram? Só rindo. Senti o ódio inundando os meus ouvidos, minhas mãos, minha boca, meu corpo todo, um gosto de vinagre e lágrima.

Ela está grávida, ele disse apontando a mulher, vai ser o nosso primeiro filho.

Olhei a barriga da mulher esguia e decidi ser misericordioso e disse, puf, em cima de onde achava que era o umbigo dela, desencarnei logo o feto. A mulher caiu emborcada. Encostei o revólver na têmpora dela e fiz ali um buraco de mina.

O homem assistiu a tudo sem dizer uma palavra, a carteira de dinheiro na mão estendida. Peguei a carteira da mão dele e joguei pro ar e quando ela veio caindo dei-lhe um bico, de canhota, jogando a carteira longe.

Amarrei as mãos dele atrás das costas com uma corda que eu levava. Depois amarrei os pés.

Ajoelha, eu disse.

Ele ajoelhou.

Os faróis do carro iluminavam o seu corpo. Ajoelhei-me ao seu lado, tirei a

gravata-borboleta, dobrei o colarinho, deixando seu pescoço à mostra.

Curva a cabeça, mandei.

Ele curvou. Levantei alto o facão, seguro nas duas mãos, vi as estrelas no céu, a noite imensa, o firmamento infinito e desci o facão, estrela de aço, com toda minha força, bem no meio do pescoço dele.

A cabeça não caiu e ele tentou levantar-se, se debatendo como se fosse uma galinha tonta nas mãos de uma cozinheira incompetente. Dei-lhe outro golpe e mais outro e outro e a cabeça não rolava. Ele tinha desmaiado ou morrido com a porra da cabeça presa no pescoço. Botei o corpo sobre o para-lama do carro. O pescoço ficou numa boa posição. Concentrei-me como um atleta que vai dar um salto mortal. Dessa vez, enquanto o facão fazia seu curto percurso mutilante zunindo fendendo o ar, eu sabia que ia conseguir o que queria. Brock! a cabeça saiu rolando pela areia. Ergui alto o alfange e recitei: Salve o Cobrador! Dei um grito alto que não era nenhuma palavra, era um uivo comprido e forte, para que todos os bichos tremessem e saíssem da frente. Onde eu passo o asfalto derrete.

Uma caixa preta debaixo do braço. Falo com a língua presa que sou o bombeiro que vai fazer o serviço no apartamento duscenthos e um. O porteiro acha graça na minha língua presa e me manda subir. Começo do último andar. Sou o bombeiro (língua normal agora), vim fazer o serviço. Pela abertura, dois olhos: ninguém chamou bombeiro não. Desço para o sétimo, a mesma coisa. Só vou ter sorte no primeiro andar.

A empregada me abriu a porta e gritou lá para dentro, é o bombeiro. Surgiu uma moça de camisola, um vidro de esmalte de unhas na mão, bonita, uns vinte e cinco anos.

Deve haver um engano, ela disse, nós não precisamos de bombeiro.

Tirei o Cobra de dentro da caixa. Precisa sim, é bom ficarem quietas senão mato as duas. Tem mais alguém em casa? O marido estava trabalhando e o menino no colégio. Amarrei a empregada, fechei sua boca com esparadrapo. Levei a dona pro quarto.

Tira a roupa.

Não vou tirar a roupa, ela disse, a cabeça erguida.

Estão me devendo xarope, meia, cinema, filé mignon e buceta, anda logo. Dei-lhe um murro na cabeça. Ela caiu na cama, uma marca vermelha na cara. Não tiro. Arranquei a camisola, a calcinha. Ela estava sem sutiã. Abri-lhe as pernas. Coloquei os meus joelhos sobre as suas coxas. Ela tinha uma pentelheira

basta e negra. Ficou quieta, com olhos fechados. Entrar naquela floresta escura não foi fácil, a buceta era apertada e seca. Curvei-me, abri a vagina e cuspi lá dentro, grossas cusparadas. Mesmo assim não foi fácil, sentia o meu pau esfolando. Deu um gemido quando enfiei o cacete com toda força até o fim. Enquanto enfiava e tirava o pau eu lambia os peitos dela, a orelha, o pescoço, passava o dedo de leve no seu cu, alisava sua bunda. Meu pau começou a ficar lubrificado pelos sucos da sua vagina, agora morna e viscosa.

Como já não tinha medo de mim, ou porque tinha medo de mim, gozou primeiro do que eu. Com o resto da porra que saía do meu pau fiz um círculo em volta do umbigo dela.

Vê se não abre mais a porta pro bombeiro, eu disse, antes de ir embora.

Saio do sobrado da rua Visconde de Maranguape. Uma panela em cada molar cheio de cera do Dr. Lustosa/ mastigar com os dentes da frente/ punheta pra foto de revista/ livros roubados./ Vou para a praia./

Duas mulheres estão conversando na areia; uma tem o corpo queimado de sol, um lenço na cabeça; a outra é clara, deve ir pouco à praia; as duas têm o corpo muito bonito; a bunda da clara é a bunda mais bonita entre todas que já vi. Sento perto, e fico olhando. Elas percebem meu interesse e começam logo a se mexer, dizer coisas com o corpo, fazer movimentos aliciantes com os rabos. Na praia somos todos iguais, nós os fodidos e eles. Até que somos melhores pois não temos aquela barriga grande e a bunda mole dos parasitas. Eu quero aquela mulher branca! Ela inclusive está interessada em mim, me lança olhares. Elas riem, riem, dentantes. Se despedem e a branca vai andando na direção de Ipanema, a água molhando os seus pés. Me aproximo e vou andando junto, sem saber o que dizer.

Sou uma pessoa tímida, tenho levado tanta porrada na vida, e o cabelo dela é fino e tratado, o seu tórax é esbelto, os seios pequenos, as coxas são sólidas e redondas e musculosas e a bunda é feita de dois hemisférios rijos. Corpo de bailarina.

Você estuda balé?

Estudei, ela diz. Sorri para mim. Como é que alguém pode ter boca tão bonita? Tenho vontade de lamber dente por dente da sua boca. Você mora por aqui?, ela pergunta. Moro, minto. Ela me mostra um prédio na praia, todo de mármore.

De volta à rua Visconde de Maranguape. Faço hora para ir na casa da moça

branca. Chama-se Ana. Gosto de Ana, palindrômico. Afio o facão com uma pedra especial, o pescoço daquele janota era muito duro. Os jornais abriram muito espaço para a morte do casal que eu justicei na Barra. A moça era filha de um desses putos que enriquecem em Sergipe ou Piauí, roubando os paus de arara, e depois vêm para o Rio, e os filhos de cabeça chata já não têm mais sotaque, pintam o cabelo de louro e dizem que são descendentes de holandeses.

Os colunistas sociais estavam consternados. Os granfas que eu despachei estavam com viagem marcada para Paris. Não há mais segurança nas ruas, dizia a manchete de um jornal. Só rindo. Joguei uma cueca pro alto e tentei cortá-la com o facão, como o Saladino fazia (com um lenço de seda) no cinema.

Não se fazem mais cimitarras como antigamente/ Eu sou uma hecatombe/ Não foi nem Deus nem o Diabo/ Que me fez um vingador/ Fui eu mesmo/ Eu sou o Homem-Pênis/ Eu sou o Cobrador./

Vou no quarto onde dona Clotilde está deitada há três anos. Dona Clotilde é dona do sobrado.

Quer que eu passe o escovão na sala?, pergunto.

Não meu filho, só queria que você me desse a injeção de trinevral antes de sair.

Fervo a seringa, preparo a injeção. A bunda de dona Clotilde é seca como uma folha velha e amassada de papel de arroz.

Você caiu do céu, meu filho, foi Deus que te mandou, ela diz.

Dona Clotilde não tem nada, podia levantar e ir comprar coisas no supermercado. A doença dela está na cabeça. E depois de três anos deitada, só se levanta para fazer pipi e cocô, ela não deve mesmo ter forças.

Qualquer dia dou-lhe um tiro na nuca.

Quando satisfaço meu ódio sou possuído por uma sensação de vitória, de euforia que me dá vontade de dançar — dou pequenos uivos, grunhidos, sons inarticulados, mais próximos da música do que da poesia, e meus pés deslizam pelo chão, meu corpo se move num ritmo feito de gingas e saltos, como um selvagem, ou um macaco.

Quem quiser mandar em mim pode querer, mas vai morrer. Estou querendo muito matar um figurão desses que mostram na televisão a sua cara paternal de velhaco bem-sucedido, uma pessoa de sangue engrossado por caviares e champãs. Come caviar/ teu dia vai chegar./ Estão me devendo uma garota de

vinte anos, cheia de dentes e perfume. A moça do prédio de mármore? Entro e ela está me esperando, sentada na sala, quieta, imóvel, o cabelo muito preto, o rosto branco, parece uma fotografia.

Vamos sair, eu digo para ela. Ela me pergunta se estou de carro. Digo que não tenho carro. Ela tem. Descemos pelo elevador de serviço e saímos na garagem, entramos num Puma conversível.

Depois de algum tempo pergunto se posso dirigir e trocamos de lugar. Petrópolis está bem?, pergunto. Subimos a serra sem dizer uma palavra, ela me olhando. Quando chegamos a Petrópolis ela pede que eu pare num restaurante. Digo que não tenho dinheiro nem fome, mas ela tem as duas coisas, come vorazmente como se a qualquer momento fossem levar o prato embora. Na mesa ao lado um grupo de jovens bebendo e falando alto, jovens executivos subindo na sexta-feira e bebendo antes de encontrar a madame toda enfeitada para jogar biriba ou falar da vida alheia enquanto traçam queijos e vinhos. Odeio executivos. Ela acaba de comer. E agora? Agora vamos voltar, eu digo, e descemos a serra, eu dirigindo como um raio, ela me olhando. Minha vida não tem sentido, já pensei em me matar, ela diz. Paro na rua Visconde de Maranguape. É aqui que você mora? Saio sem dizer nada. Ela sai atrás: vou te ver de novo? Entro e enquanto vou subindo as escadas ouço o barulho do carro partindo.

Top Executive Club. Você merece o melhor relax, feito de carinho e compreensão. Nossas massagistas são completas. Elegância e discrição.

Anoto o endereço e vou para o local, uma casa, em Ipanema. Espero ele surgir, fantasiado de roupa cinza, colete, pasta preta, sapatos engraxados, cabelos rinsados. Tiro um papel do bolso, como alguém à procura de um endereço e vou seguindo o cara até o carro. Esses putos sempre fecham o carro a chave, eles sabem que o mundo está cheio de ladrões, eles também são, apenas ninguém os pega; enquanto ele abre o carro eu encosto o revólver na sua barriga. Dois homens de frente um para o outro, conversando, não despertam atenção. Encostar o revólver nas costas assusta mais, mas isso só deve ser feito em locais desertos.

Fica quieto senão chumbo a sua barriga executiva.

Ele tem o ar petulante e ao mesmo tempo ordinário do ambicioso ascendente egresso do interior, deslumbrado de coluna social, comprista, eleitor da Arena, católico, cursilhista, patriota, mordomista e bocalivrista, os filhos estudando na puc, a mulher transando decoração de interiores e sócia de butique.

Como é executivo, a massagista te tocou punheta ou chupou teu pau?

Você é homem, sabe como é, entende essas coisas, ele disse. Papo de executivo com chofer de táxi ou ascensorista. De Botucatu para a Diretoria, acha que já enfrentou todas as situações de crise.

Não sou homem porra nenhuma, digo suavemente, sou o Cobrador.

Sou o Cobrador!, grito.

Ele começa a ficar da cor da roupa. Pensa que sou maluco e maluco ele ainda não enfrentou no seu maldito escritório refrigerado.

Vamos para sua casa, eu digo.

Eu não moro aqui no Rio, moro em São Paulo, ele diz. Perdeu a coragem, mas não a esperteza. E o carro?, pergunto. Carro, que carro? Este carro, com a chapa do Rio? Tenho mulher e três filhos, ele desconversa. Que é isso? Uma desculpa, senha, habeas corpus, salvo-conduto? Mando parar o carro. Puf, puf, puf, um tiro para cada filho, no peito. O da mulher na cabeça, puf.

Para esquecer a moça que mora no edifício de mármore vou jogar futebol no aterro. Três horas seguidas, minhas pernas todas escalavradas das porradas que levei, o dedão do pé direito inchado, talvez quebrado. Sento suado ao lado do campo, junto de um crioulo lendo O Dia. A manchete me interessa, peço o jornal emprestado, o cara diz se tu quer ler o jornal por que não compra? Não me chateio, o crioulo tem poucos dentes, dois ou três, tortos e escuros. Digo, tá, não vamos brigar por isso. Compro dois cachorros-quentes e duas cocas e dou metade pra ele e ele me dá o jornal. A manchete diz: Polícia à procura do louco da Magnum. Devolvo o jornal pro crioulo. Ele não aceita, ri para mim enquanto mastiga com os dentes da frente, ou melhor com as gengivas da frente que de tanto uso estão afiadas como navalhas. Notícia do jornal: Um grupo de grã-finos da zona sul em grandes preparativos para o tradicional Baile de Natal — Primeiro Grito de Carnaval. O baile começa no dia 24 e termina no dia 1º do Ano-Novo; vêm fazendeiros da Argentina, herdeiros da Alemanha, artistas americanos, executivos japoneses, o parasitismo internacional. O Natal virou mesmo uma festa. Bebida, folia, orgia, vadiagem.

O Primeiro Grito de Carnaval. Só rindo. Esses caras são engraçados.

Um maluco pulou da ponte Rio–Niterói e boiou doze horas até que uma lancha do Salvamar o encontrou. Não pegou nem resfriado.

Um incêndio num asilo matou quarenta velhos, as famílias celebraram.

Acabo de dar a injeção de trinevral em dona Clotilde quando tocam a campainha. Nunca tocam a campainha do sobrado. Eu faço as compras, arrumo a casa. Dona Clotilde não tem parentes. Olho da sacada. É Ana Palindrômica.

Conversamos na rua. Você está fugindo de mim?, ela pergunta. Mais ou menos, digo. Vou com ela pro sobrado. Dona Clotilde, estou com uma moça aqui, posso levar pro quarto? Meu filho, a casa é sua, faça o que quiser, só quero ver a moça.

Ficamos em pé ao lado da cama. Dona Clotilde olha para Ana um tempo enorme. Seus olhos se enchem de lágrimas. Eu rezava todas as noites, ela soluça, todas as noites para você encontrar uma moça como essa. Ela ergue os braços magros cobertos de finas pelancas para o alto, junta as mãos e diz, oh meu Deus, como vos agradeço!

Estamos no meu quarto, em pé, sobrancelha com sobrancelha, como no poema, e tiro a roupa dela e ela a minha e o corpo dela é tão lindo que sinto um aperto na garganta, lágrimas no meu rosto, olhos ardendo, minhas mãos tremem e agora estamos deitados, um no outro, entrançados, gemendo, e mais, e mais, sem parar, ela grita, a boca aberta, os dentes brancos como de um elefante jovem, ai, ai, adoro a tua obsessão!, ela grita, água e sal e porra jorram de nossos corpos, sem parar.

Agora, muito tempo depois, deitados olhando um para o outro hipnotizados até que anoitece e nossos rostos brilham no escuro e o perfume do corpo dela traspassa as paredes do quarto.

Ana acordou primeiro do que eu e a luz está acesa. Você só tem livros de poesia? E estas armas todas, pra quê? Ela pega a Magnum no armário, carne branca e aço negro, aponta pra mim. Sento na cama.

Quer atirar? pode atirar, a velha não vai ouvir. Mais para cima um pouco. Com a ponta do dedo suspendo o cano até a altura da minha testa. Aqui não dói.

Você já matou alguém? Ana aponta a arma para minha testa.

Já.

Foi bom?

Foi.

Como?

Um alívio.

Como nós dois na cama?

Não, não, outra coisa. O outro lado disso.

Eu não tenho medo de você, Ana diz.

Nem eu de você. Eu te amo.

Conversamos até amanhecer. Sinto uma espécie de febre. Faço café pra dona Clotilde e levo pra ela na cama. Vou sair com Ana, digo. Deus ouviu minhas preces, diz a velha entre goles.

Hoje é dia 24 de dezembro, dia do Baile de Natal ou Primeiro Grito de Carnaval. Ana Palindrômica saiu de casa e está morando comigo. Meu ódio agora é diferente. Tenho uma missão. Sempre tive uma missão e não sabia. Agora sei. Ana me ajudou a ver. Sei que se todo fodido fizesse como eu o mundo seria melhor e mais justo. Ana me ensinou a usar explosivos e acho que já estou preparado para essa mudança de escala. Matar um por um é coisa mística e disso eu me libertei. No Baile de Natal mataremos convencionalmente os que pudermos. Será o meu último gesto romântico inconsequente. Escolhemos para iniciar a nova fase os compristas nojentos de um supermercado da zona sul. Serão mortos por uma bomba de alto poder explosivo. Adeus, meu facão, adeus meu punhal, meu rifle, meu Colt Cobra, adeus minha Magnum, hoje será o último dia em que vocês serão usados. Beijo o meu facão. Explodirei as pessoas, adquirirei prestígio, não serei apenas o louco da Magnum. Também não sairei mais pelo parque do Flamengo olhando as árvores, os troncos, a raiz, as folhas, a sombra, escolhendo a árvore que eu queria ter, que eu sempre quis ter, num pedaço de chão de terra batida. Eu as vi crescer no parque e me alegrava quando chovia e a terra se empapava de água, as folhas lavadas de chuva, o vento balançando os galhos, enquanto os carros dos canalhas passavam velozmente sem que eles olhassem para os lados. Já não perco meu tempo com sonhos.

O mundo inteiro saberá quem é você, quem somos nós, diz Ana.

Notícia: O governador vai se fantasiar de Papai Noel. Notícia: Menos festejos e mais meditação, vamos purificar o coração. Notícia: Não faltará cerveja. Não faltarão perus. Notícia: Os festejos natalinos causarão este ano mais vítimas de trânsito e de agressões do que nos anos anteriores. Polícia e hospitais preparam-se para as comemorações de Natal. O cardeal na televisão: a festa de Natal está deturpada, o seu sentido não é este, essa história de Papai Noel é uma invenção infeliz. O cardeal afirma que Papai Noel é um palhaço fictício.

Véspera de Natal é um bom dia para essa gente pagar o que deve, diz Ana. O

Papai Noel do baile eu mesmo quero matar com o facão, digo.

Leio para Ana o que escrevi, nosso manifesto de Natal, para os jornais. Nada de sair matando a esmo, sem objetivo definido. Eu não sabia o que queria, não buscava um resultado prático, meu ódio estava sendo desperdiçado. Eu estava certo nos meus impulsos, meu erro era não saber quem era o inimigo e por que era inimigo. Agora eu sei, Ana me ensinou. E o meu exemplo deve ser seguido por outros, muitos outros, só assim mudaremos o mundo. É a síntese do nosso manifesto.

Ponho as armas numa mala. Ana atira tão bem quanto eu, só não sabe manejar o facão, mas essa arma agora é obsoleta. Damos até logo à dona Clotilde. Botamos a mala no carro. Vamos ao Baile de Natal. Não faltará cerveja, nem perus. Nem sangue. Fecha-se um ciclo da minha vida e abre-se outro.

PIERRÔ DA CAVERNA

Existem pessoas que não se entregam à paixão, sua apatia as leva a escolher uma vida de rotina, onde vegetam como “abacaxis numa estufa”, como dizia meu pai. Quanto a mim, o que me mantém vivo é o risco iminente da paixão e seus coadjuvantes, amor, ódio, gozo, misericórdia. Carrego um gravador a tiracolo. Apenas quero falar, e o que eu disser não será passado jamais para o papel, e assim não tenho necessidade de buscar o estilo requintado que os críticos tanto elogiam e que é apenas um trabalho paciente de ourivesaria. Não sabendo como as palavras se posicionam no papel perco a noção da sua velocidade e coesão, da sua compatibilidade. Mas isso não interferirá com a história. Havia alguém me vigiando atrás da porta. Regina respondeu que era tudo minha imaginação; o casal que morava lá trabalhava fora e a única filha deles passava o dia no colégio. Ao voltar para o meu apartamento depois que Regina saiu, o telefone tocou e como sempre ele, ou ela, ficou em silêncio, um silêncio denso, secreto, que me ameaçava e cada vez ficava mais sinistro. Gritei: está pensando que eu tenho medo de você? Não podia ser Maria Augusta, dela eu jamais sentiria medo. Quando nos separamos deixei-lhe o apartamento e todos os móveis, quadros, livros, tudo. Mas isso foi há muito tempo, ou melhor, foi há pouco tempo mas já afastei tudo para tão longe que, se não fossem os livros, eu nem me lembraria da existência dela. Li no jornal que em Londres organizaram uma associação de pedófilos e seus membros, no dia da inauguração, foram agredidos por uma multidão de cidadãos irados, mulheres na maioria. Conto isso para Regina quando ela me telefona para perguntar, como sempre faz, se eu a amo. Digo para ela tomar cuidado com a extensão, mas não há perigo, ele está no banho, e ambos dizemos eu te amo, várias vezes e combinamos o encontro do dia seguinte. Depois deitei no sofá e fiquei pensando. Quando era menino eu gostava de fingir que ia dormir para poder ficar pensando sem ninguém me interromper. Os adultos ficam preocupados quando veem uma criança quieta pensando. Eu passava, e passo, a noite, ou grande parte dela, acordado, pensando. Às vezes sobre um acontecimento que presenciei, como a briga de galos que vi outro dia. Num dos intervalos da luta o galeiro tirou um esporão cravado no peito do galo e colocou-o de volta na rinha, sangue escorrendo do ferimento, as pernas marcadas de nervuras estremecendo num tremor contínuo; o galo morria, feroz, e o homem aceitava as apostas que faziam contra ele sabendo que perderia. Então saí de lá pensando em fazer um poema usando a morte do animal como um símbolo. Toda arte é simbólica, mas não seria preferível, mais simbólico, escrever sobre pessoas se matando? Macacos

me mordam. Acabei decidindo que escreveria uma novela; talvez volte a falar disso daqui a pouco. Eu disse que havia deixado os livros para Maria Augusta, mas não foi bem assim, nós decidimos dividir os livros, ela escolhendo primeiro. Mas Maria Augusta nunca fez isso. E assim, vez por outra, eu vou à casa dela apanhar um livro. Nossos contatos cada vez ficam mais desagradáveis. Da última vez ela não escondeu a irritação que a dominou ao me ver. Ela usava um vestido longo e joias, como se fosse a algum lugar; demorou a convidar-me para entrar e logo vi por quê. Um sujeito estava sentado na sala, rosto rechonchudo pálido azulado pela barba, apesar de bem-escanhoado; vestia-se na moda, camisa de voile francês aberta no peito, um cordão de ouro grosso com um moedão em volta do pescoço, e estava perfumado. Chamava-se Fernando, suas unhas e suas maneiras eram polidas, perguntou se eu estava escrevendo alguma coisa. Essa é uma pergunta que vivem nos fazendo, a nós escritores, como se não parássemos nunca de escrever; nós paramos, e às vezes damos um tiro na cabeça por causa disso. Respondi-lhe que o tema do livro que eu estava escrevendo era pedofilia. Eu ia dizer, na ordem em que pensei: que era um livro sobre a devastação da Amazônia; que era sobre um curandeiro que enganava as pessoas pela televisão; sobre uma família de migrantes miseráveis vagando sem pouso no Rio de Janeiro; sobre briga de galos. Mas saiu pedofilia. Maria Augusta, percebendo que Fernando desconhecia o significado da palavra, explicou com rispidez que tratava-se de atração erótica por crianças, uma palavra composta grega que originalmente não tinha conotações perversas. A ignorância de Fernando me fez sorrir e isso deixou Maria Augusta irritada. O que aconteceu com você, ela perguntou sarcástica, está mais calvo e grisalho, com um jeito de velho, algum problema de saúde? Olhamo-nos, hostis e impiedo sos, à maneira daqueles que deixaram de se amar. Deve ser mesmo a idade, respondi, o pior de todos os venenos. Maria Augusta colocou a mão no pescoço, era ali que ela achava que o tempo depredava mais o seu corpo, e perguntou impaciente qual era o objetivo da minha visita. Apanhei os livros que queria e saí. À noite rolei na cama, sem sono, mas gostando de estar sozinho e acordado, dono absoluto dos meus pensamentos. O telefone tocou várias vezes e eu gritei: vá para o inferno!, e ele, ou ela, permaneceu em silêncio do outro lado. Alectrionon agones, alectriomachia. Eu e Regina fazíamos amor no sofá nos dias em que ela tinha pressa de voltar para casa. Após contemplarmos certas coisas, ou uma determinada coisa, há que mudar de vida. Eu pensava em Sofia e não me saía da cabeça a pulseirinha de ouro no tornozelo dela, que coisa mais diabólica. Quando nos encontramos no hall, o rosto dela ficou muito pálido, como estaria também o meu, certamente. Senti-me como se minha alma, se é que tenho uma alma, se desprendesse e subisse para o céu como uma labareda alucinante. Como

vai o colégio?, perguntei. Ah, meu Deus, se é que Deus existe, não era uma urna grega, era o próprio ser humano, ao invés de uma das suas criações. Ela perguntou, mantendo a porta do elevador aberta, se eu ia descer. Não, não, eu não ia descer. Uma pulseirinha de ouro no tornozelo. Quem era mesmo que aos cinquenta anos achava que sua criatividade havia se esgotado, que estava velho e acabado? Era um escritor como eu, ah esse veneno! Em Atenas havia uma lei que mandava que todos os anos se celebrasse uma luta de galos no teatro, às expensas do Tesouro, em memória do discurso feito por Temístocles sobre o valor dos seus concidadãos, antes da batalha de Salamina. Atenienses! estais dispostos a imitar, em defesa da Liberdade e da Pátria, o encarniçamento desses animais que se matam apenas pelo prazer de vencer? Isso era um enredo, como queria o balofo amante da minha ex-mulher? O que será que Maria Augusta via em personagem tão raso? Como seriam os dois na cama, teria ele força para apertá-la nos braços, fazendo os ossos lhe doerem, e a carne, e o espírito, como ela gostava? Mordê-la, não apenas com os dentes? Na segunda vez em que a vi foi na minha casa. Sofia usava um vestido branco e os cabelos negros estavam presos numa fita, também branca, e a pulseirinha brilhava no tornozelo. Ela colocou o dedo na boca pedindo silêncio. Eu tremi, perguntei, num murmúrio, o que era. Era domingo e os pais dormiam até mais tarde e ela sempre quisera ver o meu apartamento. Eu estava estarrecido, essa talvez seja a melhor palavra para caracterizar o que eu sentia com a presença de Sofia em meu apartamento. Tudo aconteceu rapidamente, sem eu perceber bem de maneira lógica e lúcida a transação que ocorreu, como se eu estivesse fortemente dopado, e de fato eu estava, pela assombrosa proximidade dela. Depois ela se retirou, levando discos e livros. Era ela que me vigiava por trás da porta pois raramente ia ao colégio; não sei como isso era possível, talvez ela mentisse. Sofia disse ainda que nunca telefonava para mim, portanto não era ela o psicopata dos telefonemas, mas isso eu já sabia. Macacos me mordam. Sofia desde então não saía do meu pensamento, nem mesmo quando Regina chegava com o seu dinâmico corpo aceso e perfumado e suas histórias burguesas idiotas. Eu ansiava por falar de Sofia mas sabia que com Regina isso seria impossível e assim falava sobre outras coisas que Regina me fez depois descobrir serem metáforas evasivas da minha mente ardilosa. Severino Borges, quarenta e quatro anos, morador na favela Parque Alegria, em São Cristóvão, Rio de Janeiro, carpinteiro, era um homem delicado e prestativo. Não posso falar mal de Severino, disse o presidente da Associação de Moradores do Parque Alegria, porque ele sempre foi muito quieto e nunca prejudicou ninguém aqui, pelo contrário, trabalhou de carpinteiro de graça para quase todo mundo. Eu sabia que ele tinha essa doença, mas não sei quantos casos foram. Fiquei de longe vendo o espancamento, disse

Maria da Penha, que mora na favela, bateram tanto nele que me deu pena, depois que ele caiu continuaram chutando e pisando e dando pauladas até ele morrer. Se ele tivesse feito isso com a irmã de Lucinha, que tem doze anos, acho que o pessoal não batia nele, mas a Lucinha tem só oito aninhos. Regina ouviu tudo isso em silêncio e depois me perguntou se eu estava gostando de alguma garotinha. Respondi que o amor era necessário ao desenvolvimento espiritual do homem, que o sexo era inocente e bom, uma parte importante da experiência estética e espiritual, como o prazer da música e da poesia. Não fuja da pergunta, disse Regina, outro dia você me disse que um homem de setenta anos havia casado com uma menina de doze e eu achei estranho que você se interessasse por isso e também achei estranho que você se interessasse por um sujeito que em Israel foi condenado à prisão por ter mantido relações sexuais com uma menina também de doze anos. Na verdade os juízes deram como provada sua alegação de que fora seduzido por ela. Não consegui fugir a tão vulcânica paixão, ele havia dito. Discutimos a tarde toda, eu e Regina, e pela primeira vez não fizemos amor. Ordem e Progresso. Quando o telefone tocou eu atendi e defendi-me da agressão silenciosa do troteador com uma cascata de doestos e vitupérios que Regina encarou como sendo indiretamente dirigidos a ela, o que a deixou ainda mais triste. Dez anos de análise para acabar com essa estrutura mental? A cor da pele de Sofia tem a brancura de lírio das heroínas dos romances antigos, um lírio branco, profundo, camadas de branco superpostas, um abismo de alvura sem fundo. Como o branco do meu sonho, um sonho em que não há nem pessoas nem tramas, nem objetos, só a cor branca e a cor preta, no sonho tudo começa com trevas profundas e nada se vê na escuridão. Subitamente tudo fica claro, mas também nada se vê nessa luz cegante. Olho muito para a boca das pessoas. Minha primeira namorada tinha um pivô azulado no meio da boca e queria me ensinar a dançar no cimento do ginásio de basquete; tinha uma barriguinha mole e complacente, pés ligeiros e suava no pescoço e me espremia na parede enfiando com força suas pernas entre as minhas. Não quero saber do teu sonho, nem da gordinha, disse Regina. Perguntei se já lhe havia falado sobre a bandeira brasileira e ela respondeu que conhecia todas as minhas manias, as antigas pelo menos, e que ela estava interessada no segredo que eu ocultava dela. Regina disse que pela primeira vez havíamos estado juntos sem fazer amor e que temia que aquilo pudesse ter um significado catastrófico. Macacos me mordam. Ordem e Progresso. E o telefone tocava: fala covarde, você não tem nada melhor para fazer? Em frente à máquina de escrever eu buscava forças para vencer o meu tédio. Que tal um texto apotegmático e aposiopésico: na natureza nada se perde, nada se cria. Eu só conseguia escrever ouvindo música e sentia vontade de ou vir o concerto para oboé em fá maior de Corelli, mas não achava o disco, devia estar

na casa daquela megera, junto com os meus livros. Amo o oboé, o corne inglês, o fagote, paletas duplas cortam o meu coração. Tentei então escrever com Bela Bartok e deu isto: as pessoas se colocaram em duas filas na areia da praia, cerca de duzentos homens e mulheres e crianças, a maioria mulheres, em silêncio, aguardando reverentes a chegada do Curandeiro. Um vento fraco soprava do mar; eram cinco horas da tarde de uma sexta-feira da Paixão. Só isso. Há qualquer coisa em Bartok que inibe a minha motivação. A arte está cheia de meninas virando a cabeça de homens maduros, a de Malle, a de Nabokov, a de Kierkegaard, a de Dostoiévski. Dostoiévski seduziu uma menina de menos de doze anos e contou para Turgueniev, que não lhe deu importância. Sua culpa está projetada no Svidrigailov, de Crime e Castigo, e em Stavrogin, de Os Possessos, ambos pedófilos violadores. Cena do Diário de um Sedutor: a menina desce da carruagem e deixa aparecer um pedaço da perna e eu, Kierkegaard, me apaixono avassaladoramente. Ordem e Progresso. Encontrei--me com a mãe de Sofia, no elevador, uma mulher magra, dessas que almoçam um iogurte com um cream cracker e se pesam duas vezes por dia em uma balança dentro do banheiro. Me observava sem rebuços até que a olhei de volta da mesma maneira e ela se apresentou dizendo que gostaria que eu lhe autografasse um dos meus livros, ou dois, se não fosse abuso. Seu último livro me fez pensar muito, ela disse, modulando a voz como certas atrizes da televisão, uma tonalidade baixa desprovida de emoção; vou tentar imitá-la: está escrevendo alguma coisa? Ah, cansou de escrever sobre o amor? O amor não cansa, o senhor como escritor devia saber disso. Depois ela me surpreendeu batendo no meu apartamento com dois livros debaixo do braço, pedindo o autógrafo. O marido havia ido ao futebol. Tenho pressa, escrevi. Pressa de quê? Não podia ter a filha e agarrava a mãe. Procurarei ser o mais rápida possível, disse Eunice num sorriso coadjutor. Os burgueses epicuristas entediados fingem estar num mundo bom e poético em que todos vão para a cama com todos. Da máquina: Eles, os galos, começam a lutar entre um e dois anos de idade, comem alho, milho, cebola, ovos cozidos, carne crua, massagens de álcool e amônia tornam sua pele mais dura, para suportar os esporões forrados de couro, os esporões de osso, os esporões de metal, a mortal Arma Um. Pedigree de centenas de anos. Uma diversão real no tempo de Henrique VIII: suspeito que esta seria mais uma inconciliabilidade entre ele e Morus, desdenhada pelos historiadores. Macacos me mordam. Eu jamais escreveria inconciliabilidade. Gosto de dizer macacos me mordam porque era assim que meu pai vociferava quando ficava perplexo. Por que macacos e não escorpiões, ou cobras, ou cães que estavam mais à mão para mordê-lo? Nunca soube, meu pai era um homem misterioso. Ordem e Progresso é meu mesmo. Regina e Sofia tinham a mesma pele, o mesmo cabelo, a mesma treveluz

do corpo. Mas Eunice era bronzeada de sol. Acho que entendi tudo, disse Eunice, não há tempo a perder. Para falar a verdade eu não sou um cínico, não sei ser irônico, sarcástico, sou tímido e orgulhoso, mas meu orgulho não tem arrogância nem ostentação, apenas autoestima. Eu sabia que me interessaria por Eunice apenas o tempo em que ela fosse uma pessoa nova, diferente, e isso ela conseguiria ser apenas algumas horas; durante esse tempo eu sentiria desejo, acharia graça nela. Da máquina: Glória e Honra a Jesus!, disse o Curandeiro e a mulher, que tinha uma perna tão inchada que não deixava mais ela arrumar a casa, passou a acompanhar as orações pela televisão até que um dia, de repente, levantou-se e percebeu que estava curada. Nossa irmã está curada, disse o Curandeiro, acreditou na bondade infinita de Jesus, na força do seu milagre, no poder da oração, na fé. Oremos: glorioso Deus, glorioso Pai, nossos milhares e milhares de telespectadores aguardam a cura para seus horrendos sofrimentos, em nome de Jesus ordeno que saiam dos seus corpos as doenças malignas, pelo poder da misericórdia e da compaixão, ó Jesus, pai bendito, libertai este povo que tanto tem ajudado o Pronto Socorro Divino. Imagens de Jesus, do Curandeiro, música celestial, o rosto feliz dos sofredores. Havia em Eunice alguma coisa que me afligia. Ela estava sempre tensa e infeliz; era frio o suor do seu corpo nu, apenas no momento do orgasmo eu sentia que ela superava a sua aflição, mas logo em seguida seu rosto se crispava e ela começava a chorar. A iniciativa não havia sido minha; depois que eu lhe dera os autógrafos ela permanecera em pé, no meio da sala, desajeitada e eu dissera, fique à vontade e ela perguntara onde era o quarto. Eu sentia pena dela, mas também ficava enfadado com o dramalhão de alcova que ela invariavelmente encenava nas poucas vezes em que estivemos juntos, talvez porque eu não costume sofrer desses instantâneos e fugazes sentimentos de culpa. Ir para cama com Eunice, como com todas as outras, fora algo parecido com uma viagem a uma cidade desconhecida: no princípio a gente percebe tudo, alerta, ligado, mas depois de algum tempo atravessamos a rua sem nada ver, e se vemos não sentimos, como um carteiro fazendo a entrega da correspondência. Ah, o pior de todos os venenos! Tenho vontade de voltar a fita atrás e ouvir esta gravação, mas sei que se o fizer não continuarei registrando estes acontecimentos. De qualquer forma quando terminar de ditar jogarei a fita no lixo. Eu nunca seria capaz de escrever sobre acontecimentos reais da minha vida, não só porque ela, como aliás a de quase todos os escritores, nada tem de extraordinário ou interessante, mas também porque eu me sinto mal só de pensar que alguém possa conhecer a minha intimidade. É claro que eu poderia camuflar os fatos com uma aparência de ficção, passando da primeira para a terceira pessoa, acrescentando um pouco de drama e comédia inventados etc. É isso o que muitos escritores fazem e talvez

seja a razão pela qual a literatura deles é tão fastidiosa. Vejamos a minha vida, nos últimos três meses. Tento escrever uma novela sobre briga de galos, ou outras duas sobre as quais falarei em seguida, e procuro comer todas as mulheres que passam perto de mim. Evidentemente isso não basta para compor uma boa peça de ficção. O papel especial em que sempre escrevo, comprado na Casa Mattos, está em cima da mesa, e a trama já está armada dentro da minha cabeça. O protagonista é um chefe poderoso do baixo mundo (jogo do bicho, narcóticos, contrabando e prostituição) e o seu galo invencível (pedigree de cem anos), no qual ele aposta verdadeiras fortunas, dando vantagens de até dez por um. O antagonista é um pobre criador de galos da Baixada e o seu galo desconhecido, mas que ele, com sua longa experiência, considera imbatível. O velho consegue convencer parentes e amigos a se associarem numa grande aposta contra o poderoso chefão. Será uma briga mortal pois os galos usarão esporões de prata, a Arma Um. Meu prestígio de escritor e minhas pretensões exigem que a novela seja uma alegoria sobre a ambição, a soberba e a impiedade. Agora pergunto: para quem armo eu continuamente essa empulhação de seriedade e profundeza? Os meus contemporâneos? Mas desprezo todos, não tenho um só amigo e nunca vejo os conhecidos, a única vez em que estive pessoalmente com os meus editores foi há três anos atrás, entendo-me com eles por meio de cartas. Os meus contatos frequentes são apenas com as mulheres com quem mantenho relações amorosas. Mas também não é para elas que teço minha rede de mentiras, hipérboles e subterfúgios, não é sua admiração que quero. Desejo, compulsivamente, todas que passam à minha frente, e racionalizo: uma é bonita, outra é simpática, outra é poetisa, outra é boa e decente, outra é a mãe da menina que eu amo. Etc. O que fiz nestes três meses? Comi, dormi, li alguns livros, vi televisão, fui ao cinema, me envolvi com três mulheres, coisas que não interessam a ninguém, nem mesmo a mim, e no entanto aqui estou contando tudo para um objeto eletrônico, quadrado, movido a pilha. Mas jamais seria capaz de escrever sobre isto. Escreverei sobre a criação do deserto da Amazônia pelas mãos predatórias do homem, sobre o terror atômico, sobre as injustiças sociais e econômicas. Mas o papel que espere por essas verdades transcendentais mais um pouco. Agora quero continuar falando, daqui a pouco talvez esse brinquedinho me canse. Regina e Eunice me aborreciam, eu estava preparado para Sofia, esperando por ela, eu sabia que ela vinha, como a gente sabe quando o dia vai raiar, naquele instante antes do começo da claridade. Ela surgiu com a sua curta saia azul de colégio, que deixava à mostra suas pernas imaculadas. Ficamos sentados frente a frente em meu apartamento sem dizer uma palavra, até que ela perguntou: mamãe tem trinta e cinco anos, você é mais velho, não é? Eu também era mais velho do que o pai dela. Enquanto tomava coca-cola Sofia

disse que passando o dia todo dentro de casa, como era o meu caso, eu não ia saber nada do que estava acontecendo lá fora, no mundo. As pessoas estavam muito doidas, era isso o que estava acontecendo lá fora, continuou Sofia. Eu sabia que ia ser naquele dia, senti-me dominado por espectrais alucinações, como os santos, e minha boca estava seca, meu Deus, ela tinha apenas doze anos, seu hálito ardente entrou pelas minhas narinas e extasiado vi o seu corpo se revelar, os pequenos seios redondos, a barriga enxuta por onde um fino fio de cabelos negros descia, até encontrar o púbis espesso de escuros pelos que me engolfou como um poço, um abismo noturno de gozo e volúpia. Depois Sofia perguntou se o sangue no lençol era dela. E perguntou também se o orgasmo era uma espécie de agonia. Parecia que tudo havia sido um sonho, meu corpo todo formigava, dormente, e minha cabeça parecia ter explodido em miríades de ínfimas partículas que pairavam no ar como um gás denso e então entendi o que o poeta chinês queria dizer ao afirmar que a mente é ampla nuvem flutuando. Não doeu nada, disse Sofia, foi bom, isso tinha que acontecer um dia, não tinha? Ordem e Progresso. Me apaixonei por Sofia como nunca estivera em toda a minha vida de amores impetuosos. Ela era uma pessoa muito pura, quando ia ao banheiro pedia para eu ficar perto dela conversando pois assim aliviaria a sua prisão de ventre, o que de fato passou a acontecer diariamente. Eu nunca pensei que acharia linda uma mulher sentada num vaso sanitário, mas era isso exatamente o que ocorria. Maria Augusta e Regina nunca me deixaram vê-las nessa situação. Passávamos, eu e Sofia, horas esmiuçando um ao outro, descobrindo a protolinguagem do corpo. A pele do ânus e da vagina de Sofia era negra, mais escura ainda do que os profusos cabelos que lhe cobriam o púbis e continuavam pelo rego das nádegas até às costas. Eu gostava de olhar e passar o dedo de leve em todos os desvãos do seu corpo, e ela fazia o mesmo comigo; ela besuntava de mel o meu rosto, e eu o rosto dela, depois íamos para a cama e um lambia o mel do rosto do outro. De onde fora ela buscar toda esta sabedoria selvagem? Eu amava Sofia, eu amava Sofia. Eu amo Sofia!, eu gritava na janela, na praia quando a paixão era tão forte que ficava insopitável. Eu era muito feliz. Passei a evitar Regina e Eunice. Soube que o pai e a mãe de Sofia bebiam muito, era comum, à noite, eles se embriagarem assistindo à televisão, sem perceberem que a filha os observava, com um pouco de pena e muito desprezo. Convenci Sofia a voltar a frequentar o colégio. Nossos encontros eram pela manhã, ou então à noite depois que os pais dormiam. Sofia queria ser muito rica quando crescesse, os ricos da imaginação dela eram iguais aos do Fitzgerald: imperturbáveis, distantes, desinteressados, nunca se excitavam, nem se encrespavam, nem se irritavam, nem se exaltavam, eram corteses, amenos, atentos, galantes. Quanto a mim, os que conheci eram gananciosos, cúpidos,

aquisitivos, avaros e cobiçosos. Sofia não sabia o que era encrespar. Expliquei que era o mesmo que irritar. Sofia disse que eu falava demais, para que aquele palavreado todo? Só porque você é escritor não precisa falar assim. Engraçado, há uma certa correspondência entre o registro oral e o verbal, mas eu jamais escreveria nem se excitam, nem se encrespam, nem se irritam, isso falado ainda passa, mas escrito seria afetado e asnático, como Sofia percebeu. Querer produzir as belas-letras é tão ruim quanto querer ser coerente. Eu sou diferente a cada semana, a cada dia, sou contraditório, bruto e delicado, cruel e generoso, compreensivo e impiedoso. Essa confissão eu jamais faria por escrito, muitos ecos e rimas ginasianas. Sofia me perguntou se tivéssemos um filho qual seria o nome dele? Você não vai ter um filho, respondi. Não sei. Não vai não. Não sei. Macacos me mordam. Há dois meses que a menstruação dela não vinha. Telefonei para um laboratório e me disseram para levar a primeira urina da manhã. Resultado do exame de gravidez: Nome: Sofia. Exame: Teste imunológico para gravidez. Resultado: Positivo. Observação: Foi usado o prognosticon da Organon. Eu achava que você era velho demais e eu moça demais para a gente ter um filho. Grávida! Inferno! Macacos me mordam! Tentei refugiar-me nos poetas, imaginei suicidar-me, um velho pensamento. Por que será que os nossos dentes ficam cariados? Certamente o meu dentista riria desta pergunta. Três mulheres repartiam o meu corpo, a minha casa verdadeira, três mulheres exigiam que eu fosse um bom hospedeiro atento aos seus desejos. Ordem e Progresso. Nunca tive um filho e não quero esse tipo de escravidão. Eu conhecia um sujeito chamado José de Alencar, ele queria ser escritor mas o nome não deixava. Dois Josés de Alencar é demais, ele disse, enquanto almoçávamos na cidade, num dia quente em que havia tanta gente na rua que era impossível andar um pouco mais depressa. José de Alencar era dono de uma agência de carros usados, mas eu desconfiava que ele era contrabandista. A lei existe para te sacanear, ele disse, e por isso eu conheço todos os macetes para burlar a lei. Há uma clínica em Botafogo que é uma maravilha, a menina entra e sai e não sofre nada, é como se fizesse uma limpeza de pele, de dois meses então é uma sopa. Tim tim, bateu o copo no meu, não se preocupe, o preço é razoável, procure a enfermeira-chefe, dona Moema, pode usar o meu nome, sou velho freguês da casa. E contou suas proezas galantes, e mostrava um grande apetite e admitiu que sentia mais fome quando a comida era de graça. Ela estava grávida, um feto meu dentro da barriga, talvez já tivesse até coração, mas assim mesmo eu entrava diariamente no túnel do seu corpo e percorria os caminhos de êxtase da sua carne, macacos me mordam! Meu bobinho, ela dizia, está nascendo cabelo na tua careca, olha só. E lambia a minha testa. Passeando na praia Sofia me perguntou se eu me casaria com ela quando ela fizesse dezoito anos. Faltam

seis anos, você acha muito ou pouco tempo? Muito. Ah, esse veneno! Ao voltarmos encontramos o pai de Sofia no hall do edifício. Ele estava esperando por nós e parecia embriagado. Vamos subir para o seu apartamento, ele disse rispidamente. Seus olhos estavam congestionados e ele torcia a boca exageradamente, para que eu não tivesse dúvidas quanto ao seu estado de espírito. Vez por outra enfiava a mão no bolso ameaçadoramente. O nome dele era Milcíades. Ele não havia feito a barba e parecia ter dormido com a roupa que usava. Entramos no meu apartamento e assim que fechou a porta Milcíades tirou do bolso um revólver que me apontou com a mão trêmula. Se atirasse em mim e me matasse seria por acaso. Aos gritos Milcíades disse que nos havia visto de mãos dadas na rua. Canalha, velho cínico e imoral, bradou ele, enrolando a língua. Eu deixei que ele gritasse até ficar cansado. Depois lhe disse, em muitas e repetidas palavras, que eu tratava a filha dele com o maior respeito, como se fosse um pai, o que era verdade. Ele nos examinou, a mim e a Sofia, com um astuto olhar esgazeado, e depois de algum tempo colocou o revólver no bolso do paletó e sentou-se. De qualquer forma não quero que o senhor veja mais a minha filha, ele disse, e ordenou a Sofia que fosse para casa. Fiz um gesto tranquilizador para Sofia quando ela saiu. Perguntei a Milcíades se podia oferecer-lhe um uísque. Ele hesitou um pouco e respondeu, com voz mais suave e conciliadora: com gelo. Preparei uma dose dupla para ele e outra para mim, sentei-me ao seu lado e ficamos bebendo em silêncio. Ele só voltou a falar quando tomava o quarto uísque. É do legítimo, disse Milcíades, levantando o polegar da mão que segurava o copo e derramando líquido na roupa. E depois, fazendo uma cara que parecia a de um velho cão sarnento abandonado, disse: confio no senhor. Ele estava dormindo, de boca aberta, sentado no sofá, quando Sofia e Eunice chegaram. Elas tentaram levantá-lo, mas Milcíades era um homem gordo e grande e o esforço das duas de nada adiantou. Afinal, com minha ajuda, conseguimos levá-lo para casa e colocá-lo na cama. Tirei os seus sapatos e o paletó com o revólver. Ela foi criada com tudo que uma menina precisa, disse Milcíades com sua voz pastosa e logo começou a ressonar tranquilamente. Eunice perguntou se eu queria beber alguma coisa. Recusei dizendo que já havia bebido demais. Eunice não queria que eu fosse embora, fez questão que eu me sentasse um pouco, na sala de poltronas de plástico. Num canto uma televisão colorida; não havia quadros nas paredes. Vá deitar, disse Eunice para Sofia. Não, não vou, disse Sofia, sentando-se ao meu lado. Sua mãe está mandando!, gritou Eunice. Logo as duas se empenharam numa discussão violenta e cruel que me encheu de desgosto. Levantei-me e quando viram que eu me retirava pararam a discussão, envergonhadas, talvez, e me pediram que não fosse embora. Saí com o coração pesado e passei a noite lendo. Storr: muitos

especialistas que examinaram o problema de crianças seduzidas ou que tiveram contato sexual com adultos concluíram que os danos emocionais por elas sofridos resultaram do horror dos mais velhos que tomaram conhecimento do fato e não de algo intrinsecamente assustador no contato sexual. Kinsey: alguns dos mais experientes estudiosos dos problemas juvenis concluíram que as reações dos pais, autoridades policiais e outros adultos podem prejudicar a criança muito mais do que os contatos sexuais em si. Storr: em muitos casos, em que ocorreram repetidos contatos sexuais entre o adulto e a criança, esta mostrou-se ativamente interessada em continuar os contatos e não apresentou distúrbios ou outras anormalidades, até ser descoberta e recriminada. Tais crianças possuem personalidade agradável e têm grande aptidão para contatos pessoais. Não estou gravando isso para me justificar. Não sei, estou muito confuso, sinto que estou escondendo coisas de mim, eu sempre faço isso quando escrevo mas nunca pensei que o fizesse falando em segredo com esta fria maquineta. Ontem ocorreram aqueles episódios desagradáveis com o pai e a mãe de Sofia. Hoje eu ainda não os vi. De manhã eu e Sofia fomos de carro à clínica em Botafogo. Sofia cantava, acompanhando a música do carro: são as trapaças da sorte, são as traças da paixão. Macacos me mordam. Na sala da clínica estavam seis mulheres, sendo quatro muito jovens, e dois homens, que nos olharam em silêncio quando chegamos. Uma atendente convocou logo depois as mulheres, que foram conduzidas por uma porta, como se fossem prisioneiras. Perguntei pela enfermeira-chefe. Ela demorou uns dez minutos para aparecer e levou-nos para uma salinha. Moema era magra, brusca, de voz estridente. Que idade ela tem? Respondi: dezesseis. Moema disse que Sofia parecia ter menos, mas que de qualquer forma o médico não operava pessoas com menos de dezoito anos. Que diferença faz entre dezesseis e dezoito? Sou amigo do José de Alencar. Moema me olhou com frieza e disse que somente o diretor da clínica poderia resolver o problema. Quem fazia aborto numa garota de dezoito anos fazia numa de dezesseis, quem fazia numa de dezesseis fazia numa de quatorze, quem fazia numa de quatorze fazia numa de doze. Afinal surgiu o diretor. Era um homem gordo, enorme, vestido de branco. Apresentei-me a ele dando um nome falso. Quantos anos ela tem?, perguntou ele, com aspereza. Dezesseis. Ele riu, os lábios grossos e úmidos brilhantes puxados para baixo e disse num tom peremptório: ela não tem dezesseis anos. Se tivesse o senhor a operaria?, perguntei. Talvez, ele disse, dando uma volta sobre os calcanhares, como se fosse um pião. Seus pés pequenos, e suas pernas finas pareciam incapazes de equilibrar o seu tronco rotundo, mas ele movia-se rápido e até com certa graça feminina. Se ela tivesse dezesseis anos os riscos para a saúde da paciente seriam menores e ele não queria meter--se em confusões operando uma menina de onze

anos. Ela tem doze anos, corrigi, involuntariamente. E o senhor com essa cara pierrotesca querendo me fazer de trouxa, disse ele rindo. Ela tem uma saúde de ferro, eu disse, relevando o doesto, envergonhado. Ele continuou rindo, balançando a imensa barriga, um riso baixo e musical, Boris Godunov. Seus dentes eram amarelados de nicotina; ele salivava nos cantos da boca e com a língua, uma língua pequena e achatada como a de um gato, espalhava a saliva pelos lábios polpudos. Nós não podemos ter esse filho, doutor, eu disse humilde. Boris parou de rir e encostou o rosto no meu. Sua pele era cheia de pequenos buraquinhos como se ele tivesse sofrido um surto brando de varíola. Por que não usou pílula, diafragma, camisinha, diu, coitus interruptus? Fazem besteira e depois vêm correndo para cá. É um pobre país este, cinco milhões de abortos por ano. Macacos me mordam. Nós não podemos ter esse filho, repeti desanimado. Boris perguntou minha idade e quando eu disse notei que ele me olhou com mais simpatia. Mesmo assim não abandonou o seu estilo injurioso: mais pra lá do que pra cá, hein? Eu amo esta menina. Ah, o amor, o amor, sentenciou Boris. Tudo tem um ônus, um preço, um imposto, uma carga, um gravame. Peguei Sofia pelo braço, para irmos embora. Ela permanecera calada; creio que em alguns momentos divertiu-se com a figura de Boris. Vexame, ele entoou, há sempre um vexame à nossa espera. Mas o senhor tem sorte, farei esta loucura, deve ser a sua cara de parvo que me comove. Quero dinheiro em espécie, dona Moema lhe dirá quanto é. E saiu deslizando sobre os seus sapatos brancos de pelica. Pedi a dona Moema que tratasse bem de Sofia. Olhei as duas desaparecendo por uma porta. As costas de Sofia eram tão delicadas e frágeis! Meus olhos se encheram de lágrimas. Felizmente a visão dos seus vigorosos músculos glúteos, contidos pela calça lee, amainou um pouco a minha dor e o meu medo. Ainda por cima eu não tinha o dinheiro que Boris me pedira. Onde conseguir aquela quantia? Liguei para o meu editor, mas não consegui localizá-lo. Macacos me mordam. Os amigos devem servir para estas horas, mas eu não tinha amigos. Liguei para Regina. Combinamos um encontro na agência do banco. Eu não disse para que era o dinheiro, nem ela perguntou. Eu te pago, assim que localizar o meu editor eu te pago. Devo ter repetido isto várias vezes pois ela me advertiu irritada: pare de me tratar como se eu fosse um gerente de banco, seu idiota. Voltei correndo para a clínica e entreguei o dinheiro a dona Moema, que me disse que Sofia estava passando bem e dormia. Sentei-me numa sala de espera e pela primeira vez na minha vida, vendo retrospectivamente (na hora não notei), consegui esvaziar a minha cabeça de qualquer pensamento, como se o meu cérebro tivesse sido arrancado e dentro do meu crânio restasse um espaço vazio. Foi um tempo infindável. Então Moema surgiu com Sofia. Ela estava muito pálida, os lábios cinzentos. Ela está bem, disse Moema. Não se esqueça de seguir as

recomendações médicas. Quando chegamos no carro dei a Sofia as flores que eu não tivera coragem de entregar na frente de dona Moema. Adoro rosas amarelas, disse Sofia. Logo ela dormiu com o buquê de rosas no colo enquanto eu dirigia com cuidado pelas ruas cheias de carros. Aos poucos minha cabeça começou a se povoar de pensamentos: os telefonemas silenciosos, Boris, a briga de galos, Maria Augusta, meu editor, o Curandeiro da televisão, Eunice, Regina. Abri as janelas do carro e respirei fundo. O que estou fazendo também agora, várias vezes. Combinei com Sofia que ela chegaria em sua casa e diria que estava com muita dor de cabeça e iria direto para a cama. A lavagem de amanhã e todas as outras ela fará aqui, já estou com o clister e os remédios. O telefone toca várias vezes. Nada mudou, nada vai mudar. Macacos me mordam.

ENCONTRO NO AMAZONAS

Soubemos que ele havia se deslocado de Corumbá para Belém, via Brasília, de ônibus. De tanto andar atrás dele eu já sabia que tipo de pessoa ele era. Estava fugindo, mas isso não o impedia de ver todos os museus e igrejas no seu caminho.

O único museu que havia em Belém era o Goeldi. Ele passara dois dias seguidos visitando o Goeldi, mesmo tendo razões para suspeitar que nós estávamos chegando perto. Todo mundo o havia visto.

“Ele ficou um tempão olhando os peixes. Tinha um caderno grosso cheio de anotações”, disse o homem do aquário.

“Se isso foi anteontem é possível que ele ainda esteja por aqui”, disse Carlos Alberto.

Carlos Alberto estava naquela missão comigo. Sentamos num bar e bebemos cerveja. A cerveja do Pará não era ruim. Em qualquer lugar do mundo pode-se tomar cerveja sem susto.

“Qual será o nome que ele estará usando agora?”, perguntou Carlos Alberto.

“Não sei. Mas não será nenhum dos que conhecemos.”

Ele havia entrado pela fronteira da Argentina e estava subindo para o norte. Sabíamos que chegara a Brasília e dali viera para Belém de ônibus, varando, só nesta etapa, mil novecentos e um quilômetros de estrada. De Belém, se tivesse usado avião de carreira, ele poderia ter ido para Macapá, ou para Santarém, ou para Manaus e dali para Boa Vista, mais para o norte, junto da Guiana e da Venezuela. Ou então para noroeste, Porto Velho e depois Rio Branco, junto das fronteiras do Peru e da Bolívia.

Achar o hotel dele em Belém fora muita sorte nossa. Um motorista que fazia ponto na rodoviária se lembrava dele. Era o Hotel Equatorial. O empregado da portaria informou que ele indagara sobre um vapor que subia o rio até Manaus. A passagem havia sido comprada na agência de viagens Lusotour.

“Claro que lembro dele, difícil seria esquecê-lo. Ele queria uma passagem num dos navios que sobe o Amazonas até Manaus”, disse o homem da agência.

“E ele seguiu no navio?”

“Não sei. Creio que sim. Não temos o controle do embarque. Aquilo é muito desorganizado. Mas ele pode ter ido de avião, pois tinha uma reserva para

Manaus.”

No aeroporto também não obtivemos informações. Ele poderia ter embarcado ou não. Os nomes da lista de passageiros nada esclareciam. Inesperadamente, as pessoas pareciam não mais tê--lo visto, como se isso fosse possível.

Tiramos cara ou coroa para ver quem ia direto de avião para Manaus, esperar por ele, caso ele tivesse ido para lá, e quem ia subir o rio fazendo uma verificação em cada vila ou cidade em que o navio parava, até Manaus.

Coroa era Manaus e saiu para Carlos Alberto.

“Você sabe o que fazer, não sabe?”

“Pode deixar”, disse Carlos Alberto.

Carlos Alberto estava há pouco tempo com a gente. Era ainda muito jovem, mas muito aplicado.

“O aeroporto de Manaus é moderno e com muito movimento”, eu disse.

“Pode deixar.” Carlos Alberto só falava muito quando era sobre a mãe que ele estava escolhendo. Levei-o até o aeroporto. Esperei o avião partir.

Eu tinha uma semana para ficar em Belém, esperando o navio. Acordava às cinco da manhã e ficava ouvindo o rádio, para me familiarizar com as coisas locais. Depois tomava banho, vestia uma calça e uma camisa, e saía. O hotel onde eu estava era do tipo médio, apenas com turistas brasileiros do norte e do nordeste.

Eram sete e meia quando cheguei ao museu. Entrei pela porta dos funcionários, sem perceber que ainda não estava aberto para o público.

Fui até a jaula dos animais. Dentro de poucos anos não existiria mais nenhum, toda a fauna amazônica estava sendo dizimada. Quando me viu, a onça começou a brincar; corria e rolava de barriga para cima, como se fosse um gato. Outro animal muito bonito e elegante era a suçuarana, uma espécie de leopardo; seu pelo lilás lavado brilhava na claridade matutina. Os macacos, porém, pareciam animais tristes, infelizes e maníacos. Havia um que escondia o rosto agarrado nas barras de ferro. Suas mãos eram parecidas com as minhas. O rosto e o olhar do macaco tinham um ar de desilusão e derrota, de quem perdeu a capacidade de resistir e sonhar.

O restaurante do hotel era pequeno, mas muito eficiente. Eu comia diariamente unhas de caranguejo ao vinagrete e camarões regados ao vinho branco do Rio Grande do Sul. Não adiantava ficar nervoso. Eu tinha que ser

paciente. Ele podia estar subindo o rio, até Manaus. Se ficasse no meio do caminho eu o encontraria, a menos que ele desembarcasse, pegasse um barco e se metesse num dos afluentes do Amazonas. Então ele desapareceria sem deixar traço e nem todos os poderes do mundo seriam capazes de achá-lo. Mas ele não queria e não podia desaparecer na Amazônia. Ele também tinha a sua missão.

Se quisesse sair do Brasil de avião, via Manaus, como parecia, ele podia ir ou para o Peru ou para a Bolívia, ou Venezuela ou Colômbia. Então nós dificilmente acharíamos o seu rastro outra vez.

Na Argentina ele tinha se dado mal. Também no Paraguai. No Brasil ele fizera um bom trabalho, considerando as circunstâncias, até que nós o apertamos — custamos a descobrir quem era — e ele começou a se deslocar do sudeste, onde agia, para o norte, de maneira insólita que quase nos enganou.

Uma cidade pequena para nós era a que tinha até um milhão de habitantes. Era assim Manaus. Nas pequenas cidades tínhamos que ser mais cuidadosos, os forasteiros eram facilmente detectados. Além de outras dificuldades.

Na véspera do meu embarque fui tomar um sorvete de frutas perto da praça Bernardo Santos. Era um lugar que tinha mais de oitenta tipos de sorvete. Eu queria tomar um sorvete de bacuri.

“Está bom?”, ela me perguntou. Era uma garota miudinha, loura, que surgira inesperadamente perto de mim. “Você é de fora?”

“Sou”, respondi. Não adiantava mentir que não era. Belém era uma cidade grande, de mais de um milhão de pessoas. Talvez eu passasse despercebido, mas mentiras óbvias deviam ser evitadas. A garota evidentemente não era nenhum risco, mesmo assim eu agiria com ela de acordo com o figurino.

“De onde?”

“Porto Alegre.” Era mentira, mas eu conhecia Porto Alegre bem.

“Do outro extremo. Quantos quilômetros até lá?”

“Milhares. Quatro mil, mais ou menos.”

“Eu sou de Macapá. Estou estudando aqui, sou a ovelha negra da família.”

Seus olhos eram de um verde esmaecido. Com o seu olhar ansioso e o rosto pequeno ela parecia o macaco triste do Goeldi.

“Também sou uma ovelha negra”, eu disse.

Fomos andando e tomando sorvete.

“Para onde você vai agora? Quer jantar comigo?”, perguntei.

Comemos churrasco de tambaqui, no restaurante do hotel. Os peixes da Amazônia são todos muito gostosos. Sempre que ia para o Norte eu só comia peixe. A cozinha do Pará é muito rica. Dizem os gastrônomos que é a única genuinamente brasileira.

Ela comeu pato no tucupi. Com tanto peixe, tucunarés, pirarucus, tambaquis, pintados e camarões, lagostas, caranguejos, eu não iria perder tempo comendo pato como se estivesse na França.

No restaurante baratinei a menina. Ela disse que tinha dezenove anos, era de Macapá, o pai comerciava com madeiras (um dos que estavam devastando o Brasil), recebia uma mesada, morava sozinha, ia fazer o vestibular de administração na Universidade de Belém. Era tudo verdade, eu podia ficar tranquilo.

Fomos para o meu quarto. Seu corpo pequeno era muito bem--feito. Porém nua ela parecia mais velha e flácida.

“Posso ficar para dormir?”, ela perguntou. Isso acontecia muito comigo. Às vezes, nas cidades pequenas, eram cães que me seguiam pelas ruas até onde eu estava morando. Sempre lhes dava comida e tapinhas na cabeça.

“Pode”, eu disse.

Durante a noite fiquei mais tempo acordado do que dormindo.

Foi uma semana de tédio. Carlos Alberto telefonou de Manaus dizendo que estava a postos. Havia feito um reconhecimento completo no aeroporto.

“A cidade está cheia de bagulheiros. O que tem de gente carregando caixa de papelão com equipamentos eletrônicos não é normal. Gente do Brasil inteiro. São uns malucos. Quem foi que inventou essa porcaria de Zona Franca?”

“É uma longa história que não vou explicar pelo telefone”, eu disse. “Encontrou a tua mãe?”

“Ainda não. Aqui só tem burguesa nojenta de short, paulistas e cariocas e paranaenses e gaúchas, olhando pra vitrine de loja de importados. Umas escrotas perfumadas.”

A garota de Macapá se chamava Dorinha. Maria das Dores. Dorinha, dor pequena, dorzinha. Era assim que eu a chamava.

“Dorzinha, vou embora hoje.”

“Posso ir com você?”

“Eu volto.”

“Jura?”

Juramentos não valem nada. Os meus menos ainda.

“Juro.”

Eu viajava com pouca bagagem. Uma bolsa a tiracolo e uma mala-saco de nylon. Dorzinha carregou o saco até o cais Mosqueiro Soure. A bolsa eu nunca largava. Não podia, é claro, seria um erro.

No cais havia centenas de pessoas carregando um montão de bagagem, bujões de gás, colchões, mobílias, sacos de mantimentos.

O Pedro Teixeira tinha uma primeira classe, com cem passageiros, e uma terceira. Eu havia conseguido um dos poucos camarotes com dois lugares. Um lugar fora bloqueado. Eu não queria viajar com ninguém. A maioria dos camarotes de primeira tinha quatro beliches, geralmente ocupados por pessoas que não se conheciam. Apenas dois camarotes, chamados de luxo, tinham banheiro próprio e ar-refrigerado. Todos os outros passageiros usavam os banheiros comuns.

Meu camarote era o 30, e ficava a boreste.

“Não deixe de me escrever”, disse Dorinha.

“Adeus, Dorzinha”, eu disse, beijando-a no rosto.

Pelo alto-falante colocado no cais anunciaram que os passageiros da terceira classe já podiam embarcar. Eles correram para o convés da popa e armaram suas redes.

As pessoas se colocavam umas sobre as outras, as redes se tocando, num emaranhado que parecia algo inventado pela natureza,uma flor do fundo do mar. Uma rede de redes que não poderia ser planejada e criada por nenhum arquiteto ou engenheiro, mas que brotou, em apenas meia hora, da necessidade e da ânsia das pessoas.

Estava muito quente. Tirei a cadeira do meu camarote e coloquei-a no corredor. Dali eu avistava as redes. Uma porta de comunicação estava aberta, mas os passageiros da terceira apenas olhavam para o corredor da primeira com curiosidade reverente. Um homem acompanhado da mulher e do filho atravessou a porta. Passou por mim e o ouvi dizendo — “esse aí deve ser danado de

importante”. Não havia rancor na sua voz. Ele aceitava que o mundo tivesse pessoas danadas de importante que viajassem de camarote e possuíssem uma cadeira para sentar, no corredor, e outras que viajassem em redes dependuradas, como réstias de cebola.

O camarote 28 (a boreste os camarotes tinham números pares; a bombordo, ímpares) era ocupado por três homens. Um deles começou a conversar comigo. Disse que era advogado em Goiás e que estava se mudando para Parintins.

“Lá só tem um juiz, um promotor e um advogado. Não adianta ficar em Goiânia, a concorrência é muita.”

O nome dele era Ezir. No dedo anular da mão esquerda exibia um enorme anel de grau com pedra vermelha.

Meu camarote, além dos beliches, tinha dois armários e uma pia. Verifiquei as portas — uma de venezianas, e outra, por dentro, com uma tela, para evitar os insetos. O taifeiro me havia dado duas chaves — uma do camarote e outra do banheiro.

O banheiro, mesmo antes da viagem começar, já estava sujo.

Três apitos longos ecoaram na noite morna. O navio começou a se deslocar. Uma brisa fresca e agradável soprava. A porta de comunicação com a terceira classe foi fechada por um taifeiro. Senti um certo alívio. Pobreza me incomodava, como se fosse uma doença contagiosa. Eu me irritava com aquela gente suportando tanta humilhação e sofrimento.

Eram dez horas. Tirei toda a roupa e deitei-me no beliche inferior. Dormi mal. Sonhei com ele. Não era a primeira vez. Eu nunca o tinha visto mas sonhava com ele. Com a descrição que me haviam feito dele. Eu queria vê-lo, encostar a mão no seu corpo, estava cansado de correr atrás dele inutilmente.

Levantei-me às quatro e meia. No camarote não havia toalhas nem sabão. Eu tinha uma toalha na minha bagagem e um pequeno sabão do hotel. Vesti um calção e saí, carregando minha bolsa. Um vento frio envolveu meu corpo. O navio inteiro dormia.

O banheiro tinha três privadas e dois chuveiros. Tentei defecar, como sempre fazia ao acordar, mas não consegui. Tomei banho e enxuguei apenas as nádegas, o pênis e os testículos, para poupar a toalha. Minha bolsa ficou sempre perto de mim.

Voltei ao meu camarote e vesti uma calça de brim e uma camisa. Fui para o convés superior aberto, da popa.

O dia raiou nublado, quase às seis horas. Ainda estávamos no rio Pará. O café seria servido às sete horas. O almoço das onze às doze e o jantar das dezessete às dezoito horas.

Os passageiros da terceira haviam sido segregados no convés inferior, mas alguns conseguiram escapar e dormiam nas cadeiras de descanso de cima.

Às sete horas fui para a mesa de refeições. Eu tinha que agir como um passageiro comum, e decidira adotar a identidade de um turista do sul, interessado em visitar a Zona Franca para fazer compras.

Eu havia estado em Manaus logo nos primeiros anos da Zona Franca. A cidade me dera a impressão de ter mais farmácias do que qualquer outra em que eu já estivera. E o espetáculo dos compristas carregando sacas coloridas das importadoras dava-lhe um ar materialista e corrupto. Fui comer, no melhor restaurante da cidade, um churrasco de pirarucu. Os frequentadores do restaurante, que me pareciam as pessoas finas da terra, eram como os fregueses de qualquer churrascaria do Méier ou do Brás. Só que não havia pretos e mulatos. Usavam relógios vistosos, vestiam-se como os sulistas, de paletó e gravata. Fui para a cama com uma prostituta de quatorze anos, que tinha dentes postiços.

Minha mesa, no navio, tinha, contando comigo, dez pessoas. Um casal estrangeiro, ambos louros, na casa dos trinta anos; duas mulheres mais velhas, possivelmente compristas; três homens que haviam se conhecido na viagem e dormiam no mesmo camarote, sendo um deles o advogado Ezir, e um casal que só vim a conhecer na hora do almoço, pois dormia até tarde.

Os estrangeiros falavam em voz baixa. Eram educados e prestativos. Estavam no centro da mesa e passavam os bules de café e leite e o açucareiro de um lado para o outro, com um sorriso. Eu conhecia esse tipo de gente. O homem carregava uma Nikon, para documentar a viagem e mostrar os slides para os amigos. Fotografava a imensidão das águas e a pobreza das pessoas e dos barracos na margem do rio.

Tentei descobrir a origem do casal pelo sotaque. Havia ecos do sotaque italiano, reminiscências sonoras do francês, uma certa guturalidade germânica. Não era difícil concluir que eram suíços.

Depois do café a suíça foi para o convés tomar banho de sol. Seu corpo era bem-feito. No café ela se alimentara parcamente, como alguém fazendo regime para manter o peso, recusando as bananas servidas, o que não acontecera com o homem. O pé da suíça, porém, era muito feio; como a maioria das mulheres, ela

tinha calos nos dedos e nos calcanhares; o dedo grande era torto; mas suas pernas eram bonitas.

Sempre que passávamos ao largo dos barracos da margem do rio, canoas se aproximavam do navio, tripuladas por mulheres, com uma ou duas crianças, que pediam coisas em gritos que pareciam ganidos de cachorros, como se esperassem que os passageiros lhes jogassem coisas, comida talvez, roupas. Mas não vi isso acontecer uma vez sequer.

Na hora do almoço conheci o casal que faltava na mesa C. O homem era moreno e forte, tinha bastos cabelos negros ondeados, um bigode grosso e usava óculos escuros. Parecia, inicialmente, sinistro e ameaçador. Ela era magra, queimada de sol, alta e mais jovem do que ele. Devia ter no máximo uns vinte anos. Os dois riam muito, descontraídos.

Os outros homens da mesa conversavam com Ezir. Um deles era funcionário aposentado do governo do Pará e ia passar o Natal com a família. O outro era funcionário do Ministério das Relações Exteriores, lotado na Comissão de Limites e Fronteiras, um homem grande e falastrão, que sabia muita coisa sobre a Amazônia e gostava de contar histórias pitorescas. As duas mulheres eram pernambucanas, estavam interessadas em aparelhos de som e máquinas fotográficas. “O senhor acha que eles descobrem uma Olimpus escondida no meio das roupas?” Eu podia ficar tranquilo quanto à mesa C. De qualquer maneira, eu me sentava de costas para a parede. Eram seis mesas, ocupadas em três turnos, o meu era o primeiro. Muitos passageiros da terceira haviam pago por fora para poderem comer na primeira. A alimentação da terceira era muito precária. Os passageiros tinham que possuir um prato e uma caneca, e comiam no próprio local onde estavam armadas as suas redes. Vi muitos passageiros da terceira jogando a comida fora, no rio.

Não havia no navio uma mulher que Carlos Alberto escolhesse para ser mãe dele. Eu não sabia o que ele procurava, mas sabia o que ele não queria. Carlos Alberto fora criado num asilo e nunca conhecera sua mãe. Toda mulher que via ele imaginava, “será que essa é a mulher de cujas entranhas eu gostaria de ter saído?”. Mas não conseguia encontrá-la.

Às vinte e três e trinta do segundo dia de viagem paramos em Gurupá, no Urucuricaia. Apesar da hora o cais estava cheio. Eu sabia que sempre haveria gente nos cais das cidades por onde passássemos. Seria impossível sair sem que ninguém o visse. Perguntei aos vendedores de frutas, aos vendedores de artesanato, às mocinhas, se o haviam visto desembarcar do outro navio.

“Uma assombração dessas se aparecesse todo mundo via”, disse uma mocinha depois de ouvir a descrição que fiz dele.

Estávamos viajando havia três dias e eu ainda não conseguira defecar. Meu organismo sempre funcionara bem. Devia ser a sujeira do banheiro. O trabalho me deixava um pouco tenso, mas não a ponto de causar aquela inibição. Afinal, não era a minha primeira missão. Fiquei um tempo enorme trepado na privada, como uma ave, a bolsa na mão, uma postura ridícula e inconfortável.

A hora do dia que eu mais gostava era a madrugada, quando todos dormiam e soprava uma brisa fresca. O convés estava sempre vazio. Eu via o dia raiar sentado numa das espreguiçadeiras do convés superior.

Surgiu um homem carregando uma gaiola com um pássaro. Era magro e alto, cara ossuda e comprida de nordestino. Apanhei minha bolsa que estava no chão, enquanto vigiava os seus movimentos.

“Que pássaro é esse?”, perguntei.

“É um xinó”, ele respondeu. Estava na terceira e transportava dez gaiolas com pássaros. Quatro eram rouxinóis.

Logo depois surgiu minha companheira de mesa, casada com o homem sinistro.

“Você acorda cedo assim?”, ela perguntou.

“Sempre”, eu disse.

“Pois eu ainda nem dormi”, ela disse.

Pegou um colar de contas vermelhas que tinha em torno do pescoço, rodou-o no ar e atirou-o no rio. Olhou para mim como se esperasse algum comentário. Fiquei calado. Parecia embriagada.

“Sou mineira. Moacyr é gaúcho. Não aguento mais essa viagem.”

A felicidade dela parecia ter acabado. Chamava-se Maria de Lurdes. Fechado dentro de um navio, um casal, mais do que um sujeito sozinho, tem que saber dosar suas energias.

Durante o café, Evandro, o sujeito da Comissão de Limites e Fronteiras, me disse que havíamos passado por Almerim.

“Ali, onde você vê aquela torre de micro-ondas da Embratel, é a Serra da Velha Pobre. Aquelas árvores de copas amarelas são pau d’arco, dobram o gume de qualquer machado.”

“Está vendo lá longe?”, continuou Evandro. “São as terras do Jari. Um mundo. Cabem três Franças aí nesse mato. Tudo dum americano maluco, o Ludwig.”

Evandro me olhou, de maneira suspicaz. Ou seria tudo invenção da minha mente treinada para desconfiar? Que resposta ele estaria esperando?

“Esse Brasil é grande”, eu disse.

Maria de Lurdes aproximou-se e me ofereceu uma laranja. Agradeci, recusando. Evandro debruçou-se na amurada do navio. Maria de Lurdes tirou o lenço da cabeça e num gesto dramático jogou-o no rio.

“O amor dura pouco”, disse Maria de Lurdes. “Estou te esperando hoje às dez e trinta da noite. Minha cabine é a 25. Moacyr bebe uma garrafa de cachaça por dia e umas dez de cerveja. Quando chega a noite ele já apagou.”

Maria de Lurdes tirou a blusa e a saia e jogou dentro d’água. Usava por baixo um biquíni vermelho. Seu corpo era bonito e jovem. O sol forte fazia a água do rio ainda mais barrenta e definia o contorno verde-escuro da floresta distante.

“Está vendo os botos? Eu queria ser um boto. Às vezes penso em pular n’água e sair corcoveando.” Maria de Lurdes levantou os braços, no seu sovaco os cabelos raspados despontavam duros. Tive vontade de estender as mãos e tocar nos bicos dos seus seios que apareciam através do tecido do sutiã. Carlos Alberto a escolheria para mãe? Maria de Lurdes botou a língua para fora e para dentro, como um lagarto, enquanto me olhava nos olhos.

“Dez e meia”, disse Maria de Lurdes.

Evandro, próximo, fingia olhar o rio.

“Almerim fica pra lá. Já estamos no Amazonas”, disse Evandro.

Passei o resto da manhã na terceira classe. Todos os dias o ceguinho Noé tocava acordeão. Ia com a mãe para Manaus e dali para Porto Velho. Era acompanhado por três sujeitos que tocavam pandeiro, bumbo e triângulo. Depois a mãe corria o pandeiro e as pessoas colocavam nele notas sujas de pequeno valor e níqueis.

“O grosso do povo é gente indo visitar a família. Mas tem também alguns marretas, que vendem de tudo, lavradores se mudando, muambeiras, um pistoleiro procurando ares mais frescos”, disse o taifeiro J. M. Diariamente eu dava uma gorjeta para ele.

“Me mostra o pistoleiro”, pedi.

Era um homem magro e pálido, de bigodinho fino, uns quarenta

anos. Matador ordinário.

“Pistoleiro de quem?”

“De quem pagar. Não tem patrão. Trabalha por empreitada pros coronéis e comerciantes da região. Olha, desculpe eu pedir, não me chama de J. M., me chama só de João.”

“Me disseram que era assim que você era conhecido.”

“Me chama de João, só João.”

No jantar Moacyr apareceu embriagado. Maria de Lurdes ria jogando a cabeça para trás e abrindo bem a boca, olhando para mim. Ezir piscou o olho para Evandro. As duas mulheres segredaram entre si.

“Estamos entrando no rio Monte Alegre”, disse Evandro. “É um rio cheio de peixe, tem tambaqui de um metro.”

“Tem centenas de espécies de peixe neste rio”, disse o funcionário aposentado.

Depois do jantar fui para minha cabine e me deitei. Uma bruxa grande voava dentro do camarote e batia no meu corpo nu. Na noite anterior um gafanhoto entrara no meu camarote e pousara no meu peito. Suas patas grudaram na minha pele. Quando quis tirá-lo, ele me deu uma leve picada, uma pequena alfinetada. Iluminado pela lâmpada que ficava sobre a minha cabeça, parecia feito de folha. Havia também uma lagartixa que à noite saía de trás do espelho e passeava pelo camarote à caça de mosquitos. A bruxa se debatia e eu pensava em Maria de Lurdes.

Havia decidido que não iria vê-la, mas isso não diminuíra o meu desejo por ela; ao contrário, parecia tê-lo aumentado. O seu corpo esguio e moreno, sua boca, sua língua de réptil não saíam da minha mente. Mas eu não podia arriscar o meu trabalho.

Chegaríamos a Monte Alegre por volta da meia-noite.

Às onze horas eu estava na proa. Avistamos as luzes de Monte Alegre a boreste. A cidade dividia-se em parte alta e baixa. Antes mesmo do navio atracar, barcos com vendedores de bananas, mangas, mamões, abacates, queijos e doces acostaram o navio.

O cais estava cheio de gente. Passamos por várias gaiolas, algumas com luzes brilhantes e redes coloridas estendidas no centro, muitas já ocupadas por

passageiros.

Desembarquei e falei com pessoas que haviam estado no cais de Monte Alegre quando o outro navio passara, na semana anterior. Ninguém havia visto ele desembarcar. Mas um rapaz que vendia queijos se lembrara de tê-lo visto na amurada do navio, sozinho, imóvel.

“Pensei que era um boneco”, disse o rapaz.

O navio soltou três apitos longos que ecoaram na noite enluarada. Eu estava na proa, perto da cabine de comando. A lua brilhava tão forte que parecia o sol visto através de um filtro escuro. Soprava uma brisa pura e fresca.

“Rumamos de volta para o leito da mãe de todas as águas doces — o Amazonas”, disse Evandro ao meu lado. Levei um susto ao ouvir a sua voz. Ele se aproximara de mim sem eu tê-lo pressentido, apesar do silêncio. Ouvia-se a quilha do navio fendendo as águas como se estivéssemos sendo impulsionados pelo vento.

Chegamos a Santarém às três e trinta da madrugada. Saíram vários passageiros. Um deles, da terceira classe, desembarcou com uma mobília completa de quarto — cama, armário, colchão, mesinha — além de várias malas e três bujões de gás.

No cais de cimento de Santarém estavam alguns navios mercantes de grande calado. Vários vendedores de artesanato expunham suas mercadorias. Os suíços desembarcaram e compraram bolsas e chapéus de palha.

Maria de Lurdes desembarcou comigo. Seus olhos estavam avermelhados e ela parecia mais jovem e frágil. “Você não sabe o que está perdendo”, ela disse, tentando parecer insolente.

“Eu sei.”

“Quem é esse sujeito que você está procurando?”, perguntou Maria de Lurdes, quando voltamos para o navio.

“Um velho amigo.” Eu podia chamá-lo assim. Nunca o tinha encontrado, mas sabia tudo dele, menos o som da sua voz. Não estava no dossiê. Anotei mentalmente essa lacuna.

O dia começava a raiar, quando saímos de Santarém, cortando a água azul escura do Tapajós, de volta para o Amazonas. Logo as águas limpas do Tapajós foram engolfadas pelas barrentas do Amazonas. O Tapajós é um grande rio, mas o Amazonas é muito forte. Arranca blocos de floresta de suas margens. Na sua

embocadura empurra o mar e entra quinze milhas por dentro do oceano Atlântico.

O Pedro Teixeira subia perto da margem, a boreste. Ouvia-se, cobrindo as águas e subindo para o céu azul, o cantar dos pássaros que saía da densa floresta. O ar era limpo e transparente. O que teria ele pensado ao passar por ali? Teria feito anotações no seu livro grosso? De onde ele vinha não havia nada igual.

Excitados, os suíços fotografavam sem parar. “Já bati mais de mil fotos”, disse o suíço, tentando dar um tom modesto à sua declaração.

Na hora do almoço, o funcionário aposentado, que se chamava Alencar e pouco falava, perdeu a timidez quando o suíço perguntou quem havia sido Pedro Teixeira.

“Pedro Teixeira foi a primeira pessoa que subiu o rio, em 1637”, disse Alencar. “Era um capitão português que comandara a expulsão, primeiro dos ingleses, depois dos franceses, de Gurupá.”

Alencar falava de maneira pausada, temendo que o suíço não o entendesse.

“Ele saiu de Gurupá e subiu o rio até Quito, no Equador. Fundou a cidade de Franciscana, hoje Tabatinga. Colocou o padrão de posse portuguesa no rio Napo. Sua viagem tem características políticas importantes pois marcou a expansão portuguesa na região. Pelo Tratado de Tordesilhas, de 1494, a Amazônia deveria ser espanhola. Mas os exploradores portugueses, com sua vocação imperialista, desprezaram o Tratado, e nos séculos XV e XVI foram tomando posse da Amazônia. Em 1669, o capitão Mota Falcão ergueu o forte de São José do Rio Negro, no local onde mais tarde Manaus seria erigida. Em 1694, Lobo d’Almada subiu o rio Negro. Assim, no século XVII, quando perceberam que os portugueses já haviam ocupado de fato a maior parte da Amazônia e que, se não fossem sustados no seu expansionismo, acabariam ocupando-a inteira, os espanhóis propuseram outro tratado, que foi assinado em 1750, fixando os novos limites brasileiros no extremo norte. Pelo Napo os portugueses haviam ido até ao Equador, pelo Maranõn até o Peru, pelo Negro até à Colômbia e à Venezuela. Mais um pouco e a Amazônia seria toda brasileira.”

“Vejo que alguns brasileiros herdaram o espírito imperialista português. O senhor, pelo menos”, disse o suíço, gentilmente.

“Para que mais? A gente já não dá conta do que tem”, disse Evandro.

“Não sou imperialista”, disse Alencar. “Sabe quanto mede a bacia hidrográfica do Amazonas? Quase seis milhões de quilômetros quadrados. E a floresta? Não

existe nada igual no universo. E no entanto tudo vai ser arrasado. A destruição já começou. De que adiantou os nossos antepassados conquistarem todo esse território se agora somos incapazes de preservá-lo?”

O suíço curvou-se sobre o seu prato de arroz com feijão, disfarçando um sorriso irônico. Eram histórias pitorescas para contar quando voltasse a São Paulo, onde trabalhava numa multinacional. E mais tarde na Suíça, ao mostrar os seus slides, falaria do delírio nacionalista de mestiços miseráveis de dentes cariados.

À noite não consegui dormir, pensando em Maria de Lurdes. À uma hora da manhã levantei-me e fui até ao camarote 25. Dentro havia uma luz acesa. Bati na porta.

Maria de Lurdes saiu do camarote. Estava cheia de colares em volta do pescoço, usava um vestido longo largo e um chapéu de palha na cabeça.

“Você aqui? Resolveu?”, disse ela. “Quer ver uma coisa?”

Maria de Lurdes escancarou a porta. Dentro do camarote havia dois beliches. Num deles estava Moacyr dormindo.

“Quinze dias de casada e já o odeio”, disse Maria de Lurdes.

Levei-a para o meu camarote. Tirei os colares dela, um a um, sentindo na minha boca o gosto antecipado da sua carne. Sob o vestido ela não tinha roupa alguma.

“Estava doida para botar uns chifres nele”, disse Maria de Lurdes.

“Vamos mudar de assunto”, eu disse.

“Você quer falar de amor?”

“É. Quero falar de amor.”

Deitamos no beliche de baixo.

“Me enlouquece, me faz subir aos céus ao encontro de Jesus”, disse Maria de Lurdes. Seu corpo parecia ferver dentro da cabine quente e abafada.

De manhã ela disse que não queria ir tomar café na sala das refeições.

“Pensando bem vou ficar aqui até o fim da viagem.”

Me vesti, peguei minha bolsa e saí.

Na hora do almoço voltei. Maria de Lurdes estava dormindo.

Acordei-a. “É melhor você se vestir. Daqui a pouco o seu marido acorda e vai notar a sua falta.”

“Ele que vá para o inferno.”

Maria de Lurdes abriu os braços e as pernas. “Vem”, ela disse.

Fui almoçar. Moacyr não apareceu no almoço. Evandro avisou que às quatorze horas chegaríamos a Óbidos.

Ele não havia descido em Óbidos.

O comandante me garantiu que todos os navios daquela linha paravam sempre nas mesmas cidades.

“Se o senhor quisesse, por exemplo, ir a Faro, ou Itacoatiara, tinha que pegar outro navio. Nós paramos sempre no mesmo porto. Daqui pra frente até chegar a Manaus pararemos apenas em Oriximiná e Parintins. Nosso percurso será de cerca de mil milhas marítimas, a milha marítima tem mil oitocentos e cinquenta e dois metros, ou seja, em quilômetros o percurso será de mil oitocentos e cinquenta e dois quilômetros, aproximadamente.”

Ele devia ter seguido para Manaus, se é que pegara mesmo o navio. Nesse caso Carlos Alberto já teria tomado conta dele, há vários dias. Se tivesse ido de avião podia ainda estar ou não em Manaus. Se estivesse nós o acharíamos.

Moacyr surgiu na cabine do comandante.

“Capitão, minha mulher sumiu”, disse Moacyr. “Talvez tenha se atirado dentro do rio.” Ele cheirava à bebida, mas sua voz era firme.

“É melhor o senhor procurar mais”, disse o comandante.

Corri para o meu camarote. Maria de Lurdes se recusou a sair. Era por isso que a gente não devia se meter com mulheres quando estava trabalhando.

Senti que o navio diminuía a marcha. Devia estar chegando a Oriximiná.

“Não quero mais saber de Moacyr. Vive bêbado. Além disso me enganou, não tem mais um tostão.”

O navio havia parado.

“Que diabo você carrega nessa bolsa que não larga nunca?” Deixei-a no camarote. Eu sabia que o navio deveria ficar no porto apenas vinte minutos, para desembarcar um passageiro.

Oriximiná era um pequeno vilarejo de poucos habitantes. Seu cais, como o de

todas as outras povoações em que havíamos parado, à exceção de Santarém, consistia numa plataforma de madeira onde podiam atracar apenas pequenas embarcações. Sua posição permitia divisar, no horizonte largo, as fozes do Trombetas e do Nhamundá.

Desembarquei. Fiz a pergunta de rotina a um menino com um cesto de mamões.

O menino o havia visto. Sua resposta fez o meu coração bater apressado.

“Vendo mamões e peixes para ele todos os dias. Mora numa casa lá em cima. Hoje de manhã já levei um pirambucu para ele.”

Pedi ao menino que me mostrasse a casa. Eu sentia a boca seca e vontade de tossir.

Era uma casa pequena de alvenaria, que ficava no alto, com duas janelas pequenas pintadas de azul-ferrete. Era ali que ele havia se escondido do mundo, comendo frutas e peixes e sentindo a força da natureza.

O garoto voltou para o cais.

Ouvi os três apitos do navio. Lá se ia a mala com a minha roupa, mas não tinha importância. Eu não me apegava a coisa alguma. A bolsa eu não podia perder, pois carregava nela o meu instrumento de trabalho. Como poeira levada pelo vento os meus companheiros de viagem também foram varridos da minha mente pelos apitos do navio.

Esperei, sentado sob uma árvore ao lado de um cão vagabundo, que a cidade voltasse à sua tranquilidade, perturbada pela chegada do *Pedro Teixeira.*

Bati na porta e ele abriu.

Nos últimos meses eu pensara nele todos os dias e todas as noites.

Ele parecia ser ainda mais alto do que os dois metros e trinta que diziam ser a sua altura. E sua cabeça era ainda mais branca, seus cabelos resplandeciam na sombra.

Eu queria ouvir a sua voz.

“Bom dia”, eu disse, abrindo minha bolsa.

“Bom dia”, respondeu.

Estendeu a mão, quando viu o revólver com silenciador apontado

para ele, num gesto de paz.

“Não”, ele disse. Não tinha sotaque, nem medo. Era uma voz fria. Seus olhos muito azuis me deram uma rápida e dolorosa impressão de que ele era inocente. Atirei duas vezes. Caiu de costas no chão. Abri-lhe a camisa e toquei no seu corpo. Tinha a pele macia e mamilos rosados. O bico do mamilo esquerdo estava túrgido como se ele estivesse sentindo frio. Foi ali que encostei o cano do revólver e atirei outra vez.

Apanhei o livro e todos os seus papéis e saí, fechando a porta.

O cão levantou-se e veio para perto de mim. Eu tinha que achar um barco que me tirasse de Oriximiná.

Contemplei as águas azuis do Trombetas e do Nhamundá iluminadas pelo sol poente, encontrando-se, no meio da floresta imensa, com as águas douradas do Amazonas. O silêncio cobria a terra toda. De repente meu corpo se contraiu num espasmo violento e parei de respirar, sufocado no meio de todo aquele ar. Depois passei a tremer convulsivamente e a respirar uivando como um animal em agonia. O cão correu assustado. Mas logo os tremores cessaram e fui envolvido por um sentimento de paz e felicidade que parecia que ia durar para sempre.

A CAMINHO DE ASSUNÇÃO

Meu dólmã azul-ferrete de alamares brancos estava puído nos punhos e na gola. Minhas botas não tinham saltos, e estavam furadas nas solas. O punho da minha espada partira-se. Os soldados tinham os pés descalços e os uniformes remendados pelas mãos das chinas que seguiam voluntariamente nosso exército ou eram arrebatadas nos povoados que atravessávamos a caminho de Assunção.

O coronel Procópio, comandante do 2º Regimento de Cavalaria, recusava-se a nos deixar vestir roupas civis.

Sabemos que o próprio General-Comandante veste sobre o seu uniforme um poncho azul de forro vermelho. E que oficiais e praças gaúchos do 5º Regimento se vestem de bombachas, ponchos e chapéus de vaqueiro, disse Procópio, na reunião do Estado-Maior.

Procópio era um homem magro, de testa pontuda e queixo fino. Passava as noites lendo na barraca. Diziam que ele não andava bom da cabeça.

Não somos um bando de peões de estância. Somos os Dragões Reais de Minas. Nosso regimento foi criado por Carta Régia.

Quando Procópio gritava, sua voz ficava áspera e rouca.

Estávamos em dezembro. Havíamos acabado de atravessar o Chaco e metade do nosso regimento fora dizimado pelo cólera, o beribéri e o tifo. Em meio à marcha rápida para o sul, bivacamos perto das coxilhas de Vileta. O acampamento fervilhava de homens e material de guerra. Íamos atacar Avaí.

Ouvia-se, ao longe, uma paródia obscena do hino da Cavalaria, cantada pelos gaúchos do 5º.

Partimos de madrugada. Raiou um dia de céu azul e nuvens muito brancas. Ao cruzar um desfiladeiro sombrio ouvimos o troar das bocas de fogo inimigas. O alferes Rezende, que crescera comigo em Santo Antônio do Paraibuna, caiu com o pé preso no estribo, a cabeça uma polpa sangrenta, e foi arrastado pelo seu cavalo em disparada até desaparecer num capinzal alto. De entre a macega, os mosquetões inimigos atiravam sem parar. O céu começou a escurecer e logo uma chuva grossa desabou sobre o campo de batalha.

Procópio ordenou uma carga sobre as baterias do flanco esquerdo. Atravessamos um capoeirão, um chão coberto de mata rala. Com as lanças em riste, investimos sobre a artilharia inimiga.

Carreguem, carreguem!, bradava Procópio.

O ruído das patas dos cavalos em galope acelerado e dos nossos gritos era tão forte quanto o estrondo dos canhões.

O primeiro que matei estava sem a barretina, os cabelos lisos, de índio, molhados pela chuva.

Muitos dos nossos, os cavalos mortos, combatiam a pé. A lâmina da minha espada brilhava lavada de sangue e chuva. Um artilheiro inimigo, um menino, agarrou meu estribo e me atacou com um facão. Decepei-lhe a mão direita, num golpe seco e hábil.

Aos poucos a luta foi cessando, apenas pequenas escaramuças ocorriam esporadicamente. O exército inimigo havia sido desbaratado.

Não se ouvia mais o estrondo dos seus canhões. Dezessete deles haviam sido capturados.

Nas ribanceiras e montes, nas macegas e capoeiras estavam caídos corpos mortos de muitos milhares de homens e animais. Saía do chão um cheiro de terra molhada e sangue e pólvora misturado com a fragrância doce da bosta dos cavalos.

O coronel Procópio e o tenente-coronel Rubião estavam mortos.

O major José Rias assumiu o comando do regimento. Os oficiais e sargentos se reuniram em torno de sua cabeça pelada pelo tifo. A pele do rosto de Rias era pálida como cera de vela de santo e seus olhos, encravados fundo no crânio, brilhavam de febre e loucura. O espírito de Procópio parecia ter entrado no seu corpo. Vamos até Assunção! Viva a Cavalaria!

Um estafeta surgiu para avisar que o General-Comandante estava passando em revista as tropas. José Rias percorreu o acampamento berrando com os homens que estavam deitados, dormindo ou apenas olhando exaustos para o céu.

A cavalo! de pé! Rias dava pontapés no rosto dos que não respondiam às suas ordens, enfiava a espada nas costelas dos recalcitrantes.

Em pouco tempo os homens montaram nos seus cavalos. Aqueles que haviam perdido as montarias perfilavam-se a pé, alguns com os arreios ao lado, a lança na mão direita usada como apoio, para não caírem ao chão de cansaço.

No meio da neblina, ao lado norte do campo, surgiu o General-Comandante cavalgando um tordilho, acompanhado de um ajudante de ordens. Vestia o poncho azul com forro vermelho, segurava as rédeas na mão esquerda e com a

direita mantinha um lenço negro contra o rosto. Um tiro arrebentara seu maxilar e alguns dentes da frente. Havia manchas de sangue no seu poncho. Ele estava enganchado na sela como alguém que tivesse passado a vida inteira naquela posição. Os soldados, obedecendo ao comando de Rias, ficaram em posição de sentido.

O General imobilizou sua montaria e sem soltar as rédeas levantou a mão esquerda pedindo silêncio. Mas ouvia-se apenas o ranger do couro das selas e dos loros, o retinir das esporas e barbelas, o resfolegar dos cavalos contidos pelos freios. O General tirou o lenço do rosto e começou a falar.

Camaradas do 2º Regimento, Dragões Reais de Minas...

O ferimento da boca não permitia que ele pronunciasse as palavras corretamente. Eu dormitava sobre a minha sela e mal entendia o que ele dizia.

O velho sargento Andrade, dado como morto, esticado ao lado de uma carreta de munição, as esporas gastas de ferro enfiadas na terra estrangeira, o uniforme roto e sujo de lama, levantou-se, fez uma continência e caiu ao chão. Alguns soldados riram à socapa.

Osório parou de falar. Respondeu a continência olhando o corpo imóvel de Andrade, seu rosto meio escondido pelo lenço negro. Fez um gesto para o ajudante de ordens, esporeou o cavalo e partiu num trote curto em direção ao acampamento do 5°.

MANDRAKE

Eu jogava com as brancas e empregava o bispo em fianqueto. Berta preparava um forte centro de peões.

Aqui é do escritório do dr. Paulo Mendes, disse a minha voz no telefone-gravador, dando a quem ligava trinta segundos para deixar sua mensagem. O sujeito disse se chamar Cavalcante Méier, como se entre os dois nomes existisse um hífen, e que estavam tentando envolvê-lo num crime, mas — tlec — o tempo dele acabou antes de dizer o que pretendia.

Sempre que a gente está num jogo duro um cliente telefona, disse Berta. Tomávamos vinho Faísca.

O sujeito ligou novamente, pedindo que eu ligasse para a casa dele. Um telefone da zona sul. Atendeu uma voz velha, cheia de calos (de reverência) nas cordas vocais. Era o mordomo. Foi chamar o doutor.

Tem mordomo na história, já sei quem é o assassino. Mas Berta não achou graça. Além de viciada em xadrez ela levava tudo a sério.

Reconheci a voz do gravador: o que quero lhe relatar tem que ser pessoalmente, posso passar no seu escritório?

Eu estou em casa, expliquei, dando o meu endereço.

Mixou o jogo, bebê (Berta Bronstein), eu disse, discando o telefone.

Alô, dr. Medeiros, como é que vai a situação?

Medeiros disse que a situação não era grave, mas também não era tranquila. Medeiros só pensava em política, tinha sido coisa e loisa no início da revolução e apesar do seu escritório ser o maior da cidade ele não se libertava da nostalgia do poder. Perguntei se ele conhecia um tal de Cavalcante Méier.

Todo mundo conhece.

Eu não. Até pensei que o nome fosse falso.

Medeiros contou que o homem era fazendeiro em São Paulo e no Norte, exportador de café, açúcar e soja, suplente de senador por Alagoas, um homem rico.

O que mais? Tem rabo de palha, andou metido em comborças financeiras, é tarado sexual, além de latifundiário?

Para você o mundo só tem canalhas, não é? O senador é um homem público

da maior honorabilidade, um líder empresarial, um cidadão exemplar, inatacável.

Lembrei a ele que o banqueiro J. J. Santos também era inatacável e eu tivera de livrá-lo das garras de um travesti maníaco num motel da Barra.

Você ganhou dele um Mercedes, é assim que agradece?

Eu não tinha ganho o carro, tinha extorquido, como os banqueiros fazem, juros e taxa de administração.

Medeiros com voz melíflua: qual o problema com o Cavalcante Méier?

Eu disse que não sabia.

Vamos acabar a partida, disse Berta.

Não posso receber o sujeito nu, posso?, eu disse.

Estava me vestindo quando a campainha tocou, três vezes em dez segundos. Um homem impaciente, acostumado a que lhe abrissem as portas com presteza.

Cavalcante Méier era elegante, magro, cinquenta anos. O nariz era ligeiramente torto. Os olhos eram fundos, castanho-esverdeados, intensos.

Eu sou Rodolfo Cavalcante Méier. Não sei se o senhor me conhece.

Conheço. Tenho sua ficha.

Minha ficha?

Sim. Vi que ele olhava para o copo na minha mão. Quer um pouco de vinho Faísca?

Não obrigado, disse ele, evasivo, vinho me dá dor de cabeça. Posso sentar?

Fazendeiro, exportador, suplente de senador por Alagoas, serviços prestados à revolução, eu disse.

Irrelevantes, ele cortou, seco.

Membro do Rotary Clube, eu disse de molecagem.

Country Clube apenas.

Um líder, um homem de bem, um patriota.

Ele me olhou e disse firme, não brinque comigo.

Não estou brincando. Também sou patriota. De maneira diferente.

Por exemplo: não quero declarar guerra à Argentina.

Também tenho sua ficha, ele me imitou. Cínico, inescrupuloso, competente. Especialista em casos de extorsão e estelionato. Ele falava como se fosse uma gravação, lembrava-me uma caixa de gargalhadas em que se dá corda e sai um som que não é humano, nem animal. Cavalcante Méier tinha dado corda nele mesmo, a corda que fazia a voz de fazendeiro falando com meeiro. Competente sim, inescrupuloso e cínico não. Apenas um homem que perdeu a inocência, eu disse.

Mais corda na caixa. Você leu os jornais?

Respondi que nunca lia jornais e ele me contou que uma jovem havia aparecido morta na Barra, dentro do próprio carro. Saíra a notícia em todos os jornais.

Essa moça era, ehn, minha, anh, ligada a mim, entendeu?

Sua amante?

Cavalcante Méier engoliu em seco.

Já havíamos terminado. Eu achava que Marly devia encontrar um jovem como ela, casar-se, ter filhos.

Ficamos calados. O telefone tocou, alô Mandrake. Tirei o som.

Sim, e depois?

Nossa relação era muito discreta, eu diria, secreta mesmo. Ninguém sabia de nada. Ela apareceu morta na sexta-feira. No sábado recebi um telefonema, um homem, me ameaçando, dizendo que eu a havia matado e que tinha provas de que éramos amantes. Cartas. Não sei que cartas podem ser essas.

Cavalcante Méier disse que não procurara a polícia porque tinha muitos inimigos políticos que se aproveitariam do escândalo.

Além disso, nada sabia que pudesse esclarecer o crime. E que sua filha única ia casar-se naquele mês.

Minha ida à polícia seria um gesto ética e socialmente inútil. Gostaria que você procurasse essa pessoa para mim, visse o que ele quer, defendesse os meus interesses da melhor maneira. Estou disposto a pagar para evitar o escândalo.

Como é o nome do sujeito?

Márcio, foi o nome que ele me deu. Quer que eu vá me encontrar com ele num lugar chamado Gordon’s, em Ipanema, hoje à noite, às dez horas. Ele estará de motocicleta, de blusão negro, e nas costas do blusão está escrito Jesus.

Combinamos que eu iria me encontrar com Márcio e negociar o preço do seu silêncio. Podia valer muito ou não valer nada.

Perguntei quem lhe indicara o meu nome.

O dr. Medeiros, ele disse, levantando-se. Saiu sem me estender

a mão, apenas um aceno com a cabeça.

Fui procurar a caixa de gargalhadas. Remexi o armário de roupas, a estante, muitas gavetas até encontrá-la na cozinha. Dona Balbina adora ouvir as gargalhadas.

Levei a caixa para o quarto, deitei e liguei. Uma gargalhada convulsiva e inquietante, engasgada no goto, roxa, de alguém a quem tivessem enfiado um funil pelo ânus e as gargalhadas atravessassem o corpo e saíssem mortíferas pela boca, congestionando os pulmões e o cérebro. Aquilo exigia um pouco mais de vinho Faísca. Quando eu era menino, um homem, na minha frente, no cinema, teve um ataque de riso tão forte que morreu. De vez em quando me lembro daquele sujeito.

Pra que você está ouvindo esse barulho horrível? Você parece maluco, disse Berta. Vamos continuar o jogo?

Agora vou ler os jornais, eu disse.

Merda, disse Berta, jogando o tabuleiro e as peças no chão. Uma mulher impulsiva.

Na mesinha de cabeceira estavam todos os jornais. Jovem secretária morta dentro do próprio carro na Barra. Um tiro na cabeça. A vítima estava com joias e documentos. A polícia não acreditava em roubo. A morta ia de casa para o trabalho e voltava cedo. Saía muito pouco à noite. Não tinha namorado. Os vizinhos diziam que era amável e tímida. Os pais informavam que ela ao chegar do trabalho ia para o quarto ler. Ela lia muito, disse a mãe, gostava de poesia e romances, era meiga e obediente, sem ela a nossa vida ficará vazia, sem sentido. Havia nos jornais várias fotos de Marly, alta e magra, de cabelos compridos. Seu olhar parecia triste. Ou era apenas impressão minha? Sou um romântico incurável.

Afinal fui jogar com Berta. Abri com as pretas, peão do Rei. Berta repetiu minha jogada. Em seguida movi meus cavalos. Berta me repetindo, criando posições simétricas que levariam à vitória o mais paciente, o que cometesse menos falhas, ou seja, Berta. Sou muito nervoso, jogo xadrez para me irritar, explodir in camera, lá fora é perigoso, tenho que manter a calma.

Tentei me recordar da partida de Capablanca com Tarrash, São Petersburgo 1914, onde tinha ocorrido uma abertura dos quatro cavalos e uma cilada terrível fora armada, mas que cilada era essa? Não conseguia me lembrar, na cabeça o motoqueiro do Gordon's.

Não adianta me olhar com essa cara vitoriosa, eu disse, vou ter que sair agora.

Agora? No meio da partida? Outra vez? Você é um covarde, sabe que vai perder e foge.

É verdade. Mas além disso tenho que ver um cliente.

Berta, os braços levantados, começou a prender os cabelos. O sovaco de uma mulher é uma obra-prima, principalmente se ela é magra e musculosa como Berta. O sovaco dela também cheira muito bem, quando não tem desodorante, é claro. Um cheiro agridoce e que me deixa muito excitado. Ela sabe disso.

Vou encontrar um motoqueiro no Gordon's.

Ah, um motoqueiro?

Tem um Hitchcock às onze na tv.

Não gosto de televisão, detesto filmes dublados, disse Berta de mau humor.

Então fica estudando a abertura Nimzovitch, ela permite boas ciladas posicionais. Daqui a pouco eu volto.

Berta disse que não me esperaria, que eu não tinha consideração por ela, nem respeito.

Quando parei na porta do Gordon's, ainda dentro do carro, vi o motoqueiro. Era um rapaz baixo, forte, de cabelos castanho--escuros. Ele discutia, de maneira insolente, com uma moça. Ela tinha cabelos tão negros que pareciam pintados, seu rosto era muito pálido, diferente do das meninas bronzeadas que frequentavam o Gordon's. Talvez a sua palidez fizesse os cabelos mais negros e estes por sua vez tornassem o rosto mais pálido, que por seu turno — enquanto eu me divertia com essa proposição, me lembrando do quaker da lata de aveia que eu tomava quando era criança — um quaker com uma lata de aveia na mão onde tinha outro quaker com uma lata de aveia na mão etc, ad infinitum — a moça sentou na garupa da moto e eles partiram velozmente pela rua Visconde de Pirajá. Eu não podia segui-los, meu carro ficara bloqueado. Saltei, fui ao balcão do Gordon's, pedi uma coca e um sanduíche. Comi lentamente. Esperei uma hora. Eles não voltaram.

Berta estava na cama, dormindo, a televisão acesa.

Liguei para o Cavalcante Méier.

O apóstolo não apareceu, eu disse. Não adiantava contar o que havia acontecido.

O que o senhor vai fazer? Ele falava baixo, com a boca encostada no fone. Meus clientes sempre falam assim. Me irritam.

Nada. Vou para a cama. Amanhã conversamos. Desliguei.

Beijei de leve os lábios de Berta. Ela acordou.

Diz que me ama, disse Berta.

Levantei de manhã já com vontade de tomar vinho Faísca. Berta não gostava que eu bebesse tão cedo, mas vinho português não faz mal a nenhuma hora do dia ou da noite. Liguei o gravador e havia um recado do Cavalcante Méier.

Disquei.

O senhor leu os jornais?, Cavalcante Méier perguntou.

Acabei de acordar, menti. Que horas são?

Meio-dia. Leu os jornais? Não, é claro que ainda não leu. A polícia diz que tem um suspeito.

Eles sempre têm um suspeito, que costuma ser inocente.

Sendo inocente posso ser o suspeito, conforme a sua lógica. Outra coisa, o tal Márcio telefonou. Disse que vem à minha casa hoje à tarde.

Estarei aí. O senhor me apresenta como seu secretário particular.

Desde que horas você está tomando vinho?, Berta perguntou, entrando na sala.

Expliquei a ela que Churchill acordava e tomava champanha, fumava charutos e ganhava a guerra.

Li os jornais, fumando um panatela escuro da Suerdieck. O espaço dedicado à morte de Marly era grande, mas não havia novidade. Não se falava em suspeito.

Telefonei para o Raul.

Esse crime da moça da Barra. Qual é a dica?

Que moça? A que foi estrangulada, a que foi atropelada, a que levou um tiro na cabeça, a que —

Tiro na cabeça.

Marly Moreira, secretária da Cordovil & Méier. Quem está com o caso é gente minha.

Dizem que há um suspeito. Você sabe alguma coisa?

Pode deixar que eu apuro.

Cavalcante Méier morava na Gávea Pequena. Parei o carro no portão e toquei a campainha. Um guarda particular saiu de uma guarita. Usava um revólver na cintura e tinha cara de quem não sabia usar a arma. Abriu o portão.

É o dr. Paulo Mendes?, ele perguntou.

Sim.

Pode entrar.

Você devia pedir a minha identidade.

Ele mexeu desconcertado no quepe e pediu minha identidade. Esses falsos profissionais estão hoje em todos os lugares.

Subi por uma alameda ladeada de quaresmeiras, através de um gramado bem-cuidado. Grama inglesa, certamente. O mordomo abriu a porta. Ele era mesmo velho como eu havia previsto e tinha no rosto o rancor e nas costas a corcunda do lamber sapatos, tantos anos. A voz reverente perguntou meu nome, pediu-me que esperasse.

Fiquei andando de um lado para o outro no hall de mármore. Havia uma larga escadaria que levava ao andar superior. Uma jovem desceu as escadas acompanhada de um cão dálmata. Tinha cabelos louros, vestia jeans e uma blusa de malha justa. Eu não podia despregar os olhos dela. Ao chegar perto de mim perguntou, impessoal:

Está esperando alguém? Olhos azuis.

O dr. Cavalcante Méier.

O papai já sabe que o senhor está aqui? O olhar dela me atravessava como se eu fosse de vidro.

O mordomo foi avisá-lo.

Sem outra palavra me virou as costas, abriu a porta e saiu, acompanhada do cachorro.

Um dia, quando era adolescente, ia andando pela rua quando vi uma mulher bonita e me apaixonei de maneira súbita e avassaladora. Ela passou por mim e

continuamos andando em direções opostas, eu de rosto virado, vendo-a distanciar-se agile e noble, avec sa jambe de statue, até que ela desapareceu no meio da multidão. Então, num impulso desconsolado, virei-me para a frente, para além daquela passante e bati com a cabeça num poste.

Fiquei olhando a porta por onde a moça saíra, passando a mão na cicatriz da testa que o tempo não apagara.

Favor me acompanhar, disse o mordomo.

Atravessamos uma sala enorme que tinha no centro uma mesa grande redonda, cercada de cadeiras de veludo. E outra, com poltronas e grandes quadros nas paredes.

Cavalcante Méier me esperava, no escritório forrado de livros.

Quem é a moça do cachorro, perguntei, uma loura bonita?

É minha filha Eva. Vai casar-se no dia 23, já lhe disse.

Cavalcante Méier estava, como da primeira vez, trajado com roupas elegantes. Seu cabelo bem-penteado, um risco ao lado, nem um fio sequer fora do lugar. Parecia o Rodolfo Valentino em A Dama das Camélias, com Alia Nazimova.

Perguntei se ele havia visto o filme. Não, não era nem nascido quando o filme foi exibido. Eu também não, mas frequentava as cinematecas.

Cordovil & Méier tem alguma coisa a ver com o senhor?

É a minha empresa de exportação.

Então a moça morta era sua empregada?

Era secretária do meu gerente de marketing internacional.

Uma sombra passou pelo rosto de Cavalcante Méier. Poucos artistas sabiam fazer uma sombra passar pelo próprio rosto. Everett Sloane sabia, Bogart não sabia. Caretas são outra coisa.

O telefone tocou. Cavalcante Méier atendeu.

Pode deixar, ele disse.

Ouvi o barulho de uma motocicleta. O som parou por algum tempo e depois voltou a ser ouvido. Cavalcante Méier pareceu não dar importância ao ruído, dava instruções ao mordomo para trazer imediatamente à sua presença a pessoa que chegara.

Márcio, o motoqueiro, entrou na sala, no rosto a mesma arrogância que

ostentara no Gordon’s. Olhando melhor, parecia uma máscara malcolocada.

Você disse que estaríamos sozinhos, quem é este sujeito?

Meu secretário.

A conversa é só entre nós dois, manda ele embora.

Ele fica, disse Cavalcante Méier, controlando sua ira.

Então quem vai sou eu, disse Márcio.

Esperem, calma, não vamos criar problemas, posso esperar lá fora, eu disse.

Saí rapidamente para o salão. Da janela vi Eva sentada no gramado, o dálmata a seu lado. O sol filtrado pelos galhos das árvores dourava ainda mais os seus cabelos.

A porta do escritório se abriu e Márcio passou rapidamente por mim, sem me olhar. Ouvi o barulho da motocicleta. A moça, nesse instante, levantou-se depressa.

Está tudo resolvido, disse Cavalcante Méier, da porta do escritório.

Como assim?, perguntei sem sair da janela. Eva correu pelo gramado, seguida pelo cão, e desapareceu do meu campo visual.

Cheguei a um entendimento com esse indivíduo. Não preciso mais dos seus serviços. Quanto lhe devo?

Quem foi mesmo que disse que a linguagem existe para esconder o pensamento?, perguntei saindo da janela.

Não sei e não me interessa. Quanto lhe devo?

Nada.

Virei-lhe as costas. O mordomo estava no hall. Parecia ter andado por trás das portas ouvindo todas as conversas.

Peguei meu carro. Não havia sinal de Eva. O guarda abriu o portão para mim. Perguntei a ele se o motociclista havia parado no meio do caminho antes de entrar na casa.

Parou perto do lago, para falar com dona Eva.

O guarda olhou alguma coisa por cima da capota do carro. Olhei também e vi uma moça pálida, de cabelos escuros, parada a uns vinte metros. Era a garota que eu tinha visto na garupa do motoqueiro, no Gordon’s. Ao notar que eu a

observava afastou-se, caminhando lentamente.

Quem é aquela moça?, perguntei.

É sobrinha do doutor, o guarda disse. O nome era Lili e ela morava na casa do tio.

O telefone da guarita tocou. O guarda foi atender. Ao voltar foi abrir o portão. Aproximei o carro.

Esse cara da motocicleta já esteve aqui antes?

Não sei de nada, disse o guarda virando o rosto. Devia ter recebido instruções de evitar conversas comigo.

Cheguei em casa, abri a geladeira, tirei uma garrafa de vinho Faísca. Na mesa um bilhete: você podia ter usado a cilada de Würtzberg. Bastava oferecer a Dama, mas isso você nunca faz. Te amo. Berta.

Liguei para o meu sócio, Wexler.

Hoje não vou ao escritório.

Já sei, Wexler disse. Vai jogar xadrez com uma mulher e tomar vinho. Fico dando duro enquanto você come as mulheres.

Estou com um caso mandado pelo dr. Medeiros. Contei tudo para ele.

Isso não vai dar em nada, disse Wexler.

Liguei para o Raul. Ele marcara um jantar no Albamar com o delegado que estava no caso da Marly.

Na cidade?, chiei.

A Homicídios é na cidade. O nome dele é Guedes.

Guedes era um homem jovem, precocemente calvo, magro, de olhos castanhos tão claros que pareciam amarelos. Pediu uma coca-cola para beber. Raul tomava uísque. Não tinha Faísca e pedi um Casa da Calçada. Prefiro os maduros, mas às vezes um verde geladinho cai bem.

Marly tinha um Rolex de ouro no pulso, uma aliança de brilhantes e seis mil cruzeiros na bolsa, disse Guedes.

Isso facilita, disse Raul.

Facilita, mas estamos no escuro, disse Guedes.

Os jornais dizem que vocês têm um suspeito.

Isso é para despistar.

Já surgiu nesse enredo o nome do chefe dela na Cordovil & Méier, o gerente de marketing?, perguntei.

Artur Rocha. Os amarelos olhos suspicazes de Guedes examinaram meu rosto.

Li o nome dele no jornal, eu disse.

O nome não saiu no jornal. Os olhos de Guedes ardiam em cima de mim. Eu não ia sacanear aquele cara, ele parecia um tira decente.

Fiz um pequeno serviço para o presidente da firma, o senador Cavalcante Méier.

Eu mesmo tomei o depoimento do Artur Rocha. Ele afirmou que nada sabia sobre a vida da secretária, disse Guedes.

Você acha que ele disse a verdade?

Já viramos a vida dele pelo avesso. A moça foi morta na sexta--feira, entre oito e nove horas da noite. Às onze horas Rocha estava em Petrópolis, na casa de amigos. Ele não se interessa por mulheres, parece que gosta mesmo é de ostentar sua riqueza.

Mandou fazer um picadeiro na casa dele, em Petrópolis, e dizem que mal sabe montar. Entendeu a jogada? Os grã-finos menores têm quadra de tênis e piscina. Ele tem tudo isso e ainda um picadeiro

e cavalos para emprestar aos amigos.

Se um gerente ganha para isso, imagine o presidente, disse Raul.

Ele não deve ser assalariado, deve ser sócio. Salário temos nós, quer dizer, eu e o Raul, o senhor não.

Epa!, não me chama de senhor, me chama de Mandrake, eu disse.

Dizem que o senhor é um advogado rico.

Antes fosse.

O Mandrake é um gênio, disse Raul, que já havia bebido metade da garrafa de uísque. É um tremendo filho da puta. Ele comeu a minha mulher. Hem, Mandrake, se lembra?

Sofro até hoje por isso, eu disse.

Já te perdoei, disse Raul. E àquela filha da puta também.

A mulher dele dava para todo mundo. Eles não eram mais casados. Enfim.

O crime se configura, em princípio, como um crime passional, disse o Guedes, pouco interessado na minha conversa com Raul. Artur Rocha não tem capacidade de se apaixonar ou matar por paixão, ou dinheiro, ou outra coisa qualquer. Mas tenho a impressão de que ele está mentindo. O que acha você?

Quando investigo um crime até minha mãe é suspeita, disse Raul.

Guedes continuava me olhando, esperando uma resposta.

As pessoas matam quando sentem medo, tergiversei, quando odeiam, quando invejam.

Direto do almanaque Capivarol, disse Raul.

Sei que ele está mentindo, disse Guedes.

Sozinho no carro eu disse, mais tarde, para o espelho retrovisor, está todo mundo mentindo.

No dia seguinte os jornais já não davam destaque à morte de Marly. Tudo cansa, meu anjo, como dizia o poeta inglês. Os mortos têm que ser renovados, a imprensa é uma necrófila insaciável. Uma notícia nas colunas sociais chamou minha atenção: o casamento de Eva Cavalcante Méier com Luís Vieira Souto não mais se realizaria naquela semana. Alguns colunistas lamentavam que o enlace tivesse sido cancelado. Um deles exclamava: o que será feito com a imensidão de presentes que o ex-futuro casal já recebeu de todos os cantos do Brasil? Um problema realmente sério.

Peguei o carro e fui para a estrada da Gávea. Parei a cem metros do portão da casa. Enfiei no toca-fitas do carro um cassete do Jorge Ben e fiquei batucando com ele no painel do carro.

Primeiro apareceu o Mercedes. Cavalcante Méier sentado no banco traseiro. O motorista vestido de azul-marinho, camisa branca, gravata preta, quepe preto na cabeça. Esperei mais meia hora e os portões se abriram, e um Fiat esporte saiu em disparada.

Fui atrás. O carro fazia as curvas em alta velocidade, os pneus zunindo. Não era fácil segui-lo. É hoje que morro, pensei. Qual das minhas mulheres sofreria mais? Berta talvez deixasse de roer unhas.

O Fiat parou no Leblon, na porta de um pequeno edifício. A moça saltou do carro, entrou por uma porta onde estava escrito Bernard — Ginástica Feminina. Esperei dois minutos.

Sala de espera atapetada, paredes cheias de reproduções de bailarinas de Degas e posters de dança. De trás de uma mesa de aço e vidro uma recepcionista de cabelos oxigenados, toda maquiada, de uniforme cor-de-rosa, me deu bom-dia, perguntou se eu desejava alguma coisa.

Queria inscrever minha esposa no curso de ginástica.

Pois não, disse ela pegando uma ficha.

Cocei a cabeça e expliquei que não queria a minha esposa frequentando qualquer curso, que podiam me chamar de antiquado, mas eu era assim mesmo.

A recepcionista sorriu com a boca inteira, como só sabem fazer os que têm todos os dentes e disse que aquele era o lugar certo, uma academia frequentada por senhoras e moças do soçaite. Ela falou soçaite de boca cheia. Suas unhas eram longas, pintadas de vermelho-forte.

Como é o nome de sua esposa?

Pérola... Hum, ahn, mas quem ensina é uma professora? Ou é um homem?

Um professor, mas que não me preocupasse, Bernard era muito respeitador.

Pedi para ver um pouquinho da aula.

Só um pouquinho, disse a loura, levantando-se. Ela era da minha altura, um corpo esguio, de seios pequenos, toda sólida.

Você também faz ginástica?

Eu não, este corpo foi Deus que me deu, mas podia ser obra de Bernard, ele faz verdadeiros milagres.

Saiu deslizando na minha frente, até uma porta com um espelho, que entreabriu.

As alunas acompanhavam o ritmo agitado da música transmitida em alto volume por caixas acústicas espalhadas pelo chão. Num golpe rápido elas inclinaram o tórax para a frente, a cabeça para baixo, empurraram as mãos entre os joelhos para trás, depois endireitaram o corpo, levantaram novamente os braços e começaram tudo de novo.

Eram umas quinze mulheres, vestidas de malhas de diversas cores predominando o azul, mas havia vermelho, rosa, verde. No meio da sala, com uma vara na mão, estava Bernard, também de malha. Devia ter sido bailarino e certamente orgulhava-se de suas nádegas firmes.

Não curve os joelhos, Pia Azambuja! Contraia as nádegas, Ana Maria Melo!

Vupt! uma varada na bunda de Ana Maria Melo.

Siga o ritmo, Eva Cavalcante Méier! Não pare, Renata Albuquerque Lins! Bernard dizia os nomes das alunas por inteiro, eram sobrenomes importantes, dos pais, dos maridos.

A recepcionista fechou a porta.

Já viu tudinho, não viu?

Ele sempre bate nas alunas?, perguntei.

É de leve, não machuca não. Elas não se incomodam. Até gostam. Bernard é maravilhoso. As alunas chegam cheias de celulite, flácidas, posturas erradas, pele ruim, e o Bernard as deixa com um corpo de miss.

Fizemos a ficha da minha mulher.

Pearl White?

Minha mulher é americana. Pearl quer dizer Pérola.

Não sei qual é a graça em fazer piadas que ninguém entende, mas vivo fazendo isso.

Fiquei andando de um lado para o outro defronte do Fiat, jogando com as brancas, controlando o centro 3r, 3d, 4br, 4r, 4d, 4bd, 5br, 5r, 5d, 5bd, 6r e 6d. Poder e raio de ação. Giuoco Piano. Siciliana. Nimzoíndia.

Eva surgiu com os cabelos molhados, calças compridas de brim, blusa de malha, braços nus. Carregava uma bolsa grande.

Alô. Postei-me na frente dela.

Eu o conheço?, ela perguntou friamente.

Da casa do seu pai. Ele me contratou para ser advogado dele.

Sim...?

Mas já me dispensou.

Sim...?, ela falava rispidamente, mas não ia embora.

Queria ouvir o que eu tinha a dizer. As mulheres são curiosas como os gatos. (Os homens também são como os gatos. Enfim.)

Alguém queria envolvê-lo na morte de Marly Moreira, a moça que apareceu na Barra com um tiro na cabeça.

Só isso?

Um chantagista chamado Márcio afirma que tem documentos que podem incriminar o seu pai.

O que mais?

A polícia suspeita dele. Tenho mais coisas a dizer, mas não aqui na rua.

Quando o garçom veio ela pediu uma água mineral. Deus, Bernard e Regime Feroz tinham feito aquela maravilha. Pedi vinho Faísca. Ficamos em silêncio.

Se meu pai corre perigo você devia falar com ele mesmo. Não sei o que adianta falar comigo.

Seu pai dispensou os meus serviços.

Ele deve ter tido alguma razão.

Contei a ela as entrevistas que tivera com Cavalcante Méier, minha ida ao Gordon's, o encontro entre sua prima Lili e o motoqueiro Márcio. O rosto dela permaneceu impenetrável.

Você acha que meu pai matou essa moça? Sorriso de desprezo.

Não sei.

Meu pai tem muitos defeitos, é vaidoso e fraco, e outras coisas piores, mas não é um assassino. Basta olhar para ele, para se ter essa certeza.

Rememorei os rostos dos assassinos que conhecia. Nenhum deles tinha cara de culpado.

Alguém matou a moça e não foi um assaltante.

Nem meu pai.

Márcio, o motoqueiro, quando foi ver o seu pai, parou no jardim para conversar com você.

Você está enganado. Não sei quem é essa pessoa.

Olhei bem o rosto inocente dela. Eu sabia que ela sabia que eu sabia que ela mentia. Eva tinha uma cara botichelesca, pouco brasileira, naquele dia de sol, talvez por isso mais atraente para mim. Não gosto de mulheres queimadas de sol. É um artifício. A pele sabe a sua cor, e os cabelos, e os olhos. Usar o sol como cosmético é uma estupidez.

Você é muito bonita, eu disse.

Você é uma pessoa desagradável, feia e ridícula, ela disse.

Eva levantou-se e saiu, pisando como Bernard ensinava.

Cheguei em casa, desliguei o telefone-gravador. Berta havia ido para a casa dela. Passei toda a minha vida sem sonhar ou esquecendo a maioria dos sonhos. Mas de dois sonhos eu sempre lembrava, só e sempre esses dois. Num eu sonhava que estava dormindo e sonhava um sonho que eu esquecia quando acordava, com a sensação de que uma importante revelação se perdia com o meu esquecimento. No outro eu estava na cama com uma mulher e ela tocava no meu corpo e eu sentia a sensação dela ao tocar no meu corpo, como se meu corpo não fosse de carne e osso. Eu acordava (fora do sonho, na realidade) e passava a mão na minha pele e sentia como se ela fosse coberta de um metal frio.

Acordei com o barulho da campainha da porta. Wexler.

O que você andou arranjando? Sabe quem está atrás de você? O delegado Pacheco. Você agora anda metido com os comunas?

Wexler contou que cedo, pela manhã, o delegado Pacheco havia aparecido no escritório me procurando. Pacheco era famoso no país inteiro.

Ele quer que você vá à delegacia falar com ele.

Eu não queria ir mas Wexler me convenceu. Do Pacheco ninguém escapa, ele disse.

Wexler foi comigo. Pacheco não nos fez esperar muito tempo. Era um homem gordo, de rosto agradável, não aparentava a maldade que a sua fama difundia.

Suas atividades estão sendo investigadas, Pacheco disse, com ar sonolento.

Não sei o que estou fazendo aqui, sou corrupto, não sou subversivo. Era outra piada.

Você não é uma coisa nem outra, Pacheco disse com voz cansada, mas não seria difícil provar que é as duas coisas. Ele me olhou como um irmão mais velho olhando para o caçula traquinas.

Um amigo me procurou para dizer que você o anda molestando.

Pare com isso.

Posso perguntar quem é o seu amigo? Molesto muita gente.

Você sabe quem é. Deixe-o em paz, palhaço.

Então já vamos, disse Wexler. O pai dele havia sido morto no pogrom do gueto de Varsóvia em 1943, na frente dele, um menino de oito anos. Ele lia a cara das pessoas.

Cuidado com aquele nazista, disse Wexler na rua. Afinal, em que embrulho você anda metido?

Contei o caso Cavalcante Méier para ele. Wexler cuspiu com força no chão — ele não dizia nome feio mais cuspia no chão quando ficava com raiva — e me agarrou com força no braço.

Você não tem mais nada com o caso. Sai dessa. Esses nazistas! Outra cusparada.

Liguei para Berta.

Bebê, você abre com a Ruy Lopes e eu ganho de você em quinze lances.

Mentira. As dificuldades das pretas nesta abertura são muito grandes quando os enxadristas se equivalem, como era o nosso caso. Eu apenas queria ter perto de mim alguém que me amava. Tua cara não está boa, disse Berta ao chegar.

Minha cara é uma colagem de várias caras, isso começou aos dezoito anos; até então o meu rosto tinha unidade e simetria, eu era um só. Depois tornei-me muitos.

Coloquei a garrafa de vinho Faísca ao lado do tabuleiro.

Começamos a jogar. Ela abriu com a Ruy Lopes, como tínhamos combinado. No décimo quinto lance minha situação era difícil.

O que está acontecendo? Por que você não usou a defesa Steinitz pra deixar a coluna do Rei aberta para a Torre? Ou a defesa Tchigorin, desenvolvendo o flanco da Dama? Você não pode ficar inerte assim ante uma Ruy Lopes.

Olha Berta, Bertinha, Bertonga, Bertete, Bertíssima, Bertérrima, Bertinhazinha, Bertinhona, Bebê.

Você está bêbado, disse Berta.

Estou.

Não jogamos mais.

Eu quero abraçar você, deitar a cabeça no teu peito, sentir o calor entre as tuas pernas. Estou cansado, Bebê. Além do mais estou apaixonado por outra mulher.

Como? Dando uma de Le Bonheur pra cima de mim?

É um filme medíocre, eu disse.

Berta jogou todas as pedras do tabuleiro no chão. Mulher impulsiva.

Quem é essa mulher? Eu fiz um aborto seu, tenho o direito de saber.

A filha de um cliente.

Quantos anos? A minha idade? Ou você já está baixando? Dezesseis? Doze?

A tua idade.

Ela é mais bonita do que eu?

Não sei. Talvez não. Mas é uma mulher que me atrai.

Vocês homens são infantis, fracos, fanfarrões! Bobo, você é um bobo!

Eu te amo, Bebê, eu disse pensando em Eva.

Então fomos para a cama, eu pensando o tempo todo em Eva. Depois que fizemos amor Berta dormiu de barriga para cima. Roncava levemente, a boca aberta, inerte. Sempre que bebo muito durmo apenas meia hora, acordo com complexo de culpa. Ali estava Berta, de boca aberta como um morto sonhando. Que fraqueza é dormir! As crianças sabem. É por isso que durmo pouco, tenho medo de ficar desarmado. Berta roncava. Estranho, numa pessoa tão suave. O sol ia surgindo, uma luz fantástica entre o branco e o vermelho, aquilo merecia uma garrafa de vinho Faísca. Acabei de beber, tomei banho, me vesti, fui para o escritório. O vigia do prédio perguntou, deu formiga na cama, doutor?

Sentei e fiz as alegações finais de um cliente. Wexler chegou e começamos a discutir coisas sem importância, mas que nos deixaram exaltados.

Deve ser uma merda ser filho de imigrante português, disse Wexler.

E filho de judeu morto no pogrom?, perguntei.

Meu pai era professor de latim, minha mãe tocava Bach, Beethoven e Brahms no piano, teu pai pescava bacalhau, tua mãe era costureira!

Wexler foi na janela e cuspiu.

Bach, Beethoven, Brahms, Belsen e Buchenwald, os cinco bês, no piano, eu disse.

Ele fez uma cara de dor, um olhar que só os judeus são capazes de mostrar.

Desculpe, eu disse. A mãe dele tinha morrido em Buchenwald, uma mulher jovem, que no retrato era bonita e tinha um rosto doce e moreno. Desculpe.

O dia acabou e eu decidi não ir para casa. Não queria ver Berta, o telefone-gravador, nada, ninguém, só pensava em Eva. Minhas paixões duram pouco, mas são fulminantes.

Um hotel ordinário na rua Corrêa Dutra, no Flamengo. Apanhei a chave, fui para o quarto, deitei olhando para o teto.

Havia uma lâmpada, um globo sujo de luz, que eu acendia e apagava. O barulho da rua misturou-se com o silêncio, numa gosma opaca e neutra. Eva. Eva. Caim matou Abel. Alguém está sempre matando alguém. Passei a noite rolando na cama.

De manhã paguei o hotel e fui cortar o cabelo e fazer a barba.

A defesa Steinitz, eu disse ao barbeiro, não é assim tão eficiente, a Torre tem os seus movimentos limitados, é uma peça forte, porém previsível.

O senhor tem razão, disse o barbeiro, cautelosamente.

A defesa Tchigorin arrisca a Dama e eu nunca arrisco a Dama, continuei. Está tudo errado, o hino nacional com sua letra idiota, a bandeira positivista sem a cor vermelha, toda bandeira deve ter a cor vermelha, de que vale o verde das nossas matas e o amarelo do nosso ouro sem o sangue de nossas veias?

É tudo uma pouca vergonha, disse o barbeiro.

Enquanto o barbeiro falava do custo de vida eu lia o jornal. Márcio Amaral, também conhecido como Márcio da Suzuki, fora encontrado morto no seu apartamento no bairro de Fátima. Um tiro na cabeça. Na mão direita um revólver Taurus, calibre 38, com uma cápsula deflagrada no tambor. A polícia suspeitava de homicídio. Márcio da Suzuki estaria envolvido no tráfico de entorpecentes na zona sul da cidade.

Isso não me interessa mais, que todos se fodam, o senador canalha e sua filha dedetizada, a sobrinha pálida, a secretária morta e seus pais falantes, o motoqueiro, o Guedes, o raio que o parta, pra mim chega.

O barbeiro me olhou assustado.

No meu apartamento um bilhete:

Onde você se meteu? Está louco? Wexler quer falar com você, coisa urgente. Estou na loja. Liga pra mim. Te amo. Morro de saudades. Berta.

Eu ainda gostava de Berta, mas meu coração não disparava mais ao ouvir sua voz ou ler seus bilhetes. Berta se tornara uma pessoa perfeita para casar, quando eu fosse velho e doente.

Liguei para Berta, marquei um encontro para aquela noite. O que podia eu fazer? Disquei, Wexler.

Pensei que o Pacheco tinha posto a mão em você, disse Wexler.

O Raul está te procurando, diz que é importante.

O telefone de Raul tocou, tocou, tocou e quando eu ia desligar ele atendeu.

Estava no banheiro. O Guedes queria muito falar contigo. Passa na Homicídios, ele disse.

Contei ao Raul as ameaças do Pacheco. Raul me mandou tomar cuidado.

Na Homicídios. Guedes me recebeu logo.

Eu jogo aberto com você, ele disse. Leia isso.

A letra era redonda, os pingos dos ii pequenos círculos: Rodolfo, não pense que você pode me tratar dessa maneira, como um objeto que se usa e joga fora. Estou disposta a fazer as maiores loucuras, falar com a sua mulher, fazer escândalo na firma, botar a boca no mundo, nos jornais, você não sabe do que eu sou capaz. Não quero mais apartamento nenhum, você não me compra, como faz com todo mundo. Você é o homem da minha vida, nunca conheci outro, nem quis, nem quero. Você tem me evitado, não é assim que acabam relações como a nossa. Eu quero te ver. Me telefona, sem demora. Ando muito doida, nervosa, sou capaz de tudo. Marly.

Então?, disse o Guedes.

Então o quê?

Você tem alguma ideia?

Que ideia posso ter?

Que achou da carta?

Já foi feita alguma perícia grafotécnica?

Não. Mas tenho certeza que a letra é de Marly Moreira. Sabe onde a carta foi encontrada? Com um tal Márcio Amaral, vulgo Márcio da Suzuki. Quem matou Márcio revirou o quarto, possivelmente atrás da carta, mas se esqueceu de procurá-la no bolso da vítima. A carta estava lá.

Coisa de amador, eu disse.

É amador mesmo. Tentou fingir que a morte era suicídio sem saber os truques. Márcio não tinha sinais de pólvora nos dedos, a trajetória do projétil é de cima para baixo, muitos erros, o assassino de pé e a vítima sentada. Acho que sei quem é o assassino. Um homem importante.

Cuidado, homens importantes compram todo mundo.

Nem todos se vendem, disse Guedes. Ele poderia dizer que era incorruptível, mas os que realmente não se vendem, como ele, não se gabam disso.

O senador Rodolfo Cavalcante Méier matou Marly, continuou Guedes. Márcio, não sabemos como, obteve a carta e começou a chantagear o senador. Para esconder o primeiro crime o senador cometeu outro, matando Márcio.

Ali estava na minha frente um homem decente fazendo o seu trabalho com dedicação e inteligência. Tive vontade de contar a ele tudo o que sabia, mas não consegui. Cavalcante Méier nem sequer era meu cliente, era um burguês rico nojento e talvez um assassino torpe e mesmo assim eu não conseguia denunciá-lo. Meu negócio é tirar as pessoas das garras da polícia, não posso fazer o contrário.

Então?, perguntou Guedes.

O senador não precisaria matar pessoalmente, encontraria alguém para fazer o serviço para ele, eu disse.

Não estamos em Alagoas, disse Guedes.

Aqui também existem pistoleiros que matam por uma ninharia.

Mas nesses não se pode confiar. A polícia põe a mão neles, enche de porrada e eles contam tudo. Não são jagunços de fazenda, protegidos pelo feudo, disse Guedes. Além do mais você concordou que os dois crimes são coisa de amador.

Repeti que não sabia nada dos crimes, que minha opinião era superficial.

O Raul disse que você poderia ajudar, disse Guedes, decepcionado, quando me despedi dele.

Armei o tabuleiro de xadrez. Botei uma garrafa de Faísca no balde de gelo.

Não quero jogar xadrez nem beber vinho, disse Berta.

O que foi, meu bem?, perguntei, farto de saber.

Só continuo com você se você acabar com essa moça.

Nada tenho com ela, como posso acabar o que não existe?

Você gosta dela, isso existe. Quero que você deixe de gostar dela. Você uma vez me disse que só gosta de quem gosta de você, que só gosta de quem você quer. Quero que goste apenas de mim. Do contrário adeus, não tem mais jogo de xadrez, trepadas na hora que você bem entende, pileques de vinho. Eu odeio

vinho, seu cretino, bebo por sua causa. Odeio, odeio, odeio.

E xadrez?

Xadrez eu gosto, disse Berta enxugando as lágrimas. Em vez de ser um protagonista da sua própria vida, Berta o era da minha.

Prometi que ia fazer força para esquecer Eva. Deixei que ela ganhasse de mim usando o contragambito Blemenfeld. Para falar a verdade ela ganharia de qualquer forma, pois o tempo todo eu pensava em quem poderia ter feito a carta de Marly Moreira chegar às mãos de Márcio da Suzuki. p4d, c3br. Cavalcante Méier certamente guardaria a carta com cuidado. c3br, p3r. Por que não a destruiu? Talvez não a tivesse recebido, interceptada por alguém. p4b, p4b. Nesse caso seria alguém da casa dele, se é que a carta foi para a casa dele; podia ter ido para o escritório. Meu palpite era a casa. O mordomo? Ri. p5d, p4cd. Está rindo, é?, disse Berta, daqui a pouco você vai ver. pxpr, pbxp, Berta riu por sua vez. Alguém da segurança, ou a esposa, que eu nunca tinha visto, ou a filha, ou a sobrinha. Como dizia Raul, há que desconfiar até da própria mãe. pxp, p4d. Mate!, disse Berta.

Bebê, nem Alekhine jogaria com tanto brilho, eu disse.

Você é que jogou mal, disse Berta.

Eu estava disposto a esquecer Eva, como havia prometido a Berta, mas ao chegar na casa de Cavalcante Méier, Eva abriu a porta e meu entusiasmo voltou de novo. Eu havia ido primeiro ao escritório e me disseram que o senador estava em casa, indisposto. Na mão eu carregava um jornal com notícias sobre a morte de Marly Moreira. O assunto ganhara novamente a primeira página dos jornais. A perícia estabelecera que Márcio da Suzuki fora morto pela mesma arma que assassinara Marly. O delegado Guedes numa entrevista dizia que havia um figurão envolvido e que a polícia estava prestes a detê-lo, custasse o que custasse. Falava-se também em tráfico de entorpecentes.

Quero falar com seu pai.

Ele não pode atender ninguém.

É do interesse dele. Diga-lhe que a polícia tem a carta. Só isso. Ela me olhou com o rosto impassível de boneca, a pele saudável parecia de louça, faces rosadas, lábios vermelhos, radiantes olhos azuis, um vicejar violento na flor da idade. Parecia um slide colorido projetado no ar.

Ele não pode atender ninguém, Eva repetiu.

Olha aqui, menina, seu pai está numa enrascada e eu quero ajudá-lo. Vai e diz a ele que a polícia tem a carta.

Cavalcante Méier me recebeu de robe de chambre curto de veludo vermelho. Seu cabelo estava cuidadosamente penteado e oleado, recentemente.

A polícia tem a carta, eu disse. Sabem que foi dirigida a um certo Rodolfo e acham que esse Rodolfo é o senhor. Felizmente o envelope não foi achado e eles não podem provar nada.

Eu rasguei o envelope, disse ele, não sei por que não rasguei a carta também. Guardei-a na gaveta da mesinha de cabeceira do meu quarto.

Um vício de banqueiro, guardar documentos, pensei.

Eu não matei Marly. Não tenho a menor ideia de quem o fez.

Não sei se acredito nisso. Acho que foi você.

Prove-o.

Parecia Jack Palance, Wilson o pistoleiro, calçando as luvas negras e dizendo prove-o, para Elisha Cook Jr., antes de sacar rapidamente o Colt e dar-lhe um estrondante tiro no peito e jogá-lo de cara na lama sulcada pelas rodas das carroças.

Existem muitos Rodolfos no mundo. Posso provar que nunca vi essa moça na vida. Sabe onde eu estava na hora do crime? Jantando com o governador do estado. Ele pode confirmar isso. Você é um homem mortificado pela inveja, não é? Você odeia os que venceram na vida, os que não acabam a vida como advogados de porta de xadrez, não é?

Não odeio ninguém. Apenas desprezo canalhas como você.

Então o que veio fazer aqui? Atrás de dinheiro.

Não, atrás da sua filha.

Cavalcante Méier levantou a mão para me bater. Segurei a mão dele no caminho. Seu braço não tinha força. Larguei a mão daquele porcaria, áulico explorador, sibarita, parasita.

Raul estava me procurando no escritório.

Guedes foi afastado do caso Marly Moreira por uma portaria do chefe de Polícia, de hoje. Deu entrevistas proibidas pelo regulamento.

Acham que ele está querendo se promover. Foi transferido para a delegacia de

Bangu. Não pode mais abrir o bico.

Guedes não queria se promover. Acreditava na culpa de Cavalcante Méier e queria botar o préstito na rua antes que abafassem tudo. Um crente, na imprensa e na opinião pública, um ingênuo, mas muitas vezes esse tipo de pessoa realiza coisas incríveis.

Como é que está a coisa?, perguntou Wexler.

Ah, Leon, estou apaixonado!

Você sempre está. A Berta é boa menina.

Já é outra. A filha do senador Cavalcante Méier.

Você quer comer todas as mulheres do mundo, Wexler disse recriminante.

É verdade.

Era verdade, eu tinha uma alma de sultão das mil e uma noites; quando era menino me apaixonava e passava as noites chorando de amor, pelo menos uma vez por mês. E adolescente comecei a dedicar minha vida a comer as mulheres. Como as filhas dos amigos, as mulheres dos amigos, as conhecidas e desconhecidas, como todo mundo, só não comi minha mãe.

Tem uma moça na sala de espera, querendo falar com você, disse dona Gertrudes, a secretária. Dona Gertrudes estava cada dia mais feia, começava a crescer uma corcunda nela, e bigodes, tive a impressão que me olhava vesgo, um olho para cada lado. Uma santa pessoa. Pensando bem, ela era assim mesmo?

Eva, na sala de espera. Ficamos lendo um o olhar do outro.

Você joga xadrez?, perguntei.

Não. Bridge.

Você me ensina?, perguntei.

Ensino.

Eu me controlava para não sair voando pela sala como um besouro doido.

Não foi meu pai, sei que não foi.

Eu te amo, eu disse. Aconteceu no primeiro dia em que te vi. Seu olho parecia um maçarico.

Eu também fiquei muito perturbada naquele dia.

Estávamos de mãos dadas quando Wexler entrou na sala.

Raul acabou de chegar. Eu disse que você estava ocupado. Você quer falar com ele?

Deve ser coisa ligada ao caso de Marly. Vou falar com ele. Você espera aqui, eu disse para Eva.

Estava na porta quando Eva disse: salva meu pai.

Voltei.

Para isso você tem que me ajudar.

Como?

Começa deixando de mentir para mim.

Não mentirei mais.

O que você conversou com Márcio da Suzuki em sua casa? De onde você o conhecia?

Márcio fornecia cocaína para minha prima Lili. Mas há seis meses, mais ou menos, ela deixara o vício. Naquele dia perguntei a Márcio se Lili voltara a cheirar e Márcio disse que não. Meu medo era de que ele tivesse ido levar tóxico para ela.

Onde Lili arranjava dinheiro para comprar o pó?

Papai dá a Lili tudo que ela pede. Ela é filha do irmão dele que morreu quando Lili era menina. A mãe dela não quis saber da filha, casou-se de novo e Lili veio morar com a gente quando tinha oito anos.

Por que você disse que sabe que o seu pai não matou Marly e o Márcio?

Meu pai não seria capaz de matar ninguém.

Então é apenas um pressentimento, uma simples presunção?

Sim, ela disse desviando os olhos dos meus.

Raul estava em pé, na sala de Wexler, andando dum lado pro outro.

Guedes diz que vai denunciar o senador como assassino e que não se incomoda com o que possa acontecer.

O Guedes está maluco, eu disse. Temos de evitar que ele faça essa besteira.

Eu e Raul saímos à procura de Guedes. Eva foi para casa, prometi que depois lhe telefonaria.

Guedes estava no Instituto Oswaldo Éboli, conversando com um perito amigo.

Preparava a documentação para entregar aos jornais.

Não foi o Cavalcante Méier, eu disse.

Até dois dias atrás você nada sabia sobre o caso, agora vem me falar com essa certeza.

Contei a ele parte do que eu sabia.

Se não foi o Cavalcante Méier, então quem foi?

Não sei. Talvez traficantes de tóxicos.

Eu esmiucei a vida de Marly Moreira, não existe a menor chance dela estar envolvida com traficantes de tóxicos. E os dois foram mortos pela mesma pessoa. Seu raciocínio está totalmente furado.

Tentei defender o meu ponto de vista. Mencionei o álibi do Cavalcante Méier. Afinal o testemunho do governador não poderia ser ignorado.

São todos uns corruptos. Você vai ver, quando o governador deixar o cargo vai ser sócio do Cavalcante Méier num dos negócios dele.

Guedes, você vai quebrar a cara.

Não tem importância. O que posso perder? O meu emprego? Já cansei de ser polícia.

Acusar um inocente é calúnia, é crime.

Ele não é inocente. Eu tenho minhas provas. Os olhos de Guedes rutilavam de retidão, justiça, honradez e probidade. Você sabia que o senador Cavalcante Méier tem registrado na polícia um revólver Taurus 38, o calibre dos projéteis que causaram a morte de Marly e do Márcio?

Muita gente tem um 38 em casa. Quando é a entrevista?, perguntei.

Amanhã às dez horas.

Cheguei na casa da Gávea quando a noite caía.

O que foi, que cara é essa?, perguntou Eva.

Onde está seu pai?

No quarto. Ele não está se sentindo bem.

Preciso falar com ele, é importante.

Fiquei surpreso ao ver Cavalcante Méier. Seu cabelo estava em desalinho, a barba por fazer, os olhos vermelhos como se ele tivesse bebido muito ou

chorado. O olhar de Jannings, professor Rath, no Anjo Azul, lutando para não sentir vergonha, surpreso com a incompreensão do mundo. Junto de Cavalcante Méier estava Lili, rosto mais pálido do que nunca, a pele parecia pintada de cal. Segurava uma bolsa na mão. Um vestido negro realçava seu belo ar fantasmagórico.

Fui eu sim, disse Cavalcante Méier.

Papai!, exclamou Eva.

Cavancante Méier soava falso. Vi muitos filmes e conheço os canastrões.

Fui eu, já disse que fui eu. Diga ao seu amigo polícia que pode me prender. Fora da minha casa!

Aproximou-se de mim como se fosse me agredir. Eva segurou-o.

Vai embora, por favor, vai embora, suplicou Eva.

Ao sair, Lili me acompanhou. Parou junto ao meu carro.

Posso ir com você?

Pode.

Lili sentou-se ao meu lado. Dirigi lentamente pelas alamedas escuras dos jardins da casa e descemos a estrada.

Ele está mentindo, eu disse. Deve ser para proteger alguém. Talvez Eva.

O corpo de Lili começou a tremer, mas não saía um som de sua garganta. Ao passar perto de um poste de luz vi que o seu rosto estava molhado de lágrimas.

Não foi ele, não. Nem Eva, disse Lili, tão baixo que eu mal distinguia as palavras.

Então era isso. Eu já sabia a verdade, e o que isso adiantava? Existem mesmo culpados e inocentes?

Estou ouvindo, pode começar, eu disse.

Descobri que eu amava o tio Rodolfo há dois anos, não mais como um tio, ou pai, que era o que ele tinha sido para mim até então, mas como se ama um amante.

Fiquei calado. Sei quando uma pessoa começa a abrir a alma até o fundo.

Somos amantes há seis meses. Ele é tudo na minha vida e eu na dele.

Foi por isso que você matou a Marly?

Sim.

Ele sabia?

Não. Só lhe contei hoje. Ele quis me proteger. Ele me ama, tanto quanto eu o amo.

Seu rosto na penumbra do carro parecia uma estátua fluorescente iluminada por uma luz negra.

Posso contar como foi.

Então conte.

Meu tio me disse que estava tendo problemas com uma moça que trabalhava numa das firmas dele e com quem tivera um caso. Ela ameaçava fazer escândalo, contar tudo para minha tia. Minha tia é uma mulher muito doente, gosto dela como se fosse minha mãe.

Eu nunca a tinha visto. As famílias ricas têm segredos invioláveis, rostos secretos, cumplicidades sombrias.

Ela não sai do quarto dela, tem sempre uma enfermeira à sua cabeceira, pode morrer a qualquer instante.

Continua.

Meu tio recebeu a carta, acho que foi numa segunda-feira. Toda noite, cerca das onze horas, eu ia para o quarto dele, e saía cedo, antes que os empregados começassem a arrumar a casa. Eva sabia disso?

Sabia.

Continua, eu disse.

Naquele dia tio Rodolfo estava muito nervoso. Me mostrou a carta, disse que Marly era uma louca, que o escândalo poderia matar a tia Nora, arruiná-lo politicamente. Tio Rodolfo é um homem muito bom, não merece uma coisa dessas.

Continua, eu disse.

Tio Rodolfo me mostrou a carta dessa tal Marly e depois largou-a na mesinha de cabeceira. No dia seguinte apanhei a carta, localizei aquela mulher e telefonei para ela. Disse quem eu era e que tinha um recado do tio Rodolfo. Marcamos um encontro para depois do expediente. Escolhi um local ermo, onde às vezes tomo banho de mar. Ela chegou arrogante, disse que eu avisasse ao tio Rodolfo para não tratá-la com desprezo. Quando a velha morrer, ela ameaçou, aquele canalha

vai ter de casar comigo. Eu levava na bolsa o revólver do tio Rodolfo. Dei apenas um tiro nela. Ela caiu para a frente, gemendo. Saí correndo, peguei meu carro, fui procurar o Márcio, pedir a ele que me vendesse um pouco de pó. Fiquei cheirando cocaína na casa dele, a primeira vez em mais de seis meses. Estava desesperada. Dormi e Márcio deve ter revistado a minha bolsa e retirado a carta enquanto eu dormia. Quando soube pelo tio Rodolfo que você ia se encontrar com Márcio no Gordon's, eu me antecipei para evitar que você o encontrasse. Inventei que tio Rodolfo tinha mandado a polícia prendê-lo.

Para de chamá-lo de tio, por favor.

Eu sempre o chamei assim, não vai ser agora que vou mudar. Márcio ficou furioso e no dia seguinte foi à casa do tio Rodolfo. Você viu tudo, esta parte você conhece.

Tudo não.

Encontrei Márcio no jardim, quando ele saía. Me disse que tio Rodolfo ia pagar, mas que ele não iria devolver a carta. Marquei um encontro para comprar cocaína, disposta a acabar com ele. Márcio estava sentado numa poltrona vendo televisão, já cheio de pó, mandrix e uísque. Me aproximei e atirei na sua cabeça, não senti nada, só nojo, como se ele fosse uma barata.

Você não achou a carta. Estava no bolso do Márcio.

Procurei em todos os lugares, no bolso eu nunca iria procurar, tocar nele me repugnaria, disse Lili.

E o dinheiro?

Estava numa mala. Levei para casa. Está todo no armário do meu quarto.

Parei o carro. Ela segurava a bolsa com força, as mãos trêmulas.

Me dá isso, eu disse.

Não!, ela respondeu, apertando a bolsa de encontro ao peito.

Arranquei a bolsa da sua mão. Dentro o Taurus, cano de duas polegadas, cabo de madrepérola. Os olhos dela eram um abismo sem fundo.

Deixa o revólver comigo, Lili pediu.

Balancei a cabeça negativamente.

Então me leva de volta para perto do tio Rodolfo.

Tenho que encontrar o Guedes. Pega um táxi. É bom contratar logo um

advogado.

Está tudo perdido, não é?

Infelizmente. Para todos nós, respondi.

Coloquei-a num táxi. Saí à procura de Guedes. Pensei em Eva. Adeus minha querida, longo adeus. O grande sono. Não havia ninguém dentro do meu corpo, as minhas mãos no volante pareciam ser de outra pessoa.

LIVRO DE OCORRÊNCIAS

1.

O investigador Miro trouxe a mulher à minha presença.

Foi o marido, disse Miro, desinteressado. Naquela delegacia de subúrbio era comum briga de marido e mulher.

Ela estava com dois dentes partidos na frente, os lábios feridos, o rosto inchado. Marcas nos braços e no pescoço.

Foi o seu marido que fez isso?, perguntei.

Não foi por mal, doutor, eu não quero dar queixa.

Então por que a senhora veio aqui?

Na hora eu fiquei com raiva, mas já passou. Posso ir embora?

Não.

Miro suspirou. Deixa a mulher ir embora, disse ele entre dentes.

A senhora sofreu lesões corporais, é um crime de ação pública, independe de sua queixa. Vou enviá-la a exame de corpo delito, eu disse.

Ubiratan é nervoso mas não é má pessoa, ela disse. Por favor, não faz nada com ele.

Eles moravam perto. Decidi ir falar com Ubiratan. Uma vez, em Madureira, eu havia convencido um sujeito a não bater mais na mulher; outros dois, quando trabalhei na Delegacia de Jacarepaguá, também haviam sido persuadidos a tratar a mulher com decência.

Um homem alto e musculoso abriu a porta. Estava de calção, sem camisa. Num canto da sala havia uma barra de aço com pesadas anilhas de ferro e dois halteres pintados de vermelho. Ele devia estar fazendo exercícios quando cheguei. Seus músculos estavam inchados e cobertos por grossa camada de suor. Ele exalava a força espiritual e o orgulho que uma boa saúde e um corpo cheio de músculos dão a certos homens.

Sou da Delegacia, eu disse.

Ah, então ela foi mesmo dar queixa, a idiota, Ubiratan resmungou.

Abriu a geladeira, tirou uma lata de cerveja, destampou e começou a beber.

Vai e diz pra ela voltar logo para casa senão vai ter.

Acho que você ainda não percebeu o que vim fazer aqui. Vim convidá-lo para depor na Delegacia.

Ubiratan atirou a lata vazia pela janela, pegou a barra de aço e levantou-a sobre a cabeça dez vezes, respirando ruidosamente pela boca, como se fosse uma locomotiva.

Você acha que eu tenho medo da polícia?, ele perguntou, olhando com admiração e carinho os músculos do peito e dos braços.

Não é preciso ter medo. Você vai lá apenas para depor.

Ubiratan pegou meu braço e me sacudiu.

Cai fora, tira nojento, você está me irritando.

Tirei o revólver do coldre. Posso processá-lo por desacato, mas não vou fazer isso. Não complique as coisas, venha comigo à Delegacia, em meia hora estará livre, eu disse, calmamente e com delicadeza.

Ubiratan riu. Qual é tua altura, anãozinho?

Um metro e setenta. Vamos embora.

Vou tirar essa merda da sua mão e mijar no cano, anãozinho. Ubiratan contraiu todos os músculos do corpo, como um animal se arrepiando para assustar o outro, e estendeu o braço, a mão aberta para agarrar o meu revólver. Atirei na sua coxa. Ele me olhou atônito.

Olha o que você fez com o meu sartório!, Ubiratan gritou mostrando a própria coxa, você é maluco, o meu sartório!

Sinto muito, eu disse, agora vamos embora senão atiro na outra perna.

Pra onde você vai me levar, anãozinho?

Primeiro para o hospital, depois para a Delegacia.

Isso não vai ficar assim, anãozinho, tenho amigos influentes.

O sangue escorria pela sua perna, pingava no assoalho do carro.

Desgraçado, o meu sartório! Sua voz era mais estridente do que a sirene que abria nosso caminho pelas ruas.

2.

Manhã quente de dezembro, rua São Clemente. Um ônibus atropelou um

menino de dez anos. As rodas do veículo passaram sobre a sua cabeça deixando um rastro de massa encefálica de alguns metros. Ao lado do corpo uma bicicleta nova, sem um arranhão.

Um guarda de trânsito prendeu em flagrante o motorista. Duas testemunhas afirmaram que o ônibus vinha em grande velocidade.

O local do acidente foi isolado cuidadosamente.

Uma velha, malvestida, com uma vela acesa na mão, queria atravessar o cordão de isolamento, “para salvar a alma do anjinho”.

Foi impedida. Com os outros espectadores, ela ficou contemplando o corpo de longe. Separado, no meio da rua, o cadáver parecia ainda menor.

Ainda bem que hoje é feriado, disse um guarda, desviando o trânsito, já imaginou isso num dia comum?

Aos gritos uma mulher rompeu o cordão de isolamento e levantou o corpo do chão. Ordenei que ela o largasse. Torci seu braço, mas ela não parecia sentir dor, gemia alto, sem ceder. Eu e os guardas lutamos com ela até conseguir tirar o morto dos seus braços e colocá-lo no chão onde ele devia ficar, aguardando a perícia. Dois guardas arrastaram a mulher para longe.

Esses motoristas de ônibus são todos uns assassinos, disse o perito, ainda bem que o local está perfeito, dá pra fazer um laudo que nenhum rábula vai derrubar.

Fui até o carro da polícia e sentei no banco da frente, por alguns momentos. Meu paletó estava sujo de pequenos despojos do morto. Tentei limpar-me com as mãos. Chamei um dos guardas e mandei trazer o preso.

No caminho da Delegacia olhei para ele. Era um homem magro, aparentando uns sessenta anos, e parecia cansado, doente e com medo. Um medo, uma doença e um cansaço antigos, que não eram apenas daquele dia.

3.

Cheguei ao sobrado na rua da Cancela e o guarda que estava na porta disse: primeiro andar. Ele está no banheiro.

Subi. Na sala uma mulher com os olhos vermelhos me olhou em silêncio. Ao seu lado um menino magro, meio encolhido, de boca aberta, respirando com dificuldade.

O banheiro? Ela me apontou um corredor escuro. A casa cheirava a mofo, como se os encanamentos estivessem vazando no interior das paredes. De algum

lugar vinha um odor de cebola e alho fritos.

A porta do banheiro estava entreaberta. O homem estava lá.

Voltei para a sala. Já havia feito todas as perguntas à mulher quando o perito Azevedo chegou.

No banheiro, eu disse.

Anoitecia. Acendi a luz da sala. Azevedo me pediu ajuda. Fomos para o banheiro.

Levanta o corpo, disse o perito, para eu soltar o laço.

Segurei o morto pela barriga. Da sua boca saiu um gemido.

Ar preso, disse Azevedo, esquisito não é? Rimos sem prazer. Pusemos o corpo no chão úmido. Um homem franzino, a barba por fazer, o rosto cinzento, parecia um boneco de cera.

Ele não deixou bilhete, nada, eu disse.

Eu conheço esse tipo, disse Azevedo, quando não aguentam mais eles se matam depressa, tem que ser depressa senão se arrependem.

Azevedo urinou no vaso sanitário. Depois lavou as mãos na pia e enxugou-as nas fraldas de sua camisa.

ONZE DE MAIO

O café da manhã, o almoço e o lanche são servidos no cubículo. É um enorme trabalho, levar marmitas e canecas até o cubículo de cada um. Deve haver alguma razão para isso.

O cubículo tem cama, armário, penico e televisão. A tv fica ligada o dia inteiro. Deve haver, também, alguma razão para isso. Os programas são transmitidos em circuito fechado de algum lugar do Lar. Velhas novelas, transmitidas sem interrupção.

Hoje um Irmão apreendeu o rádio que o Baldomero estava montando. A filha levara-lhe as peças. Ouvir é permitido, disse o Irmão, mas o lazer não pode ser uma fonte de injustiças, aqui todos devem ter as mesmas coisas. Lá se foi o brinquedinho de Baldomero.

Baldomero, antes de se aposentar, era engenheiro eletricista. Diz ele ter inventado uma técnica de distribuição subterrânea de eletricidade, chamada sistema polidictioide. Eu sou, quer dizer, era, professor de história, meus conhecimentos tecnológicos são mínimos, não sei se o que ele diz é verdade, os velhos mentem muito. A aposentadoria de Baldomero o deixou muito deprimido. Antes de vir para cá foi internado numa clínica de adaptação ao lazer, onde, diz ele sem rancor, foi tratado com eletrochoques. Com sua profissão, não devem ter sido os primeiros que tomou. Viemos para o Onze de Maio na mesma época. Ele é um homem deprimido, qualquer dia se mata. É comum os velhos se matarem, devido à melancolia do ócio, à solidão, à doença. Noventa por cento das pessoas de mais de sessenta anos sofrem de alguma doença.

Estou sentado no pátio com Baldomero e um sujeito chamado Pharoux, que foi policial. Pharoux não tem um olho, perdido num distúrbio de rua, segundo consta. É um homem de poucas palavras, desconfiado, magro, de rosto vincado por fundas rugas. O olho que lhe falta está tapado por uma venda negra. Parece um pirata de novela, tenho vontade de lhe dizer isso, mas sei que ele não tem senso de humor e calo-me.

Do lugar onde estou vejo a chaminé do forno de lixo, jogando fumaça para o ar. A fumaça é negra. Que lixo será que eles queimam? Restos de comida, papéis sujos? A fumaça fica branca.

Acabaram de escolher um novo Papa, digo.

Pharoux me olha sério. Rio, mas ele continua sério. Um homem de

personalidade forte e maus bofes.

Nos muros do pátio está escrito: A Vida é Bela. Está escrito também: Chegou a Hora da Colheita.

Sabe o que a gente vai colher?, pergunto para Baldomero.

Marmelada mastigada, diz Baldomero.

Bocejos, eu digo. Eu ia dizer: morte, essa é a colheita que nos resta. Mas um velho inerte, preguiçoso e entediado só pode abrir a boca para bocejar.

Bocejo, abro a boca o mais que posso. Pergunto a Baldomero se ele sabe quantos somos no Lar Onze de Maio.

Ele não sabe.

Ninguém sabe. Talvez o gordo diretor saiba.

No meu andar são sessenta cubículos.

Alô Guilherme, digo enfiando a cara no primeiro.

Guilherme ri para mim, mostrando as gengivas cinzentas. Deitado na cama, vê televisão.

Tenho uma lista com os nomes dos ocupantes de todos os cubículos da minha ala. Passei um dia inteiro fazendo a lista. São sessenta cubículos. Ninguém sabe que tenho essa lista.

Vou em um por um.

Alô Moura.

Mas não é o Moura que está lá, sentado no penico, vendo televisão.

É um outro velho. Diz que o seu nome é Aristides. Marco a data de entrada de Aristides. E a data da saída de Moura.

Moura durou um mês. Mas antes de desaparecer e dar o seu lugar a outro interno, Moura começou a se arrastar pelos corredores, sem rumo. Não ouvia mais o que lhe diziam, não fazia a barba e afinal não se levantava da cama alegando fraqueza e dor nas pernas.

O que vocês tanto conversam?, pergunta o Irmão.

Eu e o Pharoux estamos sentados no mesmo banco no pátio. Não sei por que, quando vi Pharoux sentei-me ao lado dele.

Não estamos conversando, diz Pharoux.

Por que vocês não estão vendo televisão?, pergunta o Irmão gentilmente. Já passou da hora do recreio no pátio.

Os Irmãos nunca perdem a paciência.

Não gosto de televisão, diz Pharoux.

Vamos, vamos, diz o Irmão amavelmente, pegando meu braço e me conduzindo para o cubículo, está na hora de descansar.

Estou deitado no cubículo. Não há meio de desligar a maldita televisão. O aparelho é ligado e desligado por controle remoto, do mesmo lugar de onde a imagem é transmitida.

O Irmão me trouxe para o quarto como se eu fosse um velhinho. Como se fosse um velhinho, deixei-o fazer isso. Ele não queria que eu conversasse com Pharoux. Com Pharoux ele não se meteu. Medo do Pharoux? É bem verdade que se o Irmão não queria que nós conversássemos e se eu já tinha sido afastado, era melhor para ele deixar o Pharoux em paz, como deixou.

Pharoux disse que não estávamos conversando, mas não era verdade. Nós estávamos conversando.

Eu só durmo de noite, havia dito Pharoux.

Eu durmo de dia e de noite. Basta deitar que logo durmo, respondi.

É isso que eles querem. Quanto mais você dorme mais você vai querer dormir. Um dia não acorda mais.

O Pharoux tinha acabado de dizer isso quando o Irmão chegou.

O Diretor me chama para ir vê-lo. O escritório dele fica numa torre da altura da chaminé do forno do lixo, mas do outro lado.

O Lar é um edifício de dois andares, dividido em oito alas de sessenta cubículos cada. Isso é uma dedução, tenho acesso apenas a uma das alas, a minha, no segundo andar. São quatro alas no primeiro andar e quatro alas no segundo, possivelmente todas as alas com sessenta cubículos, como a minha. Acho que é isso. Um quadrado. No meio fica o pátio, de um lado a chaminé e do outro a torre do Diretor. Um edifício feio e triste.

O Diretor é um homem gordo e jovem. Com exceção dos internos, todos são jovens no Lar Onze de Maio.

Como vai o senhor?, pergunta o Diretor.

Ele me chama de senhor para fingir um respeito que na verdade não sente.

Eles são todos muito bem-treinados.

Vou bem.

Há alguma coisa que o senhor queira dizer, alguma queixa?

Não, nenhuma queixa.

O Diretor levanta-se, depois de pegar um papel em cima da mesa. Não sei como ele cabe na sua cadeira, que tem em cada lado dois ressaltos altos para apoio dos cotovelos. Sua bunda é muito grande. Fico alerta esperando que ele se vire de costas para eu poder olhar a sua bunda grande e mole. Minha bunda é seca e solta, como a de um gato velho.

Tenho aqui umas informações...

Ele finge ler o papel.

O senhor não tem seguido o Regulamento do Lar. Veja bem, o Regulamento é feito para proteger os internos, foi elaborado por médicos e psicólogos para o bem de todos, entendeu? E no entanto noto aqui que o senhor, na hora do repouso vespertino, fica andando pelos corredores, visitando outros internos nos seus quartos... Isso não é bom para o senhor, não é bom para ninguém, entendeu? É contra o Regulamento.

Pensando bem tenho uma queixa, digo.

Uma queixa? Ora, ora, por favor, apresente-a, por favor.

A comida. Não é boa e me parece pouco nutritiva.

É a mesma comida que se come nos quartéis, nas fábricas, nas escolas, nas cooperativas, nos ministérios, em todos os lugares. O país atravessa uma situação difícil. O senhor acha que os aposentados devem comer melhor do que aqueles que produzem? Não acha, é claro. Além do mais a comida servida aqui no Onze de Maio segue os requisitos estabelecidos pelo dietista, tendo em vista as exigências orgânicas peculiares dos internos.

O Diretor volta-se, vai para a sua cadeira. Não sei como ele consegue se enfiar na cadeira. Também entrar na roupa deve ser difícil.

Sopas ralas, digo.

Nem todos têm muitos dentes, como o senhor... Uma comidinha macia é mais fácil de ingerir... Temos que colocar acima de tudo o bem-estar da maioria. A maioria, entendeu, a maioria.

Falou uns dez minutos sobre as necessidades da maioria: descanso e papinhas.

Terminou com uma advertência. Ele não precisa mostrar sua verdadeira face, sei algo sobre história, sei quando estou sendo ameaçado. Não foi isso o que ele disse, quem disse, ou melhor, pensou, fui eu. Para falar a verdade a frase não é minha, apenas estou citando, mas não me lembro mais da fonte. Ecmnésia. O Diretor disse:

Não quero o senhor se metendo mais no quarto dos outros, está bem? Do contrário, serei obrigado, infelizmente e contra a minha vontade, a suspender o seu café da manhã. É o Regulamento.

Tenho muitos dentes, mas são postiços, quase todos, e balançam na minha boca, precariamente. Mas é melhor ter dentes postiços do que nada. Reconheço.

Outra coisa que conversei com Pharoux:

Qual a coisa que você mais gosta de fazer? Aquilo que mais lhe interessa, se é que você ainda tem algum interesse, perguntei. E ri, mas ele não riu.

Comer, disse Pharoux.

Mas a comida aqui não é boa, eu disse.

Não é, disse Pharoux. Mas eu como tudo que me dão, pra ficar vivo. Se você não come, morre.

No Lar não há nenhum médico que possa atender os internos quando eles estão doentes. Qualquer dos Irmãos nos medica, sempre dando um analgésico, seja qual for a nossa mazela. Eu costumo ter problemas intestinais, diarreias fortes que surgem inesperadamente. Quando fui me queixar, o Irmão me deu uma aspirina.

Você não ficou bom, mas vai ficar. Enquanto isso, use o vaso noturno.

Eu podia ter morrido sentado no penico, se Cortines não me arranjasse um remédio. Cortines é cheio de truques. Ele foi professor de educação física. Sempre que entro no seu cubículo ele está fazendo ginástica. Não sei onde ele arranja os remédios e a comida extra. Ele é engraçado.

Um jovem não precisa fazer ginástica, ele disse, um dia em que o surpreendi fazendo flexões abdominais no seu cubículo.

Mas um velho precisa. Quanto mais velho, mais ginástica. Não é para viver mais, é para ficar de pé, enquanto vivo.

Meu azar, continuou ele, foi ser incapaz de lidar com os membros da hierarquia superior da administração esportiva. Então me colocaram aqui, para ir

apagando como uma lamparina. Mas vou ficar muito tempo aceso.

Cortines dá uma gargalhada. Devem ser os músculos que fazem ele rir tão alto.

Cortines é inteiramente careca. Raspa cuidadosamente, todos os dias, os poucos cabelos que tem, na hora de fazer a barba. Seus braços e seu pescoço são duros, secos, afiados.

Esta noite sonhei que era o Malesherbes. Encaminhava-me tranquilamente para a guilhotina, depois de ter tido o cuidado de dar corda no relógio. Queriam me matar porque insistia em chamar Luís XVI de Majestade. Mas eu assim o chamava não porque o respeitasse ou gostasse dele, mas porque sendo velho acreditava ser meu direito ir contra os detentores do poder, que estavam com a faca e o queijo na mão. Melhor dizendo, a guilhotina e o canhão na mão. No sonho.

Por que sonho com Malesherbes, e não com Getúlio Vargas, ou dom Pedro I ou Tiradentes?

Pharoux carrega com ele um estilete de aço. Que raios quererá esse maluco com tal arma? Pharoux tem sempre um ar hostil, sua cara parece dizer: odiar é o mais longo e o melhor dos prazeres.

Alguém já disse que o ser humano ama às pressas, mas odeia devagar. Quem será que Pharoux odeia? Não devia ser lá muito bom cair nas garras dele no seu tempo de policial.

A história da França é mais interessante do que a história do Brasil, é isso?

A experiência (e a própria história) ensinam que os povos e os governos nunca aprendem nada com a história. Assim, também nós, os velhos, nada aprendemos com a nossa experiência. É uma frase idiota essa: se a juventude soubesse e a velhice pudesse. Por que será que nós os velhos não podemos? Porque não deixam, só por essa razão.

Digo isso para Baldomero. Mas ele não presta atenção. Sua depressão está cada vez maior. Cortines e Pharoux são mais atentos, mas são muito ignorantes. Conversar com eles não tem muita graça, eles não entendem o que digo. Um dia Pharoux me perguntou o que era a história e eu respondi, brincando e citando não me lembro mais quem (ecmnésia, minha memória já não é mais a mesma), que a história é algo que nunca aconteceu, escrito por alguém que não estava lá. Ele disse que não entendia. Se não aconteceu, como é que é história?, perguntou. Pharoux é assim, sem imaginação. Mas quando falei que o Diretor havia me

chamado ele ficou muito interessado.

O que você falou para ele?

Nada. Não falei do seu estilete.

Se falar morre, velho idiota, ele disse.

O interno que está há mais tempo no Lar, na minha ala, é Cortines. Seis meses. Todos os outros que estavam há mais tempo desapareceram. Morreram? Foram transferidos? Ninguém se incomoda com a rotatividade dos internos, afinal aqui dentro não se fazem amigos. Apenas eu acompanho secretamente, nos quatro meses que estou aqui, a entrada e saída dos internos. Deformação profissional.

Perguntei a um dos Irmãos, não me lembro o nome, eles são todos iguais e nunca ficam muito tempo na mesma ala, o que faziam com o corpo dos que morriam. Ele ficou muito surpreendido com a pergunta. E desconfiado.

Como? O que você quer dizer com isso?

Muitos aqui não têm família ou se têm os parentes não se interessam

por eles, quase ninguém recebe visitas. Na nossa ala só o Baldomero foi visitado pela filha, e assim mesmo uma vez só. Quando morrem tenho a impressão que o desinteresse continua, e como disse, muitos não têm parentes, e assim...

Assim o quê?

Quer dizer, estou pensando no meu caso, eu não tenho ninguém, se morrer quem vai me enterrar?

O Irmão pareceu aliviado.

O Instituto, é claro. As despesas correm por conta do Instituto, não se preocupe com essas coisas. Vamos, vamos, veja a televisão, divirta-se, não fique aí imaginando coisas tristes, preocupando--se à toa.

Entrou comigo no meu quarto e ficou em pé assistindo a dez minutos da novela.

Antes de sair ficou me observando, da entrada do cubículo. Fingi prestar atenção ao vídeo até ele ir embora.

Os cubículos não têm porta. Os velhos são surdos e as televisões são colocadas em volume muito alto. Como é um programa único, o som é envolvente, brota de todos os cantos, mas isso não impede que os internos

durmam logo que entram no seu cubículo e olham a tela por alguns minutos.

Estou carregando debaixo da minha camiseta os papéis com os nomes e as datas de entrada e de saída dos internos da minha ala. Não sei por que faço isso. De vez em quando eles fazem limpeza nos cubículos e mandam o interno sair. Vão sempre dois Irmãos. Eles fuçam todos os papéis, apreendem os livros, não é limpeza nenhuma, é uma fiscalização, uma espécie de espionagem.

Todos os internos morrem à noite. Lins tinha uma fratura na perna (nosso equilíbrio é precário e nossos ossos são fracos), e se arrastava da cama, que é baixinha, para o penico, ou então defecava e urinava na cama mesmo. Passei uma tarde na porta do seu cubículo e lá de dentro saía um nauseante cheiro de merda e gangrena. Lins estava deitado na cama vendo a televisão. Na manhã do dia seguinte o cubículo estava vazio e cheirando a desinfetante.

Quando eu vejo alguém tossindo e gemendo, ou então muito quieto na sua cama, já sei que de manhã seu cubículo estará vazio. Não estou dizendo que foram mortos ou coisa parecida, o Instituto não faria uma coisa dessas. Sou velho e sei que todo velho é ligeiramente paranoico e assim não quero inventar perseguições e crimes inexistentes. Quem foi que disse que a história é um relato mentiroso de crimes e tragédias? Já estou me perdendo, deve ser a arteriosclerose, começo a pensar uma coisa e meu pensamento divaga. E como anda ruim a minha memória! Ecmnésia. Ah, sim, os papéis debaixo da minha camisa. Não, não é isso. É o fato de os velhos serem internados pra morrer. Talvez sejam encaminhados para aqui os velhos que estão caquéticos, com uma curta expectativa de vida. Isso explica por que todos morrem em tão pouco tempo. Ou será outra coisa, um projeto mais amplo, uma política para todos nós?

Enfim, tenho pouco tempo.

Esse pensamento faz o meu corpo insensível, como se eu já não existisse mais. Não sinto dor nem sinto tristeza, apenas uma espécie de apreensão de quem já não tem mais corpo e lhe falta essa noção sólida de que habita uma forma, uma estrutura, um volume. Como se eu perdesse a matéria e ficasse só espírito, ou mente. Isso é impossível. Mas foi o que eu senti, quando sem dores ou outras agonias e anúncios do meu fim, suspeitei pela primeira vez que talvez vivesse apenas mais alguns meses.

Agora faço a minha ronda com cautela. Os Irmãos, apesar de jovens, são preguiçosos, e após o almoço gostam de descansar, e mesmo aqueles que estão de serviço fazem isso. Eles também têm televisão no quarto e assistem a outros programas que não são os transmitidos para nós. Sei, por perguntas que faço

inocentemente, que eles também dormem em frente ao vídeo. Televisão é muito interessante, descontando o sono e o esquecimento. Não consigo me lembrar das coisas que vejo.

Baldomero não está bem. Quando entro no seu cubículo ele me recebe falando palavras incompreensíveis. Magnete Magneticusque corporibus... Aepinus, Faraday, Volta, Ampère...

Você está bem, Baldomero?, pergunto.

Ohmmm... Ohmmm, ele responde, zumbindo de boca fechada como se fosse um besouro velho. Não resisto e caio na gargalhada. Quanto mais rio mais ele zumbe. Como o ser humano é cruel! Baldomero endoidou e aqui estou eu rindo da sua loucura. Depois ele aponta para a televisão e grita Jenkins, Jenkins!

Jenkins! Seus gritos acabam chamando a atenção dos Irmãos. Querem levá-lo para a enfermaria mas ele resiste. Seu corpo parece galvanizado (sem trocadilho, já não acho mais graça no que está acontecendo) por uma força inesperada. São precisos três Irmãos para o subjugar. Afinal ele é conduzido para a enfermaria.

Sei que serei punido por ter sido encontrado no cubículo de Baldomero. Mas isso não me incomoda. O que me deprime é eu ter feito pouco de Baldomero. Choro de arrependimento. Sei que meu choro copioso é mais um sintoma da minha velhice; estou infeliz, tenho medo e sinto uma insuportável vontade de comer um bombom de chocolate, que faz aguar minha boca. Sem parar de chorar, salivo pelos cantos dos lábios. Olho meu rosto babão e chorão, no espelho do cubículo: uma figura ao mesmo tempo ridícula e repulsiva. Sou eu realmente? Foi para isso que vivi tantos anos?

O lanche é apenas uma xícara de café com um pedaço de pão. É servido às dezessete horas. Se por qualquer motivo eu demorar algum tempo a dormir (o que é raro) a fome fica insuportável e sonho com o café da manhã que é servido às seis horas. Café puro com pão.

O Irmão com o carro do café passa de manhã pela minha porta e não para. Tenho vontade de correr atrás dele e pedir um pedaço de pão. Mas me contenho. Chega de migalhas, de degradação. Estou sentindo raiva, quem sente raiva não precisa tomar café, não precisa de pão.

O Diretor me chama ao gabinete. Por fora continua a mesma pessoa paciente de sempre, é a sua máscara. Mas sei que me detesta, é uma percepção sutil, que penetra o seu disfarce. Baldomero faleceu. Um ataque cardíaco, diz o Diretor.

Sou obrigado a lhe dizer que acreditamos que você tenha colaborado para a

crise fatal, diz o Diretor.

Colaborado como?

Baldomero era uma pessoa excitável. Sua ida ao quarto dele, em hora imprópria, deve ter-lhe feito mal, a saúde dele era precária. Sou forçado a dizer-lhe que o seu comportamento irregular está nos deixando preocupados.

Baldomero estava morrendo de fome e tristeza como todos nós aqui, digo.

Fome? Fique sabendo que a nação gasta uma parte substancial de seus recursos com inativos idosos. Se quiséssemos manter todos os aposentados bem-alimentados e felizes, através de custosos programas de medicina preventiva, de terapia ocupacional, de recreação e de lazer, todos os recursos do país seriam consumidos nessa tarefa. O senhor não sabe que o país atravessa uma crise econômica das mais graves em toda a sua história? Já fomos um país de jovens e aos poucos estamos nos tornando um país de velhos.

Os jovens envelhecem, eu digo. O senhor vai envelhecer um dia.

O Diretor me olha algum tempo. Seu interesse por mim parece ter acabado, como se eu fosse um caso perdido.

Comporte-se, diz ele, afável, mas desinteressado, me dispensando com um gesto vago.

Avisaram a filha de Baldomero?, pergunto ao sair.

Filha? Oh sim, diz o Diretor, distraído.

No almoço tomei uma reles sopa. Mesmo assim estou com diarreia. Peço remédio a um Irmão. Ele demora muito, mas afinal traz uma cápsula e se retira após certificar-se de que eu a ingeri.

Agora você vai ficar bom, ele disse.

A cápsula que me trouxe é diferente das pílulas que costumo tomar. Por isso fingi que a tomei, deixando-a escondida na mão.

Mostro a cápsula para Pharoux. Pergunto se ele já havia visto uma igual, entre os remédios que nos dão.

Ele não responde. Diz que quer ficar só. Nós, os velhos, temos tendência a misantropia. Além disso, Pharoux é desconfiado, suspeita de mim.

Procuro Cortines. Como sempre, ele está fazendo ginástica. Cortines abre cuidadosamente a cápsula. Dentro há um pó branco. Cortines põe uma quantidade muito pequena na ponta da língua.

Pra mim, isso é veneno, diz Cortines.

Como é que você sabe?

Cortines não sabe. Desconfia.

Sob a sua cama, Cortines tem pão e queijo. Comemos os dois. Ele não quer me dizer onde arranja os suprimentos. Deve furtá-los. Cortines, enquanto comemos, fica perto da porta, para vigiar os Irmãos.

Cuidado, aí vem um deles.

Irmão: O que é que você está fazendo aqui?

Eu: Vendo televisão.

Irmão (muito afável): Ah, muito bem, é assim que se faz. Televisão é uma coisa muito boa, distrai, educa, eu se pudesse via televisão o dia inteiro, como vocês. Como é mesmo o seu nome?

Eu: José.

Irmão: Olha, José, você devia ver televisão no seu próprio alojamento. Você está aqui há muito tempo?

Eu: Não.

Irmão: Mas eu o procurei há meia hora atrás e não o encontrei.

Eu: Estava no pátio vendo as árvores.

Irmão: Ótimo, ótimo, as árvores são coisas para serem vistas e admiradas. Temos mais de dez árvores em nosso pátio, orgulhamo-nos disso.

O tempo todo eu mantinha os restos da cápsula na mão.

Irmão: E os seus intestinos? Melhoraram?

Eu: Já estou bom.

Irmão: Mas não deve interromper o tratamento. Na sua ficha está escrito que você tem periodicamente essas crises de diarreia.

O Irmão tira de uma caixinha uma cápsula igual a que eu tinha escondida na mão. Coloca água na caneca de Cortines e me dá a caneca e a cápsula. Já tenho uma cápsula na mão, isto me põe trêmulo, não conseguirei enganá-lo. Ele me observa, atento.

Irmão: Vamos, vamos, não irá lhe fazer mal.

Não me resta outra saída senão tomar a pílula. Se for veneno deve ser de ação

lenta e cumulativa, do contrário eles não iriam me dar várias cápsulas para tomar. Uma só não me mataria.

Tomo a cápsula ante o olhar apavorado de Cortines.

O Irmão me leva para o meu cubículo.

Sei que vou perder o lanche. Mas não vou morrer, por enquanto.

Foi um absurdo terem me aposentado. Foi tudo tão de repente. Eu ainda poderia ter ensinado durante muitos anos. Meus alunos adolescentes eram, na maioria, consumados imbecis, mas sempre existiam uns dois, em cada classe, para quem valia a pena o esforço de preparar e dar a aula. Nunca entendi por que eram tão poucos aqueles que se interessavam por história. É verdade que a maioria não queria saber de coisa alguma, meus colegas das outras disciplinas também se queixavam da mesma apatia. Mas a culpa, é claro, não era apenas dos alunos, condicionados e despersonalizados. Ontem sonhei que estava dando aula e no sonho discursava sobre o que era Bom e o que era Ruim para a Humanidade. Eu dizia que o Bom era o Poder e o Mau, o Ruim, era a Fraqueza, os fracos deviam ser ajudados a perecer. Mas subitamente eu não estava mais numa sala de aula, havia uma guerra, em que os velhos, os doentes, eram mortos e queimados num forno e a chaminé do forno era igual à do Lar Onze de Maio. Um pesadelo nietzschiano.

Até agora a cápsula não me fez mal. Também não curou a minha diarreia. Quero pensar com lógica e isenção. Sei que depois de quase seis meses internado aqui, inerte, preguiçoso e entediado, mal-alimentado, solitário e melancólico, tenho que tomar muito cuidado com os meus pensamentos. O ser humano necessita de segurança, dignidade, bem-estar e respeito, mas aqui só existe miséria e degradação. Sinto-me pior do que se estivesse louco numa camisa de força e meus pensamentos devem sofrer com isso. Deduzo que a cápsula não me fez mal porque não era veneno. Nesse caso ela seria realmente um remédio para a diarreia e eu deveria ter melhorado, o que não aconteceu. Neste instante estou sentado no penico, a terceira vez hoje, e minhas fezes são uma água rala, com cheiro de maresia. Hei, hei, digo para o meu penico, cuidado com a falsa lógica desse seu raciocínio. É tão mais correto e simples concluir, com base nas evidências existentes, que eu não tenho condições de dizer se a cápsula é, ou não, um veneno de efeito cumulativo, como supus desde o início. Aguardo, preocupado, novos dados.

Tenho vontade de ver Pharoux e Cortines. Mas receio sair do meu cubículo. Perdi o café da manhã, mas eles não me tiraram o lanche. Por quê?

À noitinha o Irmão vem com o café, o pão e o remédio. Eu já havia notado que o café da tarde tinha gosto de café requentado. Os Irmãos haviam admitido que o café era feito apenas uma vez, pela manhã. Mas aquele gosto seria mesmo de café velho? Por que faziam eles questão de que eu o tomasse?

Quando o Irmão se afasta, cuspo o café e a cápsula no penico, para onde vai também o resto da caneca.

Não vou deixar eles me envenenarem.

Esta noite não sou dominado, como sempre acontece, por um sono turbulento. Já estou deitado, olhando para a maldita televisão há mais de duas horas, e o sono não veio. O gosto estranho do café da noite é de algum entorpecente, concluo excitado. Há muito que eu não me sentia tão bem. Estou derrotando os Irmãos!

Preciso falar com Pharoux, com Cortines. Eles podem me ajudar. A vigilância à noite deve diminuir, eles provavelmente supõem que estamos todos estuporados em nossas camas.

Esgueiro-me pelo corredor, carregando o penico cheio. Se for apanhado direi que estou indo esvaziar o penico na grande sentina que fica no fundo do corredor. Passo pelo cubículo que antes era ocupado por Baldomero. Como os cubículos não têm porta, vejo, imediatamente, iluminado pela fraca lâmpada de luz amarelada do teto e pelo reflexo azul da tv, deitado na cama, um homem magro, de cabelos brancos longos e ralos. Quando me vê, ele se levanta da cama, o corpo tremendo, e inicia uma grotesca dança: bate com os pés no chão, sacode os braços e relincha como se fosse um cavalo.

Tenho medo que o barulho desperte a atenção dos Irmãos. Tapo a boca do velho com minhas mãos. Ele se aquieta docilmente e fica coçando as gengivas nas minhas mãos, chupa os meus dedos. Sua saliva é grossa e fedorenta. Sinto nojo, limpo as mãos na parede. Ele emite pequenos sons fininhos como se fosse uma corneta em surdina, e continua a sapatear, mas não tão espalhafatosamente.

Sofro de uma doença rara, ele diz. Meu nome é Caio, mas pode me chamar de Sapateador, é assim que todos me conheciam.

Minha mente senil me pregando truques; quase havia esquecido Pharoux. Ponho o Sapateador na cama, digo a ele que fique calado, soprando a sua cornetinha bem baixinho. Ele me dá a impressão de estar chorando, mas estou acostumado a choro de velho e tenho o que fazer.

Os corredores estão vazios. Mesmo assim caminho com toda a cautela até

chegar ao cubículo de Pharoux.

Pharoux dorme de boca aberta. A venda do seu olho vazado saiu do lugar e na órbita vazia há um tecido vermelho escuro, como uma casca de ferida não de todo cicatrizada.

Toco na ombro de Pharoux delicadamente. Pharoux, Pharoux, digo bem perto do seu ouvido cabeludo e fedorento. Sacudo-o com força. Sem acordar, ele me dá um soco, que pega de raspão. Não adianta. Está dopado, não há dúvida. O mesmo deve ocorrer com Cortines.

Volto para o meu cubículo. Nunca me senti tão bem na minha vida. Acho mesmo que a minha diarreia acabou. Sou mais inteligente do que eles. Já sei por que ninguém dura mais de seis meses aqui. Se o interno não morrer das humilhações e privações, do desespero e da solidão, eles o envenenam e matam. A chaminé! Aquele cheiro é de carne queimada! Nós não valemos a comida que comemos, nem um enterro decente. Não consigo sopitar a minha alegria. Não sinto medo, nem horror, dessas descobertas atrozes. Estou vivo, escapei, com minhas próprias forças, do destino torpe que eles armaram para mim, e isso me enche de euforia. Minha mente está cheia de lembranças e reminiscências históricas dos grandes homens que lutaram contra a opressão, a iniquidade e o obscurantismo.

Se nos unirmos, todos os velhos do mundo, poderemos mudar essa situação. Podemos compensar nossa fraqueza física com a astúcia. Sei como foram feitas todas as revoluções.

Passei a noite com esses doces pensamentos.

Os internos que quiserem, e são poucos, podem ficar no pátio uma hora por dia, para apanhar sol. No pátio somos muito vigiados pelos Irmãos. Sempre que percebem que internos estão conversando em algum banco eles se aproximam com algum pretexto, como saber da nossa saúde, ou falar do tempo, mas o que objetivam é descobrir do que estamos falando. Sabendo disso, sentei-me perto de Pharoux e fingi que cochilava, virando e caindo o corpo para o lado, de forma que o Irmão que estava no pátio não visse a minha boca.

Não olha pra mim, que o Irmão está nos vigiando, digo para Pharoux.

Pharoux permanece impassível, mas sei que ele tem uma audição quase perfeita. Ele não pode falar, seu rosto está muito visível.

Para demonstrar que me ouve ele abre e fecha a mão que tem sobre a perna, várias vezes, em intervalos irregulares.

Conto a Pharoux todas as minhas suspeitas. Falo da minha ida ao seu cubículo à noite e do seu estado de torpor, da cápsula envenenada e do forno crematório. Peço que não tome o café da noite e digo que irei visitá-lo. Eu queria falar mais, porém Pharoux levanta-se e sai antes que eu acabe. Talvez fizesse isso para evitar suspeitas, eu já lhe falara o essencial. Talvez fosse me denunciar, outra hipótese. Afinal ele havia sido polícia, treinado a defender a autoridade constituída, como um cão de guarda. Eu devia ter procurado Cortines e não Pharoux. Na verdade Pharoux me metia medo, ele me dava a impressão de ser capaz de todas as traições e maldades.

Aguardo a chegada da noite num estado de excitação e alegria que há muito não sentia.

Onde está o velho que eu era? Minha pele continua um tecido seco despregado dos ossos, meu pênis uma tripa árida e vazia, meus esfíncteres não funcionam, minha memória só recorda o que ela quer, não tenho dentes, nem cabelos, nem fôlego, nem força. É assim o meu corpo, mas eu não sou mais o chorão envergonhado, amedrontado e triste, cujo maior desejo na vida era comer um bombom de chocolate. Aquele ser velho me foi imposto por uma sociedade corrupta e feroz, por um sistema iníquo que força milhões de seres humanos a uma vida parasitária, marginal e miserável. Recuso esse suplício monstruoso. Esperarei a morte de maneira mais digna.

Pharoux está acordado no seu cubículo, em pé, nervoso.

Você tem razão. Eles dopam a gente todas as noites. Avisei o Cortines também para não tomar o café. Vamos ver se ele também está acordado.

Vamos até ao cubículo de Cortines. Ele está sentado na cama, flexionando os músculos do braço.

Temos que fazer alguma coisa, digo.

Aquele forno é para queimar os mortos, não tenho dúvidas, diz Cortines.

E por que não os vivos? Os que estão demorando muito a morrer?, diz Pharoux.

Discutimos irritados, por instantes, se os Irmãos estariam cremando ou não os corpos ainda vivos dos internos. Defendo a tese de que o forno é usado somente para cremar os mortos. Na verdade não estou convicto disso. Pode ser que o forno seja também para os vivos, ou só para o lixo.

Eu sei o que fazer, diz Pharoux. Um motim. Nós aqui não passamos de prisioneiros, e os prisioneiros quando querem melhorar as coisas para eles se

amotinam, arranjam alguns reféns e botam a boca no mundo.

A ideia me agrada. A história ensina que todos os direitos foram conquistados pela força. A fraqueza gera a opressão. Mas somos apenas três velhos. Não! Devo esquecer que sou velho. Já estou eu, novamente, aceitando os condicionamentos que me foram impostos.

Somos três seres humanos!, grito.

Pharoux me manda falar mais baixo. O plano dele é simples. Ele sabe onde fica o apartamento do Diretor. A porta é fácil de abrir, é uma fechadura antiquada. O Diretor será nosso refém e nosso trunfo na negociação.

Saímos, eu, Pharoux e Cortines, pelos corredores escuros do Lar Onze de Maio. Pharoux leva na mão o estilete de aço. Seu único olho brilha forte; ele está tenso, mas tem um ar profissional de quem sabe o que fazer. Vamos para outra ala, subimos um andar. O Lar está tranquilo, mas ouve-se o som das televisões funcionando. Subimos uma escadinha. É a torre do Diretor. Chegamos a uma porta.

É aqui, diz Pharoux.

Pharoux tira um arame do bolso, ajoelha-se. Durante um longo tempo enfia e tira o arame do buraco da fechadura. Ouve-se o barulho da lingueta correndo no caixilho.

Pharoux sorri. Vamos entrar. Mas a porta não abre. Deve estar trancada por dentro.

Num impulso bato na porta, com força.

Nada acontece.

Bato novamente.

Do lado de dentro ouvimos a voz irritada do Diretor.

O que é?

Senhor Diretor, digo com a voz meio abafada, uma emergência.

O Diretor abre a porta. Pharoux agarra-o, Cortines segura-o pelo pescoço, numa gravata. Pharoux pica com o estilete o rosto do Diretor, fazendo brotar uma gota de sangue.

Quieto, porco gordo, diz Pharoux.

O Diretor olha Pharoux assustado. Acho que é a primeira vez em que sente

medo em sua vida.

Calma, por favor, calma, diz o Diretor.

Arrastamos o Diretor para dentro.

Com o cinto do roupão do Diretor, Cortines amarra as suas mãos. Pharoux manda que ele deite no chão.

Estamos na sala do apartamento. Quando chegamos ao quarto, temos uma surpresa. Na cama, larga, de casal, está dormindo uma mulher. É uma jovem, de pernas e braços compridos, inteiramente nua. Não consigo me lembrar quando foi a última vez que vi uma mulher nua.

A mulher acorda. Senta-se na cama. Pergunta quem somos nós.

Edmundo!, chama a mulher. Então é esse o nome do Diretor.

Fique quieta e nada lhe acontecerá, digo.

É melhor amarrá-la também, diz Cortines.

Com tiras do lençol, Cortines amarra os braços e as pernas da moça. Ela submete-se docilmente. Não são apenas os velhos que se acovardam e ficam sem ação ante ameaças. Se aquela mulher lutasse comigo e Cortines talvez até conseguisse fugir. Mas supõe que somos dois velhos malucos e a melhor estratégia é não nos contrariar.

Deixamo-la na cama, amarrada. Cortines leva tiras do lençol para amarrar o Diretor. Ele está deitado no chão em decúbito ventral, e Pharoux tem o estilete encostado na sua pele. Se se mexer, o estilete vara-lhe o pescoço.

O nome dele é Edmundo, eu digo para Pharoux.

Edmundo, o imundo, diz Pharoux. Sinto que a ação despertou em Pharoux instintos destrutivos reprimidos. Vejo marcas de pequenas perfurações no pescoço do Diretor.

Amarramos os pés do Diretor e fazemos novos laços, atando ainda mais as suas mãos.

O apartamento do Diretor tem uma sala, quarto, cozinha e banheiro. Só há um acesso para ele, a porta por onde entramos. É uma porta de madeira grossa, sua fechadura é velha, mas tem duas trancas de aço embutidas. Estamos seguros.

Olha só a geladeira dele, diz Pharoux.

Cerveja, ovos, presunto, manteiga. A geladeira está cheia.

Cortines e Pharoux foram para a cozinha fritar ovos.

Agora comem ovos com presunto e bebem cerveja. A coisa que os velhos mais gostam é comer. E Pharoux e Cortines estão felizes e satisfeitos como se o objeto do nosso motim fosse comer ovos com presunto. Talvez, stricto sensu, possa se dizer isso, que o objetivo final de toda revolução é mais comida para todos. Mas estávamos naquele instante apenas pilhando a geladeira do Diretor de um asilo de velhos, denominado de Lar pela hipocrisia oficial.

Como apenas um pedaço de pão. Gostaria de passar a mão no corpo da mulher, mas ela certamente sentiria repugnância e isso acabaria com o meu prazer.

Começo a sentir um cansaço muito grande. Deito-me no sofá da sala... Acho que posso dormir um pouco, as negociações talvez se arrastem... Tenho que vigiar Pharoux para que ele não faça nenhuma tolice, ele é muito violento... Acho que estamos iniciando uma revolução... mas é preciso que o nosso gesto saia desta torre e faça os outros pensarem... Meu Deus! Como estou cansado... Antes de dormir tenho que falar com Pharoux e Cortines. Eles estão na cozinha, comendo ruidosamente... temos que traçar os nossos planos...

ALMOÇO NA SERRA NO DOMINGO DE CARNAVAL

Na subida da serra uma mulher pequena, de chapéu de abas largas, fez sinal pedindo carona. Usava minissaia de cetim, bustiê de lantejoulas vermelhas, luvas brancas longas quase até o cotovelo.

Parei o carro.

Vai subir? Voz de falsete. Dentes ruins. Batom vermelho brilhante. Tinha qualquer coisa numa das vistas, ligeiramente fechada e remelenta. Pestanas pintadas de rímel.

Não. Desculpe, eu disse acelerando o carro.

Se fosse uma mulher eu a teria levado comigo. Vergonha de dar carona para um travesti? Medo do travesti? Ele era tão frágil mas eu tinha medo dele? Era isso? Ou eu me aborrecera por ele não ser uma mulher e eu queria que o destino pusesse na minha frente uma mulher que me levasse para outro lugar que não aquele para onde eu estava indo?

Ao ver o muro de cerca viva senti um aperto no coração. Quando atravessei o portão de pedra comecei a chorar. Dei marcha a ré e segui pela estrada. A última vez que eu havia chorado fora há tanto tempo que eu até tinha esquecido como era.

Voltei, agora podia olhar a casa sem sobressaltos. Aquelas árvores estavam ali desde o início do mundo, e também os pássaros, os sapos, os esquilos e o lagarto preto de manchas amarelas que habitava a beira do rio.

A senhorita Sônia está na piscina, vou conduzi-lo até lá, disse o copeiro que me recebeu na varanda da casa.

Não é preciso, sei o caminho.

Carros nas alamedas. O gramado e o jardim estavam bem-cuidados. Havia caramanchões novos, cobertos de trepadeiras.

Parei a certa distância da piscina cercada de mesas cobertas por enormes guarda-sóis coloridos. As pessoas em trajes de banho deitavam-se em espreguiçadeiras, nadavam, conversavam, bebiam e comiam salgadinhos servidos por garçons de preto. “Apenas um grupo de amigos mais chegados”, dissera Sônia. Eram umas cem pessoas.

Você que é o Zeca?, perguntou uma garota vestida com uma pequena tanga. Eu sou Suely, irmã da Sônia, ela está na piscina. Por que você não veste a sua roupa de banho?

Eu não trouxe.

Suely segurou a minha mão. Vem que eu vou te arranjar um calção.

Não, eu não quero tomar banho de piscina.

Você está muito pálido, com uma cor horrível.

Não quero, obrigado.

Quer beber alguma coisa?

Não obrigado. Me faz um favor? Chama Sônia pra mim.

Eu não queria ser apresentado àquela gente, sorrir, apertar mãos.

Sônia veio correndo. Seu corpo queimado de sol parecia feito de cobre. Quis me beijar na boca, mas eu virei o rosto.

O que é? Está zangado?

Não.

Vai botar o teu calção de banho.

Eu não trouxe calção de banho.

Eu te arranjo um. A água da piscina está uma maravilha.

Eu não quero tomar banho de piscina.

Você está branco demais. Destoante.

Destoante do que ou de quem?

De mim, por exemplo. Sônia riu, dentes muito brancos. Vem que eu quero te apresentar minha mãe e meu pai.

Depois.

Eles querem muito conhecer você.

Depois.

O que é que você tem?

Nada. Tua casa é bonita.

E você ainda não viu tudo, este sítio é enorme. Está vendo lá adiante? Tem um

bosque tão grande que a gente até se perde dentro dele. E do outro lado do rio tem um pomar com mais de mil árvores frutíferas. Só jabuticabeiras são mais de cem.

Surgiu ao nosso lado um homem de calção de banho, segurando um copo. Ele colocou a mão com o copo no meu ombro e a outra mão no ombro de Sônia.

Então este é o jovem que está namorando a minha filha? Onde é que está o seu copo? Não está bebendo nada? E o seu calção?

Sem esperar resposta tocou com o copo frio no meu braço, sorriu e afastou-se. Adiante parou para falar com um casal.

Eu estava morrendo de saudades, disse Sônia.

E o lagarto da beira do rio?

Sônia me olhou sem entender, por alguns segundos.

Ah! o lagarto. Papai mandou o caseiro matar, a mamãe morria de medo dele. Como é que você sabia que tinha um lagarto aqui?

Esta casa já foi minha, eu disse. Passei minha vida nela.

É mesmo? Que coisa mais engraçada. Nós compramos o sítio no ano passado. Então foi de vocês que nós compramos?

Olhei seu rosto perfeito, saudável. Fizeram uma pulseirinha de relógio com a pele do lagarto?, perguntei.

Papai, vem cá, que coisa mais engraçada.

O pai de Sônia parou de conversar com o casal e se aproximou de nós.

Você não está bebendo nada, meu rapaz? Não quer um drinque?

Papai, você sabia que esta casa já foi do Zeca?

Não, não sabia, disse o pai de Sônia, eu não cheguei a conhecer ninguém de sua família, toda a operação foi feita através de um corretor, logo que chegamos de São Paulo. Soube do que aconteceu com vocês. A vida é assim mesmo. Mas vejo que você suportou bem os golpes. Vá botar o seu calção, rapaz. Arranja um drinque para ele, Sônia.

Outro sorriso, nova retirada. O pai dela não parava. Cem convidados.

Vocês fizeram uma pulseirinha com a pele do lagarto? ou uma sandália? ou foi uma carteira de notas para o papai banqueiro?

Meu bem, o que está acontecendo com você? Nunca te vi assim.

Estávamos andando por dentro do bosque, indo na direção do rio. Sônia havia colocado um roupão sobre a roupa de banho. Paramos em frente à cachoeira. Tirei o roupão de Sônia e coloquei-o no chão.

É pena que você não esteja de calção, podíamos tomar um banho de cachoeira, disse Sônia aflita.

Deita, eu disse.

Não, meu bem, por favor.

Agarrei os ombros de Sônia e sacudi o seu corpo.

Por favor, você está me machucando.

Obriguei-a a deitar-se. Arranquei o seu biquíni.

Vira de costas, anda.

Você acha que é assim que um homem trata a mulher que ele ama?

Cala a boca, eu disse, agarrando-a com força.

Quando acabei, levantei-me e fui embora sem olhar para trás. Entrei no carro.

Desci a serra velozmente. Queria ter coragem para jogar o carro num precipício e acabar com tudo. Mas apenas chorava. Duas vezes no mesmo dia! Que inferno estava acontecendo comigo?

H. M. S. *CORMORANT* EM PARANAGUÁMIOLO

Quem sou?, penso, vendo-me ao espelho de vestido longo negro de cetim, luvas brancas de pelica, brincos, colar, peruca, tiara de brilhantes, meia-máscara de veludo negro.

Luísa arruma o quarto. Falo do baile.

Livros, papéis espalhados, tinta azul e vermelha derramada, canetas, penas de aço belgas, mata-borrão numa armação de prata,

caveira amarelada com todos os dentes, lápis coloridos, borracha, jornais, o retrato dos meus pais, um espelho grande, na parede escrito a carvão 1850 Feliciano Coelho Duarte, 1851 João Batista da Silva Júnior, 1852 nada.

Depois de algum tempo o homem aproximou-se dizendo que era o conde de Fé d'Ostiani, representante do Reino das Duas Sicílias. Estendi-lhe a mão, o conde a prendeu entre as suas murmurando — desde que cheguei estou embevecido a contemplar vossa formosura.

Fou rire de Luísa: Em que língua tu e ele falavam?

Tiro a máscara, os brincos, o colar, a peruca, as luvas. Luísa me acusa de estar ridículo, vestido de mulher.

O conde agarrou minha mão e num italiano estropiado de napolitano sussurrou que morria de paixão. Para dele mofar disse-lhe que havia outras jeunes fillies mais formosas do que eu e mencionei teu nome. Ao ouvi-lo ele exclamou, ma come! questa bambina?, bateu na testa como um canastrão desses dramas coxos que se levam no Teatro São Pedro e acrescentou que tu ainda usavas fraldas. É um don Juan serôdio, não sei o que vês nele.

Luísa tira o batom dos meus lábios e o ruge do meu rosto.

Quem sou eu? O dr. Bustamante no hospital tem respostas: um poeta que apenas tem para provar seu valor o aplauso dos estudantes e dos bêbados. Mas pro inferno Bustamante, tenho o talento que apregoo, sou quem eu penso que sou e ainda terei tempo de alcançar a glória e morrer cedo, como Byron, aos trinta e seis, gritando coragem, entre espasmos de dor, calafrios, sezões, delírios; como Shelley, trinta anos; Keats, vinte e seis. A vida, diz Bustamante, é apenas um círculo de funções que resiste à morte, e minha doença resulta menos dos

bacilos do que de uma condição patológica a que seus colegas alemães denominam Wille zur Krankheit.

Luísa duvida da minha certeza de que o conde realmente não me reconheceu, pensa que ele estaria brincando comigo como eu com ele. Hipótese esdrúxula, d'Ostiani quis beijar-me na boca! Arre! afinal não me diverti tanto quanto pensei. Falta-lhe um dente na boca, não sei se o percebeste. Um diplomata, e conde, banguela, onde já se viu isso?

Tiro o vestido e visto calças listradas, sapatos de verniz preto de bico fino, camisa branca de cambraia francesa, plastron, sobretudo preto.

Luísa acha graça na minha audácia, ir vestido de mulher a um baile em que estava a irmã do Imperador, irmã bastarda, diga-se. A condessa de Iguaçu usava um vestido cinzento que lhe fazia uma cinturinha de sílfide; no colo, numa volta só, o colar de grossíssimas pérolas, um boné grená com fundo de rede de prata prendendo a trança e franjas também de prata; na cintura um buquê de violetas; dançava incansável pelo salão.

Luísa me pede que lhe ensine a dançar o schottisch. Agora não, vou à taberna, com Teresa. Teresa existe para que moças como Luísa não sejam corrompidas. A prostituta tem uma função no mundo, a de satisfazer as paixões dos homens, principalmente dos solitários, dos tristes, dos desesperados. Luísa, à minha frente, segura minha mão e a coloca na sua cintura, a cintura dela é tão fina que eu quase posso abarcá-la com as duas mãos. Ela tem um cheiro bom, um perfume misterioso, entontecedor. Ficamos na posição de dançarinos, o schottisch tara tata tata tata Busta tata tatamante, o hospital, a freira com o terço na mão.

O que estás esperando, sonhas de olhos abertos?

danço, tara tata tata tata

a invenção vem da imaginação e a imaginação é um labirinto em que o difícil não é a saída, é a entrada.

Tum tum tum, batem na porta. A música silencia.

É Teresa. Ela não sabia que eu estava acompanhado, não conhecia minha irmã, as duas se fitam e baixam os olhos. Cumprimentai-vos, ordeno, impaciente. Logo, elas conversam, trivialidades, uma diz que o vestido da outra é mais bonito, e sorriem alegremente, e Teresa diz que o dela foi feito por dona Serafina, uma portuguesa que mora na Cancela.

Sento-me à escrivaninha, aborreço-me, pego papéis.

Luísa se veste com costureiros franceses, digo.

Ah, então é por isso que o vestido dela é tão bonito.

Luísa quer o vestido de Teresa, que tem braços de fora e ombros nus, queixa-se, aqui em casa nunca me comprariam um vestido com os braços de fora. Ambas alacremente pedem-me que feche os olhos ou fique de costas. Pego a caveira. Em decassílabos: foi a cabeça ardente de um poeta, esta fronte era bela, aqui, nas faces formosa palidez cobria o rosto, seus cabelos eram loiros, agora tudo é cinza.

Estalo os dedos, grito para Luísa e Teresa que estou escrevendo um poema sobre uma caveira. Elas, entretidas uma com a outra, ignoram minha observação, pois têm o corpo quase igual e o vestido de uma ajusta-se ao corpo da outra, e têm a mesma idade, dezessete anos, ah, as utopias, os sonhos da ciência nada valem, a vida é um escárnio sem sentido, comédia infame que ensanguenta o lodo! mas elas, apesar dos meus gritos, continuam a não me prestar atenção. Com a caveira nos braços recito lugubremente: era uma fronte olímpica sombria, nua ao vento da noite que agitava as loiras ondas do cabelo solto, cabeça de poeta e libertino, corada pelo fogo da embriguez, na fronte a palidez, no olhar o lume errante de uma febre ardente.

Teresa e Luísa riem como duas crianças. Oh, céus, como é difícil a arte poética! Vamos Teresa, a um pagode na Taberna do Sapo e das Três Cobras, cantar e dançar rondós e tarantelas? Como disse Byron, o bretão de alma de fogo, quem escreveria se tivesse coisa melhor para fazer? Ação, ação, isso é que é importante, não escrever, e muito menos rimar, vide a vida monótona dos escritores.

Jogo os papéis da escrivaninha para o alto, como corações na missa, e nesse instante ele aparece, num elegante traje de lorde inglês, os olhos pequenos brilhando ironicamente, um sorriso no rosto bonito e arrogante de lábios sensuais e cabelos encaracolados. Manca um pouco mais do que ontem.

Que coisa mais idiota chamar-me de bretão de alma de fogo, diz Byron.

A frase faz parte de um poema que te dediquei, digo, enquanto ouço Teresa sussurrando ao ouvido de Luísa — ele fala sozinho? Finjo não ter percebido, se tenho uma visão que os outros não têm nem podem compreender de que me adianta tentar explicá-la? Sempre, ultimamente, responde Luísa, também num murmúrio.

Byron também não gosta de ser chamado de poeta altivo das brumas de

Albion, nem de minha musa, nem errante trovador d’alma sombria. A Inglaterra é a Inglaterra, deve ser chamada assim, ele diz.

Nessas horas, continua segredando Luísa, a boca encostada na orelha de Teresa como se a estivesse beijando, nessas horas é melhor não interrompê-lo, é como se ele estivesse conversando um assunto importante com um interlocutor para nós invisível, ainda que a conversa, como vês, não tenha pé nem cabeça; mas seu delírio para aí, quando não está conversando com o seu fantasma ele é um mancebo gentil, bom, delicado e atencioso; é pena que a saúde dele não esteja boa.

Já disse que estou ótimo, digo, botando a língua para fora. Já viste língua mais saudável? Puxo a borda inferior do olho para baixo. Vês? Vermelho como o pôr do sol, rutilante como sangue de um javali. Vou comemorar esta saúde de gorila na taberna.

Luísa insiste, enquanto Byron nos contempla divertido, em que eu devo ser examinado por um médico, a doce e bela criança ignora que a medicina não salva ninguém da morte, se todos os médicos desaparecessem a saúde do povo nada sofreria, se não existissem médicos as pessoas seriam obrigadas a descobrir o próprio corpo e saber como ele se comunica com a mente. Ah, a cabeça! coisas estranhas temos dentro da cabeça.

Sim, tolices, ideias delirantes, sopra Luísa ao ouvido de Teresa, sua voz tem o rumor de uma asa de colibri batendo, ele está doente, vê como está pálido, durante as noites levanta-se da cama e caminha dormindo pela casa, dizendo palavras que ninguém entende, toma conta dele por favor!

Luísa supõe que sou louco. Loucura e juventude são coisas parecidas, a mente flutua sem limites por espaços e tempos vazios. Luísa, o rosto preocupado e aflito, apanha os papéis do chão e os arruma na escrivaninha, enquanto Byron procura sentir o aroma do seu corpo. Um curto e ágil balé ocorre. Luísa se movimenta sem vê-lo e Byron se desviando dela, o nariz arrebitado aspirando o perfume do seu corpo. Byron costuma dizer que há qualquer coisa que o suaviza na presença das mulheres, uma influência estranha, mesmo quando ele não está amando, algo que não entende, pois não tem em alta conta o sexo feminino. Se tem uma mulher ao lado, ele está de melhor humor, com ele mesmo e com o resto.

Vamos, vamos, digo, segurando o braço roliço de Teresa, vamos para a taberna. Byron desaparece. Luísa, com um suspiro fundo, senta-se na minha cama.

As mesas da taberna estão quase todas ocupadas por homens e mulheres cantando tarantelas, polcas, mazurcas, schottischs e valsas. Peço vinho ao taberneiro, um velho gordo dado a filosofar. Byron, como sempre, aparece inesperadamente e senta-se à nossa mesa, coloca uma resma de papel à sua frente e começa a escrever. Ele mesmo se denomina um furioso scribbler, diz que odeia escrever, que gosta de jogar as coisas que escreve no fogo, principalmente os poemas, escrever para ele é uma tortura, um sofrimento do qual gostaria de se libertar.

Escrevo para retirar-me de mim mesmo.

A garrafa de clarete português está vazia. Vinho, taberneiro!, grito. Uma tarantela agitada na minha cabeça. Divago. Minha imaginação é um cavalo selvagem em disparada, no qual cavalgo sem freio. Subitamente irrompe na taberna meu amigo e colega da Faculdade de Direito, Francisco de Paula, de capa preta, à maneira dos estudantes de Coimbra.

Silêncio, silêncio!, exclama Francisco de Paula, acabo de saber que Feliciano Coelho Duarte, por amor à bela Laura Milliet, filha do cônsul francês, matou-se.

Byron costuma dizer que sempre se alegra quando alguém morre jovem. Feliciano morreu há dois anos. Francisco deve estar delirando. Vagueia entre as mesas, sua capa negra-asa-de-morcego, e brada que Feliciano perdidamente apaixonado submeteu-se a todos os caprichos da formosa Laura e que neste dia, ao apresentar-se como pretendente à sua mão, ela recebeu-o com desdém e sarcasmo dizendo que ia casar-se com outro, que não é esbelto como Feliciano o era, e nem inteligente e sensível, e nem tão nobre, um comerciante cuja única virtude é ter a burra cheia de ouro. O que restaria ao pobre Feliciano após tão horrenda humilhação e desencanto senão a corda, a escopeta ou o veneno? Matou-se, o pobre desgraçado.

Ouço vozes. Que o nosso poeta diga algumas palavras! O Poeta, o Poeta! Um exórdio! Um necrológio! Uma ode fúnebre! Ouço a gritaria da súcia de bêbedos e estudantes. Levanto-me. Ele era um Poeta, um irmão das Letras. Por que morreu? Perguntai às aves de arribação por que as leva de vencida o tufão das tempestades! Sua existência fadava-se brilhante: as glórias da tribuna, os triunfos do gênio e talvez outras palpitações mais ardentes — o Amor! O vento da morte ao correr pela selva sagrada mirrou o cedro mais soberbo! Por que morreu?

Matou-se com formicida, diz uma voz pastosa.

Respeito ao cadáver, senhores! As grandes vidas, como essa foi, não morrem das doenças miseráveis, legados ulcerosos que a humanidade deixa aos seus

filhos! Quando as harpas santas rompem suas cordas é que o vento de Deus roçou terrível por elas! Dorme, pois, criatura sublime, dorme em paz! Que os anjos te alumiem nos teus sonhos, como as estrelas do céu às noites escuras da terra. E a ti, que sentias como Poeta, a quem talvez o gênio matou num beijo de fogo, a quem Deus daria na existência a coroa mística dos amores, a Glória suas visões, a Tarde seus perfumes, a Noite suas lâmpadas de ouro: Boa Noite.

Quando se pode ir à fonte não se bebe água no rego das ruas, diz o taberneiro, o menino falou que nem Shakespeare. Ele corta um enorme pedaço de paio e come e bebe largas goladas de vinho. Eu poderia lhe dizer, se quisesse perder o meu tempo com um taberneiro que só conhece os prazeres dos intestinos, que realmente a figura de Hamleto me inspirava: um personagem aguilhoado pela própria consciência, estimulado por instintos destrutivos, pela obsessão da violência; um ser humano atrás da cortina e ele o mata com sarcasmo — que é isto, um rato? — enfiando-lhe a espada na barriga. Byron continua a escrever. Eat, drink and love, what the rest avail to us? Léo, o Ladrão, pede licença e senta-se à nossa mesa. Ele vangloria-se de também ser poeta pois só rouba dos ricos. Na verdade ele não rouba dos pobres porque os pobres nada têm. Se todos fôssemos pobres não haveria ladrões? Uma boa teoria. Léo segura no meu braço e eu lhe peço que me largue, ele não é nenhum François Villon para agarrar no meu braço e bufar sobre mim o seu hálito alcoólico. Ele pede desculpas, apenas quer que eu recite um dos meus poemas, aquele, diz ele, em que vou ficando blasé e passo os dias pelo meu corredor, sem companheiro, sem ler nem poetar — o resto ele não se lembra, sabe que é sobre charutos e ele gosta de charutos, como eu. Acendemos nossos havanas.

O poeta vai recitar!, anuncia Léo. Alguns basbaques postam--se em volta da nossa mesa. Byron, sem parar de escrever, atira--me olhares zombeteiros. Minha casa não tem menores névoas que as deste céu de inverno... Solitário, passo aqui as longas noites e os longos dias. Dei-me agora ao charuto, de corpo e alma, debalde ali de um canto um beijo implora, como a beleza que o sultão despreza, meu cachimbo alemão abandonado. Lancei-me ao desviver, gastei na insânia das paixões a minha vida inteira, qual o fervor da escuma na cachoeira quebrei os meus sonhos e do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto. Aplausos, gritos, tapinhas nas costas, efeitos do vinho. Insânia das paixões! Teresa diz que tem fome e peço ao taberneiro mais vinho e iscas de fígado com batatas. Insânia das paixões... Uma mulher, diz Byron, mesmo uma prostituta, nunca deve ser vista comendo ou bebendo — a menos que seja lagosta com champanha, a única vianda verdadeiramente feminina.

Clamor de vozes vindas da rua. É Francisco de Paula que volta, mais esbaforido do que antes, com novidades. O povo, reunido no largo do Paço e na praça em frente ao Hotel Pharoux, surra e joga lama nos marinheiros ingleses que passeiam pela cidade, vinga-se dos atos de pura arrogância e pirataria perpetrados pelo comandante Schomberg, do navio *Cormorant* de Sua Majestade Britânica (os ingleses, diz Byron, sem parar de escrever, estão acostumados aos insultos dos subdesenvolvidos e também às suas reverências, é tudo que eles sabem fazer, insultar e reverenciar, às vezes ao mesmo tempo). Os insolentes bretões desceram até Paranaguá, na embocadura do rio, e Schomberg enviou uma nota intolerável ao comandante do nosso forte dizendo que tinha instruções do Almirantado inglês para examinar todos os navios suspeitos e apreender os que se dedicassem ao tráfico negreiro. Vários navios estavam ancorados, entre eles o brigue *Sereia* (que desembarcara, diz Byron, novecentos e oitenta e seis escravos em Santos) e o brigue *Leônidas* (Byron: que como um bandido ordinário muda de nome e sob o vulgo de Dona *Anna* desembarcou oitocentos escravos em Dois Rios) e o bergantim *Astro* (seiscentos escravos em Macaé) e o brigue *Lucy Ann* (vulgo *Campaneja*, capaz de transportar mil e seiscentos escravos de uma só vez). O *Astro*, para não ser apresado, foi posto a pique pela própria tripulação de bravos marinheiros patrícios, mas os outros navios foram abordados e rebocados para alto-mar. O forte abriu fogo, matou muitos bretões (um só marinheiro inglês morreu, e assim mesmo porque caiu ao mar e afogou-se, por não saber nadar como o poeta Shelley, bem feito para ele, todo homem deve saber nadar e lutar boxe) mas o desaforado comandante do *Cormorant*, o maldito Schomberg, ao largo do forte e à vista de todos, numa torpe e ultrajante exibição de força e poder, incendiou o *Sereia* e o *Leônidas* e levou o *Lucy Ann* para Santa Helena, afrontando de maneira humilhante a soberania brasileira.

Soberania de traficante de escravos, mofa Byron. Nessas horas ele me aborrece. Morte à Inglaterra!, bradam os bêbedos e os estudantes da taberna. Abaixo a Grã-Bretanha! Morte a John Bull! No ano do seu nascimento, Manoel, em 1831, entraram no Brasil apenas cento e trinta escravos, diz Byron, mas nos vinte anos que se passaram desde então, o nefando tráfico foi aumentado e quatrocentos e oitenta e seis mil quinhentos e vinte e seis escravos negros vieram para este país, de Angola, Moçambique, Guiné, Congo, empilhados pior do que animais, nos porões desses navios que a Armada da Inglaterra apresa e incendeia.

Os ingleses, retruco, descobriram uma forma mais sutil e aparentemente limpa de explorar o negro sem ter que transportá-lo através dos mares até a Inglaterra: a colonização, a exploração do escravo na própria terra dele. Ah, as hipócritas

consciências calvinistas! O novo embaixador britânico, o famigerado James Hudson, que acabou de chegar, teve a audácia de declarar que o Brasil quer mão de obra barata e que eles, os bretões, tomaram ao seu cargo evitar que isso aconteça. Querem acabar com a nossa agricultura. Byron diz que despreza um país onde a economia nacional e o bem-estar de um pequeno grupo de privilegiados se baseia na exploração de escravos ferozmente subjugados. A Inglaterra fez uma promessa de acabar com o tráfico de escravos, de fazer valer o direito humano do negro à liberdade. Byron, com um copo na mão, brinda aos ministros de Sua Majestade Britânica, George Canning, lord Castlereagh, lord Aberdeen, lord Dalmerston. Depois senta-se, com um brilho cínico no olhar, um sorriso irônico nos lábios sensuais. Detesto todos os governos e governantes e quanto mais conheço os homens mais os desprezo; prefiro ficar sozinho apesar da afirmativa de Locke de que ficar só é sempre estar em má companhia.

Queremos ouvir o Poeta!, bradam as vozes das mesas envoltas em fumaça. Levanto-me e com o meu olhar faço cessar o tilintar dos copos, a risada das hetairas, a cantilena dos ébrios. Triste coroa sobre a qual acaba de ser gravada uma inscrição de infâmia! Envolto em seu manto prostituto, nosso Imperador olvida-se das Glórias que sonhava. Para ele, maldição! Seu leito lava em lodaçal corrupto. Vede — a Pátria debruça o peito exangue onde a turba corvejou! Na Glória, no Passado eles cuspiram! Vede — a Pátria ao Bretão ajoelhou-se, beijou-lhe os pés, no lodo mergulhou-se. Eles a prostituíram! Malditos!

Malditos! Malditos!, berra e canta a turba entusiasmada. Malditos!

Pus e lama, covardia, canalhice e capitulação! O povo é explorado em nome do Comércio e da Indústria, os trabalhadores são acusados de serem pobres, são chamados de turba — bellua multorum capitum — uma besta de muitas cabeças que devem ser cortadas, eis a solução dos detentores do poder para o problema da existência de um povo explorado e desesperado. Como diz Hobbes, um povo faminto tem o direito de fazer tudo, seja o que for, para matar sua fome.

Tu falas dos brancos, diz Byron, e os negros? Enfim, quem sou eu para falar sobre isto, se aqui estou, oblitus meorum obliviscendus et illis, esquecendo o meu povo e sendo esquecido por ele.

O povo nos esquecerá, a nós poetas? Depois de rolarem as cabeças, depois de passar o odor do sangue derramado e da carne carbonizada, de serem esquecidos o tropel e os gritos, voltaremos a ser necessários?

Byron dá de ombros, olhando o papel à sua frente. Uma cortesã chamou minha letra de garranchos de uma lavadeira... Byron é apenas um scribbler, e eu

um poeta alienado, e aqui estamos nós, vis-à-vis, esquecidas nossas diferenças, diluídas as condescendências de um e os rancores de outro. Byron não precisa de mim, nem a Inglaterra do Brasil, ele é o meu paragon e o Brasil uma colônia da pérfida Albion. Ser fraco custa um preço alto, chego às vezes a pensar que o inglês é uma língua mais bonita do que a nossa. *Cormorant* só invadiu Paranaguá porque Byron, Keats, Shelley invadiram antes a minha mente. A Colonização se faz em nome de Deus, da Lógica, da Razão, da Estética e da Civilização. Os imperialistas levam o nosso ouro e corrompem a nossa alma. Byron e Schomberg eram iguais — a Poesia e o Canhão a serviço da Dominação.

Nonsense, diz Byron, e desaparece.

Léo convida Teresa a ir à sua mansarda esquentar-lhe os lençóis e os ossos, e quando Teresa responde que não está fazendo frio ele responde que faz sempre frio no coração de um ladrão. Léo fala baixo para que eu não o ouça. Perde o seu tempo, as prostitutas são muito fiéis. A promiscuidade fútil é um hábito da nobreza. Léo oferece a Teresa joias, pedras preciosas que roubou dos ricos e que nunca vendeu aos intrujões, que guardou para um dia dar à mulher amada. Promete casar com Teresa com véu e grinalda e certidão.

Quantos escravos tens?, pergunta Léo.

Estou economizando para comprar uma negrinha que lave a minha roupa e faça a minha comida.

Pois te darei duas mucamas, uma para te dar banho, lavar tua roupa e cozinhar tua comida e a outra só para catar os teus piolhos.

Teresa nega que tenha piolhos. Léo responde que toda mulher tem piolhos, que a mãe dele tem piolhos, que a própria Imperatriz tem piolhos. Teresa diz que veio comigo, pede a Léo que não a importune. Léo, irritado, se retira. Ficamos na taberna apenas Teresa, eu e o taberneiro, que finge dormir, a cabeça apoiada no balcão. Pergunto a Teresa sobre o que ela e Léo tanto conversavam. Teresa, coquette, diz que Léo a pediu em casamento, que ele é um grande comerciante de joias. Ele é um ladrão, sua mentirosa, eu digo, devias ter ido com ele. Teresa, chorando, se atira ao chão e abraça minhas pernas, diz que me ama tanto que tem vontade de morrer. Meu coração fica pesado, levanto-a do chão, peço-lhe carinhosamente que não chore, com meu lenço enxugo seus olhos e assoo o seu nariz. Eu te amo, tens o encanto da espontânea canção dos passarinhos, tens os seios alvos e macios como o pelo sedoso dos arminhos.

Como podes dizer que os meus seios são alvos e macios se nunca os viste nem

tocaste?

Licença poética, justifico-me.

Teresa diz que passa as noites ardendo de amor por mim. Seu rosto está perto do meu, ainda com restos de lágrimas em torno dos olhos. Meu coração pesa de dor, pena, constrangimento e vergonha.

Sei que tu és virgem, diz Teresa.

Sinto o sangue enrubescer o meu rosto e um tremor de frio trespassar meu corpo. Cala-te, que palavra mais tola, virgem! E se eu te disser que amo outra mulher?

Emborco meu copo com sofreguidão. Teresa não sabe o que é ter vinte anos sem nunca ter provado o amor. Nos meus sonhos passam tantas visões, a febre me domina e meu coração bate com tanto fogo! Eu a vejo sempre, perfumada visão, romper a nuvem dos sonhos, sentar-se junto a mim e ao acordar delirante, sabendo-a tão próxima, embalde a chamo no meu coração impuro. É loucura amar um anjo.

Caminho pelas ruas desta cidade sombria, feia e suja. Na mão levo uma garrafa. Bebo pelo caminho. Não revelarei minha alma desvairada.

Luísa está deitada na minha cama. Seu alvo rosto adormecido, emoldurado pelos cabelos castanho-escuros, não parece feito de carne mas sim de outra substância ou tecido. Seu seio arfa levemente, pobre criança.

Manoel... Que horas são?, diz Luísa, acordando e espreguiçando-se suavemente.

As araras são aves belas mas pouco perspicazes, digo.

Que araras?

As aves não se interessam pelo que se passa no coração dos homens. Luísa segura minha mão e pergunta se estou bem.

Não creio, eu digo.

É a febre?

Sim, sinto febre, estou triste.

Luísa diz que também está triste, pergunta pela minha Teresa e eu respondo que Teresa não é minha, nunca foi minha, não me interessa, nada me interessa, que amo outra pessoa. É preciso amar, grito, é preciso amar, é preciso amar e só paro de gritar quando Luísa, com sua mão perfumada, tapa delicadamente minha

boca. Eu amo nosso pai e nossa mãe, diz ela.

O amor de um homem por uma mulher, exclamo, e agarro os ombros de Luísa e o seu hálito de virgem se funde com meu hálito fétido de ébrio imundo, vejo minha face de lodo pútrido no espelho e o doce rosto de Luísa exprime a revelação que aos poucos toma conta da sua mente e se aproxima lentamente, e nossas bocas se encontram, e dizemos um para o outro que não temos medo e somos lindos e nossos sonhos são bons e nossos corações são puros e deitamos na cama e abrimos corpo e espírito à nossa paixão, messe e paz, memória eterna.

Aos poucos, na penumbra do quarto a imagem de Byron se materializa. Às vezes ele surge assim, lentamente, como uma miragem dos vapores do calor. Ele está ao lado da escrivaninha e pega a caveira e diz que quando abriram o seu crânio viram que ele, Byron, tinha uma lesão do lado esquerdo do cérebro, que os ossos da sua cabeça eram extremamente duros, sem sutura aparente, como o crânio de um octogenário. A dura-máter estava tão firmemente presa nos parietais internos que os esforços repetidos de dois homens fortes foram insuficientes para separá-la. O seu cérebro pesava seis libras, o escritor de cérebro mais pesado no mundo. Meu olho esquerdo é mais proeminente do que o direito e tenho na perna um defeito de origem neurológica. Come here, you lame brat! A voz de Byron imita a de uma velha inglesa, educada e cruel, lame brat, lame brat! Ah, aquela hidra, minha mãe!

Sofro, Byron. Fala-me do teu amor por Augusta.

Que é isto? Queres arrancar os olhos em desespero, como Édipo? Lembra-te, não és um grego antigo, assombrado por deuses e demônios; és um homem moderno, um poeta, ainda que de um país atrasado e obscurantista. Inferno! Nossa vida é uma falsa natureza, não está na harmonia das coisas este duro mandato, esta inextirpável mancha de pecado.

Foi bom e alegre?

Sim, o amor tem que ser alegre, o dia em que os amantes deixarem de rir juntos é porque o amor acabou. Tive uma amante atrás da outra, na Inglaterra, na Grécia, na Itália, em todos os países por onde andei, e com todas me engajei em peçonhentas e exasperantes discussões. Mas minha irmã era diferente, foi o único ser que amei até a morte. Tivemos uma filha do nosso amor, Medora.

E não te arrependes?, pergunto, mas ele não tem remorso de nada, a não ser de um dia ter atirado num filhote de águia nas margens do golfo de Lepanto, perto de Vostitza. A ave foi ferida e ele tentou salvá-la, mas ela definhou e morreu em alguns dias.

Morrer. Não quero morrer doente, grito para o dr. Bustamante.

Infelizmente é assim que se morre, diz Byron, eu tinha sífilis, febre terçã e gonorreia, quando morri. Byron começa a desaparecer enquanto me diz que acha que estou chegando ao fim, que sente no ar a minha febre.

A morte quando se aproxima traz com ela um aroma horrível.

Não te vás, não me deixes aqui com toda a tristeza do mundo. Há, nesta vida, páginas turvas que não se apagam, nódoas que não se lavam. Sofro tanto, um Deus irado manchou de negra profecia os meus dias ao nascer, o país vacila, vê a mentira no que existe e a falsidade no que pode vir, tudo está profanado, de todas as assembleias, das vozes populares das praças públicas, das academias, de todas as associações deve correr grande luz, porque a chaga do povo é funda. Dizem que não gosto de fazer ginástica, só porque caí do cavalo, estava preocupado com uma rima difícil, da palavra púrpura.

Essa rima derruba qualquer um do cavalo, diz Byron, apenas sua cabeça ainda visível, março não é um bom mês para andar-se a cavalo, e hoje é Domingo de Ressurreição, um dia estranho para morrer.

Um tremor toma conta do meu corpo. Estou só com a cabeça de Byron, as paredes brancas e atrás da porta Bustamante e os enfermeiros. It’s vain to struggle, let me perish young. I’m dying George, dreams, dreams, dreams. **A boca da cabeça fantasmagórica** emite em surdina forward, courage, don’t be afraid, follow my example e desaparece. Levanto-me trôpego e escrevo o meu nome na parede na frente da data 25 de abril de 1852. Bustamante diz que Byron era incestuoso, fanfarrão, pederasta, sedutor de mulheres, que o Cormorant foi embora, que eu não sou Álvares de Azevedo, que o schottisch virou chorinho, que tudo mudou, outros navios de guerra, novos escravos, outros poetas, minha vida se esvai, chamai meu pai.

O JOGO DO MORTO

Eles se reuniam no Bar do Anísio, todas as noites. Marinho, dono da principal farmácia da cidade, Fernando e Gonçalves, sócios num armazém, e Anísio. Nenhum deles era natural da cidade ou mesmo da Baixada. Anísio e Fernando eram mineiros e Marinho cearense. Gonçalves viera de Portugal. Eram pequenos comerciantes, prósperos e ambiciosos. Possuíam modestas casas de veraneio no mesmo condomínio na região dos lagos, eram do Lion's, iam à igreja, levavam uma vida pacata. Tinham ainda em comum um grande interesse por todas as formas de jogo a dinheiro. Costumavam fazer apostas, entre eles, em jogos de cartas, jogos de futebol, corridas de cavalos, corridas de automóvel, concursos de misses, em tudo que fosse aleatório. Jogavam alto, mas nenhum deles costumava perder muito dinheiro, uma fase de perdas era sucedida quase sempre por uma de ganhos. Nos últimos meses, todavia, Anísio, o dono do bar, vinha perdendo continuadamente.

Jogavam cartas e bebiam cerveja na noite em que foi inventado o jogo do morto. Anísio inventou o jogo.

Aposto que o esquadrão este mês mata mais de vinte, ele disse.

Fernando observou que mais de vinte era muito vago.

Aposto que o esquadrão mata vinte e um, este mês, disse Anísio.

Só aqui na cidade ou em toda a Baixada?, perguntou Gonçalves.

Apesar de estar no Brasil há muitos anos seu sotaque ainda era forte.

Mil pratas que o esquadrão mata vinte e um, este mês, aqui em Meriti, insistiu Anísio.

Aposto que mata sessenta e nove, disse Gonçalves, rindo.

Acho muito, disse Marinho.

Estou brincando, disse Gonçalves.

Brincando porra nenhuma, disse Anísio jogando a carta com força na mesa, falou está falado, azar de quem diz besteira, cansei de quebrar a cara assim.

Era verdade.

Vocês conhecem a história do português e do sessenta e nove?, perguntou Anísio. Foram explicar para o português o que era sessenta

e nove; ele ficou horrorizado e disse — Meu Deus, que coisa mais nojenta, eu

não faria isso nem com a minha mãezinha.

Todos riram, menos Gonçalves.

Sabe que esse jogo é bom?, disse Fernando. Mil pratas que o esquadrão mata uma dúzia. Ei Anísio! que tal um queijinho para acompanhar a cervejinha? E uma porção daquele salaminho?

Anota aí, disse Anísio para Marinho, que num livro de capa verde registrava as apostas, mais mil que dos meus vinte e um dez são mulatos, oito são pretos e dois são brancos.

Quem vai decidir quem é branco, preto ou mulato? Aqui é tudo misturado. E como vamos saber se quem matou foi mesmo o esquadrão?, perguntou Gonçalves.

O que sair em O Dia é que vale. Se disser que é preto, é preto, se disser que foi o esquadrão, foi o esquadrão. De acordo?, perguntou Marinho.

Outra milha que o mais moço dos meus tem dezoito anos e o mais velho vinte e seis, disse Anísio.

Nesse instante entrou no bar O Falso Perpétuo e logo os quatro parceiros se calaram. O Falso Perpétuo tinha cabelos lisos, negros, feições ossudas, o olhar impassível e nunca ria, igual ao Perpétuo Verdadeiro, um detetive famoso que haviam assassinado anos antes. Nenhum dos jogadores sabia o que O Falso Perpétuo fazia, talvez fosse apenas um bancário ou funcionário público, mas a presença dele, que vez por outra ia ao Bar do Anísio, sempre atemorizava os quatro amigos. Ninguém sabia o seu nome, sendo O Falso Perpétuo um apelido colocado por Anísio, que dizia haver conhecido o Verdadeiro.

Ele usava dois quarenta e cinco, um de cada lado da cintura, e a gente via a cartucheira largona em cima da calça. Tinha o hábito de ficar esfregando de leve, entre os dedos, as abas do paletó, como esses bebezinhos fazem com as fraldas, um sinal de alerta, estava sempre pronto para sacar as armas e atirava com as duas mãos. Para matarem ele, teve que ser pelas costas.

O Falso Perpétuo sentou-se e pediu uma cerveja, sem olhar para os jogadores, mas virando um pouco a cabeça, o pescoço retesado; talvez prestasse atenção ao que o grupo dizia.

Acho que é só impressão da gente, murmurou Fernando, e seja lá quem ele for, pra que ficarmos preocupados? Quem não deve não teme.

Não sei, não sei, disse Anísio pensativo. Passaram a jogar as cartas em

silêncio, esperando O Falso Perpétuo ir embora.

No fim do mês, de acordo com O Dia, o esquadrão havia executado vinte e seis pessoas, sendo dezesseis mulatos, nove pretos e um branco, o mais novo tinha quinze anos, era egresso da Funabem, e o mais velho trinta e oito.

Vamos comemorar a vitória, disse Gonçalves para Marinho, que junto com ele havia ganho a maioria das apostas. Beberam cerveja, comeram queijo, presunto e pastéis.

Três meses de azar, disse Anísio soturno. Ele havia perdido também no pôquer, nos cavalos e no futebol; a lanchonete que comprara em Caxias estava dando prejuízo, seu crédito bancário piorava e a jovem mulher com quem se casara há pouco mais de seis meses gastava muito.

E agora vamos entrar em agosto, ele disse, o mês em que Getúlio deu o tiro no coração. Eu era garoto, trabalhava num bar da rua do Catete e vi tudo, o choro e os gritos, o povo desfilando diante do caixão, o corpo sendo transportado para o Santos Dumont, os soldados atirando de metralhadora na multidão. Se dei azar em julho, imaginem em agosto.

Então não aposta este mês, disse Gonçalves, que acabara de emprestar duzentos mil cruzeiros a Anísio.

Não, este mês eu pretendo recuperar parte do que perdi, disse Anísio com rancor.

Os quatro amigos, para o mês de agosto, ampliaram as regras do jogo. Além da quantidade, da idade e da cor dos mortos, foi acrescentada a naturalidade, o estado civil e a profissão. O jogo tornava-se complexo.

Acho que inventamos um jogo que vai ficar mais popular do que o jogo do bicho, disse Marinho. Já meio embriagados riram tanto que Fernando chegou a urinar nas calças.

O fim do mês se aproximava e Anísio, cada vez mais irritado, discutia frequentemente com os companheiros. Naquele dia ele estava mais exasperado e nervoso do que nunca e seus amigos esperavam, constrangidos, a hora de acabar a partida de cartas.

Quem topa um mano a mano comigo?, disse Anísio.

Mano a mano como?, perguntou Marinho, que de todos era o que ganhara mais vezes.

Aposto que o esquadrão este mês mata uma menina e um comerciante.

Duzentas mil pratas.

Que loucura, disse Gonçalves, pensando no seu dinheiro e no fato de que o esquadrão jamais matava meninas e comerciantes.

Duzentos mil, repetiu Anísio, numa voz amarga, e você, Gonçalves, para de chamar os outros de malucos, maluco é você que deixou a sua terra para vir para este país de merda.

Eu topo, disse Marinho, essa você não tem chance de ganhar, já estamos quase no fim do mês.

Perto das onze horas os parceiros acabaram a partida e se despediram rapidamente.

Os garçons foram embora e Anísio ficou sozinho no bar. Nos outros dias ele corria para casa, para perto de sua jovem mulher. Mas naquele dia ele ficou sentado bebendo cerveja até pouco depois de uma da manhã, quando bateram na porta dos fundos.

O Falso Perpétuo entrou e sentou-se na mesa de Anísio.

Quer uma cerveja?, disse Anísio, evitando tratar O Falso Perpétuo de senhor ou de você, em dúvida quanto ao grau de respeito que devia lhe tributar.

Não. Qual é o assunto? O Falso Perpétuo falava baixo, uma voz macia, apática, indiferente.

Anísio relatou as apostas no jogo do morto que ele e os amigos faziam todos os meses. O visitante ouvia em silêncio, ereto na cadeira, as mãos apoiadas nas pernas; por instantes pareceu a Anísio que O Falso Perpétuo esfregava entre os dedos as abas do paletó, como o Verdadeiro, mas não, havia sido um engano.

Anísio começou a sentir-se mal com a suavidade do homem, talvez não passasse mesmo de um funcionário burocrático. Meu Deus, pensou Anísio, duzentos mil jogados fora, ia ter que vender a lanchonete de Caxias; inesperadamente pensou em sua jovem mulher, no seu corpo tépido e redondo.

O esquadrão tem que matar uma menina e um comerciante ainda este mês para eu sair do buraco, disse Anísio.

E o que é que eu tenho com isso? Suave.

Anísio se encheu de coragem; havia bebido muita cerveja, estava à beira da ruína e sentia-se mal, como se não pudesse respirar direito.

Acho que você é do esquadrão da morte.

O Falso Perpétuo manteve-se insondável.

Qual a proposta?

Dez mil se você matar uma menina e um comerciante. Você ou os seus colegas, para mim tanto faz.

Anísio suspirou, infeliz. Agora, que via o seu plano prestes a se realizar, uma sensação de fraqueza tomava conta do seu corpo.

Você tem o dinheiro aqui? Posso fazer o serviço hoje mesmo.

Tenho em casa.

Por onde começo?

Os dois de uma vez.

Alguma preferência?

Gonçalves, o dono do armazém, e a filha.

O galego seu amigo?

Ele não é meu amigo. Outro suspiro.

Que idade tem a filha dele?

Doze anos. A imagem da menina tomando refrigerante no bar surgia e desaparecia de sua cabeça, como uma pontada de dor.

Está bem, disse O Falso Perpétuo, me mostra a casa do galego. Anísio notou então que sobre o cinto da calça ele também usava um cinturão largo.

Entraram no carro de O Falso Perpétuo e rumaram para a casa de Gonçalves. Àquela hora a cidade estava deserta. Pararam a cinquenta metros da casa. Do cofre do painel O Falso Perpétuo tirou duas folhas de papelão onde desenhou, de forma tosca, duas caveiras com as iniciais E. M. embaixo.

Vai ser rápido, disse O Falso Perpétuo saindo do carro.

Anísio colocou as mãos nos ouvidos, fechou os olhos e curvou-se no banco do carro até que o seu rosto tocou o forro plástico do assento, de onde saía um cheiro ruim que lembrava a sua infância. Seus ouvidos zumbiam. Passou-se um longo tempo, até que ouviu três tiros.

O Falso Perpétuo voltou, entrou no carro.

Vamos apanhar o meu dinheiro, já despachei os dois. Matei a velha, de lambuja.

Pararam na porta da casa de Anísio. Ele entrou em casa. Sua mulher estava deitada, as costas nuas viradas para a porta do quarto. Ela costumava deitar-se de lado e o seu corpo visto de costas era mais bonito. Anísio apanhou o dinheiro e saiu.

Sabe que não sei o seu nome, disse Anísio no carro, enquanto O Falso Perpétuo contava o dinheiro.

É melhor assim.

Eu coloquei um apelido em você.

Qual?

O Falso Perpétuo. Anísio tentou rir, mas seu coração estava pesado e triste.

Teria sido ilusão? O olhar do outro havia ficado subitamente alerta e ele esfregava delicadamente as abas do paletó. Os dois ficaram se olhando na penumbra do carro. Ao perceber o que ia acontecer Anísio sentiu uma espécie de desafogo.

O Falso Perpétuo tirou da cintura um enorme engenho negro, apontou para o peito de Anísio e atirou. Anísio ouviu o estrondo e depois um silêncio muito grande. Perdão, ele tentou dizer, sentindo o sangue na boca e procurando se lembrar de uma prece, enquanto o rosto ossudo de Cristo ao seu lado, iluminado pela luz da rua, escurecia rapidamente.

O ESCRITOR ARMADO

Sérgio Augusto

Quando este quinto livro de contos de Rubem Fonseca foi posto à venda pela Nova Fronteira, em outubro de 1979, fazia já quatro anos que o anterior, Feliz ano novo, estava proibido pela censura, sob a acusação de “exteriorizar matéria contrária à moral e aos bons costumes”— e nessa condição continuaria por mais seis anos. Pelo mesmo motivo, o conto que dá título a esta coletânea, premiado no concurso de literatura da revista Status de 1978 e levado ao palco por Beth Lopes e Luiz Cabral onze anos após sua publicação, estivera algum tempo no index do Ministério da Justiça. Nenhum outro escritor brasileiro incomodava tanto o regime na década de 1970 quanto Rubem Fonseca.



ACIMA, CAPAS DAS EDIÇÕES ESPANHOLA E ARGENTINA. ABAIXO, CAPA DA EDIÇÃO AMERICANA, DE 2008, E DA BRASILEIRA PUBLICADA EM 1991.

O *Cobrador* estreou na lista dos mais vendidos na quinta colocação, saltando, no espaço de duas semanas, para o segundo lugar, até superar o quase sempre imbatível Jorge Amado, que acabara de publicar *Farda, fardão, camisola de dormir.* Esperava-se que fosse uma extensão de *Feliz ano novo*, e não apenas por conta da reaparição, com maior destaque, do investigador-cabeça Mandrake, mas sobretudo porque o brutalizado Brasil dos anos 1970 parecia exigir cada vez mais a vigília de uma ficção incômoda, brutal, moralmente transgressiva e socialmente subversiva. Rubem Fonseca deu conta do recado.

Não há país mais real que aquele que emerge de *O Cobrador*, como escreveu na Veja a jornalista Marília Pacheco Fiorillo: “um país desagradavelmente palpável, com suas metrópoles doentes de pânico e solidão, secretando a todo

instante obsessões tão excêntricas quanto inofensivas", um país de incontroláveis surtos de violência, aterrorizado por bandidos e esquadrões da morte, tarados e justiceiros, burgueses obscenamente ricos e pobres indecorosamente desvalidos, políticos corruptos e velhinhos infelizes e amedrontados, uma falsa ilha de paz e prosperidade idiotizada pela pasmaceira televisiva.

Mais que uma coda ou um desdobramento de *Feliz ano novo*, *O Cobrador* revelou-se um marco miliário na obra do autor, um momento de "indecisão e metamorfose", nas palavras do crítico Wilson Martins, uma reviravolta experimental, envolvendo novas formas narrativas e a emergência de personagens mais problematizados, menos polarizados, "nas fronteiras indecisas em que o bom e o menos bom parecem equilibrar-se e neutralizar-se e neutralizar-se entre si, na medida inevitável em que também se repelem"; como se, a exemplo do cobrador-narrador do último conto, Rubem Fonseca estivesse fechando um ciclo de sua carreira literária e abrindo outro.

Na contracorrente das narrativas veristas, jornalísticas, confessionais e memorialísticas então predominantes no mercado editorial, *O Cobrador* oferecia uma variedade de *démarches* literárias, que iam do monólogo registrado num gravador por um misantropo pedófilo à paródia (do romance noir de Raymond Chandler e do beletrismo subdesenvolvido dos românticos brasileiros de meados do século XIX), passando pelo ensaio embutido em "H.M.S. Cormorant em Paranaguá", ao qual, aliás, Ivan Lessa dedicou uma divertida paráfrase, no semanário *O Pasquim*, intitulada "O clandestino da Cormorant"[1]. À exceção de "O jogo do morto", todos os contos são narrados na primeira pessoa, três deles por um "colega de ofício" de Rubem Fonseca. Três das histórias de *Feliz ano novo* também eram protagonizadas por poetas e escritores, mas não com o mesmo grau de comprometimento, por assim dizer, de "Pierrô da caverna", "H.S.M. Cormorant em Paranaguá" e "O Cobrador".

Neles fala-se muito em literatura, com alusões a textos e personagens admirados ou não pelo autor, levantam-se questões de estilo, crise criativa e integridade artística. Em artigo publicado no *Jornal da Tarde* (27/09/1979), o ensaísta Boris Schnaiderman mapeou o universo de referências de Rubem Fonseca, comparando a "concisão extrema e a ausência de pitoresco" do segundo episódio de "Livro de ocorrências" ao conto "Gaetaninho", de Antônio de Alcântara Machado, atribuindo a "A caminho de Assunção" "certos procedimentos caros a Isaac Bábel" (escritor russo que estaria no centro da intriga do romance *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*, escrito por Rubem Fonseca quase dez anos mais tarde), vislumbrando na Sofia de "Pierrô da

caverna” uma homenagem à machadiana heroína de *Quincas Borba*, e apontando o poeta russo Vladimir Maiakóvski como a mais evidente influência sobre as imprecações antiburguesas do poeta bandido que, no conto “O Cobrador”, troca a vida criminal pela luta armada.



EM CARTAZ

Fonseca: contos exemplares

LIVROS

NÃO PERCA

O COBRADOR

• *De Rubem Fonseca. Nova Fronteira, 182 págs.*

É muito simples: escritor é aquele que escreve. É muito chato o tema *é homem dos livros*. É muito simples: literatura se divide em *literatura* e *literatice*. *Literatura* é aquela pretensiosamente séria; *literatice* é um pouco pernóstica. Porque há aqueles que querem "fazer literatura" e há outros que criam com ou apesar da literatura: o homem perdido *é* o homem lúdico, embora às vezes cruel.

Rubem Fonseca, penso – ele prefere um bom papo descontraído a altas discussões teóricas, e quando chove no Rio ele veste uma capa de gabardine *à la* Humphrey Bogart, com o mesmo ar pensoso –, não faz *literatura*, não faz literatura, embora, criando com ela, ele consiga fazê-la, porque "a história é algo que nunca aconteceu, escrita por alguém que não estava lá" (pág. 142). Ou "Escrevo para refugiar-me de mim mesmo" (pag. 48).

Este *O Cobrador* é uma evolução natural – talvez nem tão natural assim, já que são poucos os autores que conseguem evoluir – sobre os seus outros livros. Mesmo em relação a *Feliz Ano Novo*, um livro que definiu a existência do pior crítico literário em toda a história do Brasil: o sr. Armando Falcão, que Deus o tenha. Porque a partir desse livro não pode haver mais dúvidas, em quem por acaso as tivesse: eis um grande contista, em qualquer língua, em qualquer país.

Mas Rubem Fonseca pode ser um autor incômodo, reconheço, e não só para o sr. Armando Falcão: também para as boas (ou más, dependendo do dia) consciências literárias, de quem escreve ou de quem lê. Porque ele executa – como um bandido e sua vítima – uma literatura da crueldade. Dentro desse contexto, não creio muito que haja em seus contos, como diz a orelha, "compaixão e comovida solidariedade para com o homem". Não, "comovida" é uma palavra que o escritor Rubem não usaria, ainda mais sabendo que "o homem é uma invenção recente", como disse Foucault. Rubem Fonseca, como um personagem de romance policial, vai fundo: quem quer apenas se conhecer é melhor mudar de canal. Tome a novela das oito.

O que ele pretende é pegar o outro lado do sentimento aparente (e nem sempre ancorado) do homem urbano. Já no primeiro parágrafo do primeiro conto (*Pavor de Cavernas*) ele escreve: "Existem pessoas que são se entregam à paixão, sua apatia as leva a escolher uma vida de rotina, onde vegetam como 'abacaxis numa estufa d'ananases', como dizia meu pai. Quanto a mim, o que me mantém vivo é o risco iminente da paixão e seus coadjuvantes, amor, ódio, gozo, misericórdia. Carrego um gravador a sinceiro. Apenas quero falar (...)"

Não, Coelho Neto não escreveria assim. Claro, o sr. Armando Falcão tinha lá suas razões: este autor incomoda. E a crueldade de um conto como o que dá título ao livro não poderia ser lida por criancinhas. É melhor que elas fiquem ligadas no Globo, ou que vejam bonitinhas.

O Cobrador é um livro composto de dez contos, dos quais no mínimo três ou quatro são exemplares. *Pavor de Cavernas* começa o livro por cima; é denso, fluente, ágil. *H.M.S. Corisco em Paranaque* é uma curiosa paródia de um estilo romântico nos trópicos. *Mandrake*, para quem gosta (e eu gosto), é um pastiche ou uma paródia da literatura policial de um Raymond Chandler, com um cínico *private eye* carioca, desvendando um caso de corrupção, nos intervalos de uma partida de xadrez, enquanto dorme com as mulheres bonitas que passam em seu caminho.

Há mais. E quem não ler o livro ou é muito durango ou é candidato em potencial à Academia Brasileira de Letras ou é amigo do sr. Armando Falcão. Nestes casos, o problema é seu.

Flavio Moreira da Costa

PARA FLÁVIO MOREIRA DA COSTA, EM TEXTO DE 10 DE OUTUBRO DE 1979, PUBLICADO NA ISTOÉ, O COBRADOR NÃO DEIXAVA DÚVIDAS: RUBEM FONSECA HAVIA CHEGADO AO NÍVEL DOS GRANDES CONTISTAS, “EM QUALQUER LÍNGUA, EM QUALQUER PAÍS”.



Um cosmopolita do pânico e da solidão

O COBRADOR, *de Rubem Fonseca; Nova Fronteira; 184 páginas; 150 cruzeiros.*

Rubem Fonseca — o autor premiado de "Lúcia McCartney" e do até recentemente proibido "Feliz Ano Novo" — é um daqueles casos incomuns nas letras nativas: conquistou as vitrinas das livrarias sem precisar aliciar, em seus livros, as *indefectíveis* legiões de coronéis safados e alegres prostitutas, deliciosos sociológicos e camponeses esfarrapados, ou qualquer outro dos heróis marginais típicos. Dando preferência ao cotidiano espaço da cidade grande — em vez das viagens pelos Brasis arcaicos, ou dos menos pretensiosos gritos pela esquina da malandragem — a ficção de Fonseca se alimenta de cosmopolitismo e, com isso, ganha em precisão e profundidade. E até em verossimilhança, se é que uma das humildes missões da literatura consiste em reinventar, pela palavra, o que sem ela é apenas pressentido: não há país mais real que aquele que emerge de "O Cobrador", seu sétimo lançamento, e sexto livro de contos.

MODERNIDADE — Um país desagradavelmente palpável, com suas metrópoles doentes de pânico e solidão, secretando a todo instante obsessões tão excêntricas quanto inofensivas — como a paixão por meninas de 12 anos, em "Pierrô da Caverna", ou incontroláveis surtos de violência, dissecados no último conto, que dá título ao livro.

Se fosse possível reduzir a desigualdade de uma coletânea de dez contos a uma definição única, "O Cobrador" seria um exato diagnóstico de nossa modernidade. Da riqueza fácil e ilícita que acumula espólios — "Almoço na Serra no Domingo de Carnaval" —, do terror policial tornado prosaico e natural, a ponto de transformar as façanhas do "esquadrão da morte" num pachorrento jogo de apostas com final-surpresa, em "Jogo do Morto", Fonseca rastreia nossas recentes aquisições civilizatórias e explode seus paradoxos cotidianos. Mas não cede à tentação da generalização: no último conto, "O Cobrador", a personagem não difere nada, à primeira vista, do atirador invisível do filme "Pequenos Assassinatos", o vingador anônimo que não escolhe causa nem vítima. Mas, como diz outra personagem do livro, "a Inglaterra é a Inglaterra", e a Guanabara não é Nova York: o vingador carioca acaba trocando seus tiros a esmo pela figura do Governador, e o facão das primeiras "cobranças" por um moderno arsenal de explosivos. O rancor difuso, em países como este, tem trânsito livre de um alvo para outro, dos ricaços embonecados aos barões do poder.

Mais que descrever, Rubem Fonseca observa sua matéria-prima, a degradação sem tragédia de milhões de homens anônimos. "11 de Maio" é provavelmente o melhor exemplo dessa observação: fala de velhos encarcerados em seus quartos de asilo, entre sopas ralas e doses maciças de televisão. "11 de Maio" é o nome da instituição de caridade prática, o asilo (e a data em que nasceu Fonseca), como poderia ser também a data de uma rebelião que não houve, com seus rebeldes sonolentos e cheios de autocomiseração. "Estou infeliz, tenho medo e sinto uma vontade insuportável de comer um bombom de chocolate", diz um desses cansados internetos, em meio a copiosas lágrimas.

A CRUEZA DO FATO — Histórias minúsculas, pseudobiografias que pedem *flashes* rápidos e cortantes, como se a existência que Rubem escolheu para retratar coubesse cada vez menos na fisiologia do romance, e equivalesse cada dia mais à agilidade e modéstia do conto. Basta ver o conto-miniatura, "A Caminho de Assunção", em que mais que as três páginas, utilizadas para expor o absurdo atemporal das guerras, seria já o supérfluo. Ou o conto-instantâneo de "Livro de Ocorrências", em que a brevidade da descrição é o expediente sob medida para flagrar a crueza do fato.

Sem ponificar denúncias arrogantes ou enveredar pela cômoda cumplicidade aos desenlaces, Fonseca vai registrando seu testemunho, cético, desconfiado, numa linguagem despretensiosa e fácil, sem elipses ou sustos para o leitor. "O Cobrador", sob esse aspecto, não traz maiores revoluções estilísticas. Os únicos contos, aliás, que fogem à linearidade narrativa são os que aludem à própria condição do escritor. "Pierrô da Caverna" e "HMS Cormorant em Paranaguá". Datado em 1852, este último é uma paródia do espírito beletrista dos países subdesenvolvidos. O protagonista, jovem poeta romântico, passa o tempo dilacerado entre aparições de Byron, anglicismos e um navio britânico (o "Cormorant") que escoltaria veleidades de soberania nacional. Sobra uma vaga sensação de que o gesto de escrever não passa de mero artificialismo: "Bustamante diz que Byron era incestuoso, fanfarrão, pederasta . . . que o Cormorant foi embora, que eu não sou Álvares de Azevedo, que o *schnittech* virou chorinho, que tudo mudou, outros navios de guerra, novos escravos, outros poetas, minha vida se esvai, chamai meu pai", diz seu último monólogo. Quem sou?, pergunta o homem de letras nacional. Uma identidade reflexa, ambígua, transitória. Este é um conto para ser lido à maneira do ensaio, devagar, em cada uma de suas frases.

MARÍLIA PACHECO FIORILLO

No Departamento de Cultura: o escritor das metrópoles doentes

VEJA, 17 DE OUTUBRO, 1979

EM MATÉRIA PUBLICADA NA VEJA, NO DIA 17 DE OUTUBRO DE 1979, MARÍLIA PACHECO FIORILLO APRESENTA O RECÉM--LANÇADO LIVRO DE CONTOS DE RUBEM FONSECA COMO "UM EXATO DIAGNÓSTICO DE NOSSA MODERNIDADE" NARRADO "NUMA LINGUAGEM DESPRETENSIOSA E FÁCIL, SEM ELIPSES OU SUSTOS PARA O LEITOR".

Houve quem percebesse na aproximação das figuras do escritor, do bandido e do guerrilheiro um repto à acomodação estética imposta pela atuação da censura e pelas pressões do mercado sobre o conjunto das produções artísticas. A censura afinal acabaria na década seguinte, mas as forças do mercado prosseguiriam

incontroláveis, cada vez mais fortes, impondo novos desafios (e novas cobranças) a Rubem Fonseca.



PREPARE-SE. VEM AÍ UM COBRADOR A MANDO DE RUBEM FONSECA

EROTISMO E LITERATURA

"A

A MATÉRIA DO CADERNO B DO *JORNAL DO BRASIL*, DE 8 DE SETEMBRO DE 1979, TRAZ TRECHOS DO PARECER DO CRÍTICO LITERÁRIO AFRÂNIO COUTINHO SOBRE A PROIBIÇÃO DE *FELIZ ANO NOVO*, LIVRO PUBLICADO POR RUBEM FONSECA QUATRO ANOS ANTES DE O COBRADOR E APONTADO COMO PORNOGRÁFICO.

PARÓDIA E CONCISÃO NUM LIVRO DE RUBEM FONSECA[2]

Boris Schnaiderman

Se alguém começar a leitura de *O Cobrador,* de Rubem Fonseca, pelo conto "O jogo morto", ficará com a impressão de que o escritor está apresentando um tipo de história com que já nos acostumou e na qual adquiriu um domínio invejável: o conto de violência e banditismo, descritos frequentemente com simplicidade, num tom cotidiano e isento de patético, como se a morte nestas circunstâncias fosse algo normal e aceitável.

No caso, esta impressão se reforça pelo fato de a ação se passar na Baixada Fluminense, numa das zonas de domínio do Esquadrão da Morte. Eventualmente, alguém pode especular sobre a figura misteriosa de Falso Perpétuo atribuir a tudo um tom metafísico. Tem-se, pelo menos, esta possibilidade em suspenso.

Outras vezes, a placidez nos relatos sinistros chega ao máximo, mas, ao mesmo tempo, o sinistro que aparece é um sinistro com que estamos acostumados a conviver nas grandes cidades. O caso do menino atropelado, no segundo episódio de "Livro de ocorrências", faz surgir na lembrança de cada um alguma cena presenciada, umas destas cenas que acabamos esquecendo, pois, afinal, é preciso viver sob a lei da selva. A concisão extrema e a ausência de pitoresco tornam essa história cotidiana realmente exemplar, de uma exemplaridade maior do que, por exemplo, a do famoso e notável "Gaetaninho", de Antônio de Alcântara Machado, sobre episódio do mesmo tipo. No entanto, essas histórias que nos trazem um tom muito frequente no autor, não dão a tônica do livro.

Elas estão aí como uma espécie de contraponto, pois outros contos revelam mais soltura de imaginário, um desprendimento maior na relação entre o imaginado e o empírico. Não é por acaso que o livro tem como epígrafe a "Encantação pelo riso", de Vielimir Khlébnikov, na tradução de Haroldo de Campos: "Ride, ridentes! Derride, derridentes!" etc., etc., que, a par da exaltação do riso, é um hino à soltura, à exploração de camadas insuspeitadas na linguagem.

No conto inicial, "Pierrô da caverna", um escritor monologa com a "maquineta", isto é, um gravador. Ele busca assim uma liberdade de expressão que a palavra escrita não lhe permitia. Quando utilizava esta, precisava buscar "o estilo requintado que os críticos tanto elogiam e que é apenas um trabalho

paciente de ourivesaria". Por exemplo, ele "jamais escreveria inconciliabilidade". Sua vida corriqueira era o oposto da "alegoria sobre a ambição, a soberba e a impiedade" que seu "prestígio de escritor" impelia a incluir numa novela. Apesar da "correspondência entre o registro oral e o verbal" que percebe, o uso do gravador é para ele uma libertação. Mas uma libertação com uso imoderado do literário que acumulara na memória. Surge então uma sarabanda de alusões a textos, a tal ponto que ele chega a usar uma frase em grego. Tem-se aí uma inversão curiosa: a oralidade é que permite uma explosão mais livre do literário verdadeiro, freado no cotidiano pelas convenções mesquinhas da "vida literária".

Tudo isso está mesclado com uma história do dia a dia, mas, também aí, o literário penetra soberano. A menininha de doze anos que ele, um cinquentão, acaba possuindo, chama-se Sofia como a heroína de Quincas Borba. Pode ser apenas coincidência, é claro. Mas lá vem o trecho: "Eu sou diferente a cada semana, a cada dia, sou contraditório, bruto e delicado, cruel e generoso, compreensivo e impiedoso. Essa confissão eu jamais faria por escrito, muitos ecos e rimas ginasianas." E, no romance de Machado, lemos: "Então a entrevista da rua da Harmonia, Sofia, Carlos Maria, esse chocalho de rimas sonoras e delinquentes é tudo calúnia?" Será coincidência, ainda, esta semelhança entre as "rimas ginasianas" e as "rimas delinquentes"? Em meio do monólogo aloucado do cinquentão repontam outros ecos machadianos. "Após contemplarmos certas coisas, ou uma determinada coisa, há que mudar de vida." De onde saiu este "há que mudar"? Parece que ele insiste em usar, ao lado de formas bem coloquiais, outras que só o acervo de elementos literários de sua memória poderia sugerir. Logo nos lembramos das violetas que, "para terem um cheiro superior, hão mister de estrume de porco" do capítulo XCII de Dom Casmurro. Aliás, no próprio Machado, repercutem aqui, segundo parece, alguns textos mais antigos e o literário solene da época.

Toda a história lembra algo da Grécia, frequentemente da Grécia contaminada pela luxúria oriental — a Grécia da decadência. O próprio nome do pai da menina reboa a princípio com a grandiosidade clássica: Milcíades. Mas, ameaçador inicialmente em relação ao "sedutor" de sua filha (parece mais certo: seduzido por ela), amolece e acaba tomando um uísque no apartamento deste ("com voz mais suave e conciliadora: com gelo"). Evidentemente, Grécia e mundo moderno se misturam, os planos do literário e do real acabam embaralhados.

Mas, apesar de toda essa liberdade que o escritor assume diante do gravador,

acaba aparecendo a dificuldade de comunicar: “Não sei, estou muito confuso, sinto que estou escondendo coisas de mim, eu sempre faço isso quando escrevo mas nunca pensei que o fizesse falando em segredo com esta fria maquineta.” E, ao mesmo tempo, toda esta dificuldade de comunicação, tão angustiosa, não o impede de contar de modo excelente uma história construída, com início, meio e fim, entre os episódios soltos e a literatura de seu monólogo oral.

Em outros contos, igualmente, percebe-se a repercussão de textos dos escritores mais diversos. “A caminho de Assunção” parece retomar, como parte de um sistema literário pessoal, certos procedimentos caros a Isaac Bábel (a frase curta e fustigante; os pormenores de cor e de cheiro que se destacam; a guerra em seu horror, dada incisivamente em primeiros planos eisensteinianos, pode-se dizer — uma sucessão de metonímias que se gravam na memória; tudo isso numa verdadeira “montagem” de episódio, em quatro páginas escassas, mas altamente significativas): teríamos assim histórias da Guerra Russo-Polonesa de 1920 repercutindo numa narrativa sobre a Guerra do Paraguai!

“H.M.S. *Cormorant* em Paranaguá” trata do período, no Segundo Império nosso, em que a hostilidade aos ingleses explodiu, culminando na “Questão Christie”. Aparecem ali, em profusão, clichês do romantismo, episódios que parecem repetir passagens da biografia de Álvares de Azevedo, numa sequência muito doida, em que o próprio poeta surge também no texto, mas às vezes parece fundir-se com a figura de Byron; alusões shakespeareanas transmudam-se no kitsch romântico tão comum nos nossos poetas da época, e o personagem, em meio do seu delírio, chega a falar em versos tão pífios que se tornam tocantes. Esta transposição nunca é feita mecanicamente no livro, o elemento literário transposto adquire outras conotações e matizes. Se isto já aparece nas histórias referidas até agora, torna-se mais evidente, ainda, no último conto do volume e que lhe dá título. Ou melhor, este último conto repete, com maior concentração temática, a riqueza de elementos paródicos que há no primeiro.[3] Jornais russos dos dias da Revolução de Outubro noticiaram que os marinheiros investiram contra o Palácio de Inverno cantando e gritando os versos de Maiakóvski: “Come ananás, mastiga perdiz/teu dia está prestes, burguês.” (Esta tradução é de Augusto de Campos). Pois bem, o conto “O Cobrador” foi construído evidentemente com base neste dístico, o próprio autor nos dá a indicação, pois seu personagem, tão imbuído de ódio aos burgueses, aos bem-situados na vida, chega a exclamar antes de suas vinganças: “Come caviar/ teu dia vai chegar.” Veja-se bem, este personagem não tem nada de revolucionário, é um revoltado que atua exclusivamente no plano individual, todo o tom é rebaixado, quando se compara o texto com os de Maiakóvski. Os poemas capengas do “Cobrador”

estão aí para reafirmar isto. Sua vingança não vai além do assassínio frio e calculado e, antes de matar, suas palavras insistem numa exigência bem individual: “Tão me devendo colégio, namorada, aparelho de som, respeito, sanduíche de mortadela no botequim da rua Vieira Fazenda, sorvete, bola de futebol.” Outras palavras suas antes de uma “ação”: “Eu não pago mais nada, cansei de pagar!, gritei para ele, agora eu só cobro!”

Fora destes momentos de exaltação, é um rapaz sofrido e sensível, que chega a dizer de si mesmo: “Sou uma pessoa tímida, tenho levado tanta porrada na vida (...)”. Sua relação com a velha dona Clotilde, de quem aluga um quarto, mostra bem o carinho, a ternura de que é capaz. Quando, porém, se assume como “o Cobrador”, seu tom de voz adquire algo maiakovskiano, o maiakovskiano dos momentos grandiosos, hiperbólicos, mas evidentemente com outro timbre. Chega a dizer: “Onde eu passo o asfalto derrete.”

O amor atinge o rapaz de modo completamente inesperado para o leitor, numa figura de moça da burguesia. E é completamente inesperado, também, o toque de erudição no seu monólogo: “Faço hora para ir na casa da moça branca. Chama-se Ana. Gosto de Ana, palindrômico.” E, no desenrolar de seu romance, refere-se a ela mais uma vez como Ana Palindrômica. Outras alusões maiakovskianas são também evidentes no conto. Numa passagem ele diz: “Estamos no meu quarto, em pé, sobrancelha com sobrancelha, como no poema (...)”. Tem-se aí uma referência direta à Carta a Tatiana Iácovlevla: “Na estatura/ só você me ombreia,/ fique, pois,/ sobrancelha a sobrancelha,/ ao meu lado.” (Tradução de Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman)

Depois desta citação, o próprio conto passa a espraiar-se um pouco em escadinha, como os versos de Maiakóvski na década de 1920. Mais uma vez, aparece imagem inesperada: “(...) ela grita, a boca aberta, os dentes brancos como de um elefante jovem (...)”. Não será um eco do “elefante cansado” que surge de chofre num poema de Maiakóvski, Lílitchka!, que era, ao mesmo tempo, uma carta de amor?

As ações individuais violentas do “Cobrador”, no final, transformam-se em algo de maior amplitude; ele parte em companhia de Ana para executar morticínios; todavia, por mais que afirme: “Agora sei. Ana me ajudou a ver”, em nenhum momento se vislumbra um revolucionário e Maiakóvski foi, realmente, transposto para um plano intencionalmente rebaixado, a par de toda a virulência humana do “vingador”.

Em todas as histórias, aparecem reflexos evidentes da História. Por mais que isto lembre um espelho deformante, por mais que se sugira uma outra história

por trás da que foi narrada, e o discurso misture o imaginado e o real, este não desaparece, não se dissolve no fluxo das palavras, apesar de toda a importância que elas assumem. O tratamento paródico parece destacá-las e recortá-las num quadro multiforme, que é reflexo e contraposição diversificada de outros quadros, tudo isto unificado habilmente num mundo ficcional rico, mas contido num pequeno livro.

O AUTOR

Contista, romancista, ensaísta, roteirista e “cineasta frustrado”, Rubem Fonseca precisou publicar apenas dois ou três livros para ser consagrado como um dos mais originais prosadores brasileiros contemporâneos. Com suas narrativas velozes e sofisticadamente cosmopolitas, cheias de violência, erotismo, irreverência e construídas em estilo contido, elíptico, cinematográfico, reinventou entre nós uma literatura *noir* ao mesmo tempo clássica e pop, brutalista e sutil — a forma perfeita para quem escreve sobre “pessoas empilhadas na cidade enquanto os tecnocratas afiam o arame farpado”.

Carioca desde os oito anos, Rubem Fonseca nasceu em Juiz de Fora, em 11 de maio de 1925. Leitor precoce porém atípico, não descobriu a literatura (ou apenas o prazer de ler) no *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, como é ou era de praxe entre nós, mas devorando autores de romances de aventura e policiais de variada categoria: de Rafael Sabatini a Edgar Allan Poe, passando por Emilio Salgari, Michel Zevaco, Ponson du Terrail, Karl May, Julio Verne e Edgard Wallace. Era ainda adolescente quando se aproximou dos primeiros clássicos (Homero, Virgílio, Dante, Shakespeare, Cervantes) e dos primeiros modernos (Dostoiévski, Maupassant, Proust). Nunca deixou de ser um leitor voraz e ecumênico, sobretudo da literatura americana, sua mais visível influência.

Por pouco não fez de tudo na vida. Foi *office boy*, escriturário, nadador, revisor de jornal, comissário de polícia — até que se formou em Direito, virou professor da Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas e, por fim, executivo da Light do Rio de Janeiro. Escritor publicamente exposto, só no início dos anos 1960, quando as revistas *O Cruzeiro* e *Senhor* publicaram dois contos de sua autoria.

Em 1963, a primeira coletânea de contos, *Os prisioneiros*, foi imediatamente reconhecida pela crítica como a obra mais criativa da literatura brasileira em muitos anos; seguida, dois anos depois, de outra, *A coleira do cão*, a prova definitiva de que a ficção urbana encontrara seu mais audacioso e incisivo cronista. Com a terceira coletânea, *Lúcia McCartney*, tornou-se um best-seller e ganhou o maior prêmio para narrativas curtas do país.

Já era considerado o maior contista brasileiro quando, em 1973, publicou seu primeiro romance, *O caso Morel*, um dos mais vendidos daquele ano, depois traduzido para o francês e acolhido com entusiasmo pela crítica europeia. Sua carreira internacional estava apenas começando. Em 2003, ganhou o Prêmio Juan Rulfo e o Prêmio Camões, o mais importante da língua portuguesa. Com

várias de suas histórias adaptadas ao cinema, ao teatro e à televisão, Rubem Fonseca já publicou 12 coletâneas de contos e 11 romances, sendo o último deles *O seminarista* (Agir, 2009).

[1] * Ainda no Pasquim, Ivan Lessa identificou a folclórica figura, “que bebia o mijo dos mictórios dos cinemas de Copacabana”, mencionada num poema do vingativo protagonista de “O Cobrador”. Segundo Lessa, o misterioso urinófilo tinha apelido, sim, “Canudinho”, e operava amiúde no mictório do cine Roxy, deixando cuidadosamente armado no vaso uma espécie de copinho feito com o programa do cinema. Usava peruca vermelha e “ficava andando aflito no saguão esperando o cálice transbordante que a ele o Senhor destinara”, sem importunar ninguém.

[2] Texto revisto pelo autor. Na época de sua publicação, em 1980, foi intitulado, pelo Jornal da Tarde, “Rubem Fonseca, precioso. Num pequeno Livro”.

[3] Na edição de 1980, o conto “O Cobrador” fechava e “Pierrô da Caverna” abria a coletânea. (N. do E.)

Sumário

Capa
Ficha catalográfica
O cobrador
Pierrô da caverna
Encontro no Amazonas
A caminho de Assunção
Mandrake
Livro de ocorrências
Onze de maio
Almoço na serra no domingo de carnaval
H. M. S.
O jogo do morto
O escritor armado
Paródia e concisão num livro de Rubem Fonseca
O autor
Sumário